



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH), *CAMPUS I*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO
DO CONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL (PGDR)

ADEMIR SANTOS AMPARO

TERREIRO DO COBRE:
Gestão do conhecimento, comunicação e resistência

SALVADOR –BAHIA-BRASIL
2012

ADEMIR SANTOS AMPARO

TERREIRO DO COBRE:
Gestão do conhecimento, comunicação e resistência

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade do Estado da Bahia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional, sob a orientação da Professora Doutora Leliana Santos de Sousa.

SALVADOR-BAHIA-BRASIL
2012

A526

Amparo, Ademir Santos
Terreiro do Cobre: Gestão do Conhecimento,
comunicação e resistência/ Ademir Santos Amparo- Salvador,
2012

131f.:il

Orientador: Prof.^a Dr.^a Leliana Santos de Sousa
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Ciências Humanas- DCH-CAMPUS I.Programa de
Pós-Graduação em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e
Desenvolvimento Regional- PGDR

1.Comunicação- Terreiro do Cobre 2. Gestão do conhecimento-
-Terreiro do Cobre 3, Candomblé- saberes e fazeres culturais
1.Título

ADEMIR SANTOS AMPARO

TERREIRO DO COBRE:

Gestão do conhecimento, comunicação e resistência

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade do Estado da Bahia, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional, sob a orientação da Professora Doutora Leliana Santos de Sousa.

Aprovado pela banca examinadora em 30 de março de 2012.

Profa. Dra. Leliana Santos de Sousa - UNEB
Orientador

Prof. Dr. Luiz Carlos dos Santos – UNEB

Profa. Dra. Marise de Santana – UESB

DEDICATÓRIA

Ofereço à água que me fez vida no ventre de minha mãe;

Às folhas que revestiram as paredes da quartinha da fertilidade e fez brotar as raízes do obi me transformando em uma árvore frondosa;

Ao metal que deu origem à lâmina do meu pai, lâmina que cortou o meu cordão umbilical, fio condutor dos registros de toda ancestralidade que carrego;

À primeira esfera, que com seu ogó me transporta ao passado, presente e futuro;

Ao fogo de meu pai, que com a força e o poder do Oxé animam minha vida e cria possibilidades para que eu possa resistir e continuar lutando por dias melhores na mãe terra.

AGRADECIMENTOS

A Olorum, criador de todos os seres visíveis e invisíveis;

Aos meus ancestrais mais velhos, raiz e sustentação da árvore que me integro, responsáveis por sugar da terra a energia vital que alimenta todos os meus pertencimentos;

Aos meus pais, contribuintes igualitários para minha existência e sobrevivência;

A toda minha família consanguínea que soube entender o meu distanciamento em busca do conhecimento e de revelações transformadoras para minha vida;

A minha esposa Ana Maria, grande companheira dedicada e amorosa, vela que conduz minha embarcação nas águas dos rios e mares;

A minha filha Bela Mawusi, livro de ensinamentos que a vida me presenteou;

À Profa. Dra. Leliana, orientadora acadêmica e da vida, que soube me manter vivo e produtivo no momento em que meus pais fizeram seus rituais de passagem;

À Profa. Dra. Eliane Costa Santos, minha sogra espiritual, minha amiga e irmã, referencial de resistência e fé;

Ao Prof. Dr. Valdélcio Santos Silva por oferecer suporte na comunidade do terreiro do Cobre e na academia para elucidação da pesquisa;

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos dos Santos por me fazer entender a necessidade da imparcialidade no olhar do pesquisador;

Ao Mestre Marco Antonio (in memoriam), filósofo e professor que fez seu ritual de passagem para participar do banquete de Sócrates. Importante pensador contribuinte para vida de todos que tiveram oportunidade de convivência e pesquisa.

Especialmente

À Yalorixá Valnizia de Ayrá por promover a retomada do saber ancestral no Terreiro do Cobre, permitindo na prática a conexão com a imaterialidade em permanência colaboração e contribuição com as comunidades interna e externa, coadunando com todas as ferramentas da gestão do conhecimento.

A todos os filhos e filhas do Cobre pelo acolhimento e contribuições a esta pesquisa, possibilitando ao olhar de um pesquisador muitos momentos inesquecíveis durante o garimpo de campo. Momentos gravados com muito afeto no espírito, que afloraram pertencimentos ancestrais.

O MELHOR LIVRO DE CADA PESSOA (Esiel Santos)

No sono eterno que dormimos já acordados
Pois dormindo estamos para acordarmos a todo tempo em contato com o novo
Que nos acrescenta algo... Devemos ler!
Nem todo conhecimento está nos livros
E não existe um único livro que contenha em si todo o conhecimento do mundo
Todos somos livros
E como livros
Abertos ou fechados
Cabe a cada um de nós
Em contato com o outro
Disposto, indisposto, o oposto
Abri-lo, lê-lo
E junto ao mesmo saboreá-lo
Deleite-se comigo a minha glória
E contigo, da mesma forma, saboreio a vossa história
Que sábio sejas para compreender
Que teu livro não é melhor que o de ninguém
E do mesmo modo, não há livro melhor que o seu
Todos somos livros
E livres somos para, ao mesmo tempo, sozinho e com o outro
Escrever a nossa história

RESUMO

Na comunicação do terreiro do Cobre, é nítida a presença de elementos básicos para a resistência e continuidade. **Os gestos** podem compor o imagético textual dentro da comunicação dos orixás, pois verifica-se o dito, o não dito, explícitos, implícitos, mensagens subliminares, postos e pressupostos em uma velocidade e variedade que somente com bastante atenção podem ser percebidos. **A planta** dentro do terreiro é poderoso veículo da oralidade, transcendendo e transformando seu caráter material. **As cores** representam traços fortes de um povo ou uma nação, demarcando limites do domínio de uma etnia. A resistência e continuidade das tradições da religião africana, temática desta pesquisa, têm sido possíveis com a capacidade de velar os mistérios, de segmentar código com seus adeptos e de manter os rituais em língua original, ensinada aos mais jovens pelos mais velhos. Neste estudo, busca-se investigar quais os aspectos na comunidade do Cobre redefinem e recuperam a memória de seus antepassados para preservar a tradição do candomblé, buscando compreender como os fazeres e os saberes são herdados e transferidos através das relações entre os indivíduos. Especificamente, buscaremos identificar os principais aspectos que redefinem e recuperam o conhecimento ancestral no terreiro do Cobre, estabelecer relação entre os aspectos de redefinição e recuperação do conhecimento com a gestão do conhecimento e destacar os aspectos que podem ser incluídos na relação com o saber através da comunicação e da gestão do conhecimento.

Palavras-chave: Comunicação. Gestão do conhecimento. Comunidade de terreiro. Rituais. Línguas africanas. Relação com o saber.

ABSTRACT

The communication of the yard Copper is clear the presence of basic elements for the resistance and continuity. The gestures can compose the imagery within the text communication of deities, because there is the saying, the unspoken, explicit, implicit, subliminal messages, posts and assumptions on speed and variety that only with careful attention can be perceived. The plant in the yard is a powerful vehicle of orality, transcending and transforming its character material. The colors represent strong traits of a people or a nation, marking the boundaries of ethnicity. Resistance and continuity of the traditions of African religion, a theme of this research have been possible with the ability to ensure the mysteries of target code with their fans and keep the rituals in the original language, taught to the younger elders. In this study aims to investigate which aspects of the community of Copper redefines and reclaims the memory of their ancestors to preserve the tradition of Candomblé, trying to understand how the doings and knowledge are inherited and passed through the relationships between individuals. Specifically we will seek to identify key issues that redefines and reclaims the ancient knowledge in the yard of Cobre, to establish the relationship between the reset and recovery aspects of knowledge in knowledge management and highlight aspects that may be included in relation to knowledge through communication and knowledge management

Key words: Communication. Knowledge management. Religious community. Rituals. African languages. Relationship with knowledge.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

1 RUA DO BAIRRO DO ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO.....	29
2 COCADA TÍPICA DO BAIRRO	30
3 ACARAJÉ NA FRITURA.....	31
4 MOQUECA DE PEIXE.....	31
5 FACHADA DO TERREIRO EM 1938.....	33
6 OGÃS REUNIDOS NA FRENTE DO COBRE - 1938.....	34
7 MÃE VAL ENTOANDO CÂNTICO SAGRADO DURANTE A CAMINHADA....	40
8 EGBOMY DÓ DE OGUM E EGBOMY TELINHA DE YEMANJÁ.....	41
9 CARRO DE SOM PUXANDO A CAMINHADA.....	41
10 RODA DE CONVERSA NO JANTAR CULTURAL 2011.....	43
11 APRESENTAÇÃO MUSICAL NO JANTAR CULTURAL.....	44
12 PRONUNCIAMENTO DE MÃE VAL NO JANTAR CULTURAL.....	44
13 ACERVO PESSOAL DE MÃE VAL.....	63
14 MÃE VAL E CRIANÇAS DA COMUNIDADE DO BAIRRO.....	65

LISTA DE FIGURAS

1 OXÉ DE XANGÔ.....	35
2 CONHECIMENTO.....	51
3 RETROALIMENTAÇÃO.....	81
4 XIRÊ DO CONHECIMENTO	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 E O TERREIRO DO COBRE DO ENGENHO AOS TEMPLOS SAGRADOS	27
2.1 QUILOMBO URBANO.....	28
2.2 TERREIRO DO COBRE.....	32
2.2.1 Caminhada contra intolerância religiosa.....	38
2.2.2 Jantar Cultural.....	42
2.2.3 Um momento de comunicação direta com Ayrá.....	47
3 TERREIRO DO COBRE E GESTÃO DO CONHECIMENTO.....	50
4 TERREIRO DO COBRE E COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA.....	59
4.1 OFICINAS DO SABER DO TERREIRO DO COBRE.....	65
4.2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL COM OS PERTENCIMENTOS AFRICANOS.....	76
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS.....	84
APÊNDICES.....	88
ANEXOS.....	126
GLOSSÁRIO.....	130

1 INTRODUÇÃO

O terreiro do Cobre, localizado no bairro do Engenho Velho da Federação, Rua Apolinário Santana, 154, no centro da cidade de Salvador, tem sua origem nas tradições africanas, onde cultua a religião do candomblé nas raízes da nação Ketu. O terreiro secular liderado pela Yalorixá Valnizia de Ayrá é um importante marco de resistência e manutenção das tradições africanas na Bahia e no Brasil. A resistência e manutenção têm garantia na oralidade e na passagem do conhecimento dentro das relações entre os indivíduos em uma comunidade religiosa. Além disso, o terreiro do Cobre é uma instituição antiga e com ocupação territorial comprovada e ininterrupta desde o século passado até os dias atuais.

Sua história remonta ao século XIX, quando no final de 1889, o terreiro se transferiu da Barroquinha para o bairro do Engenho Velho da Federação, conforme relatos orais dos filhos de santo mais velhos. O terreiro ostenta a orgulhosa condição de uma casa respeitada por todos os cultuadores e simpatizantes do candomblé, não somente pela beleza de suas festas públicas como também pela seriedade, respeito, harmonia e paz de como pratica a religião.

A identidade pessoal do autor se constituiu a partir de estudos na graduação, quando em 2008 pesquisava o orixá da comunicação como tema do trabalho de conclusão do curso Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na UNIME – União Metropolitana de Educação e Cultura. Em pesquisa de campo e gravação de documentário com o mesmo título do TCC, o autor se identificou com a festa do Orixá Ibeji, com características específicas que despertaram a vontade de aprofundamento em pesquisa nas tradições do terreiro do Cobre.

Existe uma corda sacra de Ibeji que é dependurada várias frutas, além de alguns quiabos. A corda permanece pendurada no barracão durante todo o ano, no dia da festa é enfeitada com muitas frutas, balas e quiabo, tudo amarrado. É colocado ali, ainda, um axé, específico de Ibeji. Durante o xirê, tem o ritual normal, com as cantigas de Ibeji, e à medida que vão cantando uma determinada música sagrada os filhos e filhas de santo vão tocando nas frutas. Em um momento, há uma cantiga de Ibeji que convida as crianças a puxar tudo que está dependurado na corda. As crianças presentes se envolvem e pegam para si as frutas que estão dependuradas. Antes de as crianças puxarem, um ogã da casa, anteriormente preparado, retira o axé, que fica de um ano

para outro, guardado aos pés de Ibeji. No ano seguinte, a oferenda é despachada e outra é feita. Depois de tudo, é servido o caruru aos convidados.

A festa de Ibeji encantou o autor, principalmente quando os signos de suas crenças estão presentes sem que haja sincretismos. No terreiro do Cobre, o orixá Ibeji não é associado aos santos gêmeos (Cosme e Damião) do catolicismo, assim como os tantos outros Orixás ali cultuados não estabelecem relação com os outros santos católicos.

Abaixo, um poema inédito escrito por D. Branca do Candeal¹ sobre as impressões a respeito do orixá.

IBEJI

Latari kan óferéfé inú
 Já àwọn méji
 Kan bi funlaye ekini
 Ati nã omiran dé léhin
 Amò niti kanná nirira
 Bi méji

Lakoko
 Ni ojo ibi
 Taiwo wá niwaju
 Kéhindé léhin
 Amò nlo kanná dapo
 Ki laibi awon _meji

Mabaço, Ejíré Mejeji
 Ibeji ni ibi meji
 Kan jé isoju omiran
 Ta bi ni kanná emi ni meji.

Tradução

Por um espaço na barriga
 Brigaram os dois
 Um se acomodou primeiro
 E o outro chegou depois
 Mas da mesma cópula
 Foram gerados os dois

No dia do nascimento
 Taiwo veio na frente
 Kéhinde chegou depois
 Mas do mesmo enjoo
 Nasceram os dois

¹ Professora de yorubá e poetisa.

Mabaço gêmeos ou dois dois
 Ibeji é nascido a dois
 Um é a cara do outro
 Ou é a mesma alma nos dois.

Forma de Saudação: Táyé Èjiré
 Ta –Iluminem, derramem, espalhem luz
 Ayé- Mundo
 Ejíré- gêmeos,

Bi – Nascer
 Ibi – Nascido
 Meji – Dois
 Ibeji – Nascido a dois

O Mito relacionado ao orixá Ibeji está presente na história contada por Ebomi Cici de Souza do Terreiro Aganju, no Jornal A Tarde.

Xangô andava muito aborrecido com algo que vinha acontecendo em seu palácio.

Todas as vezes que o amalá estava pronto, Exu aparecia e virava a gamela com a comida.

O que irritava Xangô ainda mais era que Exu ainda debochava dele. Depois saía correndo.

Depois de dias seguidos acontecendo a mesma, Xangô, furioso, balançou a cabeça, bateu uma mão na outra. Logo raios e travões sacudiram a terra.

Foi então que seus filhos gêmeos, os Ibejis, entraram e perguntaram: o que é que foi meu pai?!

Xangô contou o que Exu andava fazendo e disse que não sabia o que fazer.

- Deixe com a gente, pai!

Xangô ficou emocionado, mas pensou: o que esses pedacinhos de gente podem fazer?

Na hora marcada para o amalá, os meninos voltaram. Só que um deles ficou escondido. Então, quando o Exu entrou, o Ibeji disse:

- Alto lar que eu tenho uma proposta pra lhe fazer!

A proposta era que no dia ele ia tocar uma música para Exu dançar e que se Exu cansasse não poderia mais entrar no palácio.

- O que tem de pequeno tem de ousado! Aceito a aposta com uma condição. Se tu cansar primeiro eu venho morar aqui!...

- Combinado!

Quando Exu se retirou, o Ibeji pediu que seu pai fizesse um batá (tipo de tambor) e o colocasse próximo a uma porta no canto do palácio. No dia marcado, Exu chegou e o Ibeji tocou o batá. Exu começou a dançar no ritmo do tambor e de forma inebriante. Parecia em êxtase!

E assim continuaram por horas. Mas o que Exu não sabia era que, quando o Ibeji começava a se cansar, trocava de lugar com o irmão escondido atrás da porta.

Por fim, o Exu não aguentou e caiu completamente exausto. Antes de partir, ele fez um pedido a Xangô:

- Deixe um pouco do almoço lá fora?!

A questão estava resolvida!

- Eis os meus filhos Ibejis, os dois-dois. São duas crianças que chegam onde os adultos não chegam! (A TARDE, 2007)

Entre outros momentos relevantes, surgiram nessa convivência as reflexões e o interesse que envolve os aspectos presentes na gestão social do conhecimento da comunidade do Terreiro do Cobre, importantes para redefinição e recuperação do conhecimento ancestral.

A valorização do saber no terreiro do Cobre tem sido importante para manutenção e resistência das tradições africanas passadas de geração a geração, onde seus atores são agentes do processo histórico cultural da religião do candomblé, redefinindo e recuperando o legado ancestral através da oralidade.

Figueiredo (2005) condiciona qualquer ação a ser, intencional ou não, organizada e implementada, através de uma equipe ou não, com a finalidade de cumprir objetivos da gestão do conhecimento. Deve-se focar no aprendizado, fluxo de informação relevante, processos de transferência, criação, disseminação, compartilhamento, codificação e reutilização efetiva. Não só os aspectos físicos estão relacionados, como também os valores culturais e sociais. A socialização é o processo tácito a partir de conhecimento que se dá através da partilha de experiências.

Por meio das relações, os indivíduos combinam-se criando um novo conhecimento explícito.

A externalização é o processo que converte o conhecimento tácito de um indivíduo em conhecimento explícito, usando palavras e códigos. A internalização é o processo que incorpora o conhecimento explícito externalizado de volta ao conhecimento tácito do indivíduo

Nesta pesquisa, questionou-se: como a comunidade do terreiro do Cobre redefine e recupera o conhecimento ancestral para preservação da tradição do candomblé?

No curso das investigações, foram adotadas como questões norteadoras: Quais os principais aspectos para redefinição e recuperação do conhecimento utilizado entre os indivíduos da comunidade do terreiro do Cobre?

É possível pensar em gestão do conhecimento para preservação dos saberes ancestrais na comunidade do terreiro do Cobre?

Os indivíduos participam de uma iniciação coletiva, onde partilham suas experiências e despertam para emancipação, mas obedecem a rituais diferentes e individuais e não deixam de colaborar e cooperar uns com os outros.

Os gestos fazem iniciar a liturgia, fazem parar e reiniciar a cerimônia através dos olhares, das mãos, da cabeça, dos pés, e de qualquer outro meio que seja estabelecido como regra entre os indivíduos da comunidade. A comunicação acontece como uma mímica em um balé disciplinado, em que cada indivíduo marca seu tempo e espaço, obedecendo aos ditames sacerdotais e à sua própria disciplina interna. Os gestos estão incorporados nos indivíduos e nas divindades, estabelecendo na comunidade a sua forma de enviar mensagens, mesmo que aconteça entre um público restrito e familiar.

A palavra ganha todo o sentido de poder e informação, transmitidos através da oralidade e da persistência da manutenção de uma cultura tradicional.

Segundo Montaigne (2009), a palavra é metade de quem a pronuncia, metade de quem escuta, indicando assim a possibilidade de proximidade, de ligação através do elemento cognitivo. Na comunidade do terreiro do Cobre, não existiria a comunicação nem os saberes sem as folhas, sem instrumentos de percussão, faltando, por isso, os toques específicos, sem o caráter dinâmico não existiriam os gestos; sem o poder das palavras não existiria a música; sem a inteligência não existiriam códigos particulares, sem a criatividade não teríamos as cores, sem a realeza não teríamos as danças e os ritmos, sem a consciência não poderíamos revelar as verdades e transpor o tempo e espaço, sem o caráter da comunicação não ligaríamos os mundos.

Os fazeres e os saberes são herdados e compreendidos através das relações dos indivíduos em comunidade, onde estabeleceram regras para preservação da força e magia da religião dos orixás.

Nesse contexto, envolvendo tantos outros fatos que ocorrem em um terreiro, busca-se como objetivo geral investigar quais os aspectos na comunidade do Cobre que redefinem e recuperam a memória de seus antepassados para preservar a tradição do candomblé, procurando compreender como os fazeres e os saberes são herdados e transferidos através das relações entre os indivíduos. Especificamente, busca-se

identificar os principais aspectos que redefinem e recuperam o conhecimento ancestral no terreiro do Cobre; estabelecer relação entre os aspectos de redefinição e recuperação do conhecimento com a gestão do conhecimento; destacar os aspectos que podem ser incluídos na relação com o saber através da comunicação e da gestão do conhecimento.

Os aconselhamentos das entidades que sempre acontecem aos indivíduos de forma espontânea e individualizada têm caráter específico e linguagem codificada aos membros da sociedade instituída. Estas orientações sobrevivem ao tempo e às situações, persistindo na maturidade e na velhice de cada indivíduo que frequentou ou frequenta o terreiro.

Na Gestão do Conhecimento do terreiro do Cobre, foram levantados sete aspectos utilizados na comunicação, resistência e continuidade, os quais serão destacados em capítulos mais adiante, como: folhas, cantigas, instrumentos de percussão, toques específicos, dança, cores, gestos e alimentos.

O ethos, isto é, aspecto de linguagem, está presente nas relações com as matérias, substâncias e formas significantes dos preparos de folhas, dos líquidos para banhos e bebidas, da culinária, dos ileke, colar de contas, cores, cantos, vestuário, gestos, música, dança, palavra poética, cabeças e corpos viventes, constituídos em códigos semânticos, linguagem, se caracteriza por expressar e comunicar a mobilização de uma força latente, um eidos, presente no conceito do axé, poder de realização. (LUZ, 1995, p. 561)

Esses aspectos são muito significativos para comunicação no ensino, sendo a palavra oral ou escrita sua devida importância, mas não o único meio de expressão e sim, talvez, como aquele capaz de ligar o mundo da oralidade ao da escrita; o que a confere valor fundamental, mesmo que às vezes se possa dispensá-la e permitir somente que o corpo corresponda com as suas mais diversas expressões.

Todo saber que não reúna o homem ao homem, que tente mantê-lo separado, é falso. É o saber que arrasta pouco a pouco para o abismo, onde gente deixa de ser gente, inferior até aos animais. (SODRÉ, 2003)

Na comunidade de terreiro, a linguagem gestual exerce o grande papel de preservar as tradições e de restringir a comunicabilidade aos membros da comunidade que têm os mesmos propósitos e estão inseridos em um mesmo contexto humano e divino. A palavra ganha todo o sentido de poder e informação, transmitidos através da

oralidade e da persistência da manutenção de uma cultura, que quase sempre teve sua música devassada pelo poder dos dominadores. A dança sintetiza o saber do acompanhamento dos instrumentos de percussão, complementados por toques específicos, gestos, músicas e cânticos, cores e códigos comuns de cada comunidade. A música é um elemento que permanece ativo no começo, meio e fim através da comunicação e do poder da criação.

A comunicação neste aspecto acontece de forma mais leve e sutil, permitindo aos mais experientes gerir seus conhecimentos e orientar a conduta dos mais jovens em situações que carecem de uma maior reflexão.

Trilhas metodológicas

Começou-se a desnudar o caminho para pesquisa no momento em que se decidiu investigar o orixá da comunicação na graduação em Comunicação Social. Diante de tantas descobertas em cada pedra que constituiu o solo percorrido, teve-se a oportunidade de tirar dúvidas e desfazer crenças equivocadas que envolvem a religião do candomblé. Dentre estas crenças equivocadas estava a mais cruel e perversa, justamente sobre Exu – o orixá da comunicação. Todas as portas se abriram para investigação, mas o terreiro do Cobre concedeu ao pesquisador todo acolhimento e suporte para prosseguimento dos objetivos traçados.

O estudo de Exu na perspectiva da comunicação social foi o grande marco de tantos encontros no caminho da ciência e das experiências do cotidiano em uma comunidade de terreiro.

Caminhando, conhecendo e estreitando relações, foi possível perceber o processo de ensino-aprendizagem praticado no terreiro do Cobre. Visto isso, houve a necessidade de estender a caminhada e todas as possibilidades de levar mais informação a um número possível de pessoas que não conhecem e/ou ignoram o valor do conhecimento praticado entre os indivíduos em uma comunidade de terreiro, praticante da religião de matriz africana.

Dentre tantas possibilidades de informação, foram identificados elementos essenciais no processo de comunicação e aprendizagem no terreiro do Cobre, passíveis de investigação e elucidação em pesquisa acadêmica, como: folhas; instrumentos de percussão; dança; cantigas; gestos; cores e toques.

Percebeu-se a possibilidade de uma metodologia matizada, pois as cores definem os procedimentos dentro de uma comunidade de terreiro, levando em conta toda magia e energia que elas alimentam a comunicação e o processo de ensino-aprendizagem. As cores presentes em cada fio do tear, que na fase de planejamento possibilitaram tramar cada medida e a forma do tecido que foram tecidos dentro da pesquisa. Cada fio cozido alimentou a perspectiva de chegar ao tamanho dos objetivos tramados pelo tempo necessário para elucidação das investigações.

O urdir e o tramar surgiram da necessidade de estabelecer limites de investidas no campo da pesquisa. Representou-se esta fase com a máquina de tear, buscando cozer um tecido com matizes que idealizam as propostas do trabalho, além de construir formato ideal com informações consistentes e traçadas na vertente qualitativa, que Gil (2009) admite diversas acepções no campo das Ciências Sociais e compreende um aglomerado de diferentes técnicas, objetivando descrever e interpretar os componentes de um sistema intrincado de significados, situados em um contexto específico, supondo, por parte do pesquisador, de uma delimitação espacial e temporal de um determinado fenômeno. Inicialmente, foram realizadas visitas explicando o projeto de pesquisa, com o objetivo de receber a aprovação dos membros da comunidade. A partir do aceite em conformidade com os termos legais, foram realizadas entrevistas e agendou-se a participação livre das pessoas que se disponibilizaram a contribuir. O pesquisador acompanhou algumas atividades internas, com a permissão da liderança local, e participou das atividades abertas ao público externo.

A pesquisa qualitativa possui como fundamentos principais a busca pelo entendimento do outro, compreendendo sua fala, seus modos de vida, possibilitando a identificação dos significados construídos em torno de sua organização social, familiar e econômica. Ela tem caráter eminentemente exploratório, procurando os aspectos subjetivos dos fenômenos e as motivações não explícitas dos comportamentos.

Quanto ao método, adotou-se o gênero metodológico estudo de caso, conforme Gil (2009) que o define como um dos diversos modelos propostos para produção de conhecimento num campo específico, assim como também o são o experimento. E que, embora caracterizado pela flexibilidade, não deixa de ser rigoroso, pois não pode ser considerado um tipo de pesquisa mais *light* que se recomenda para quem não detém condições para realização de um trabalho mais rígido. O estudo de caso é, pois, um delineamento pluralista. Ele não se opõe aos outros delineamentos, mas os

complementa. Chizzotti (2006) define estudo de caso como um estudo que recolhe, de forma intensiva e sistematizada, informações acerca de um determinado produto, fato ou fenômeno social contemporâneo complexo, delimitado e contextualizado no tocante ao tempo e espaço, de forma a possibilitar um conhecimento mais amplo acerca desse objeto. Chizzotti afirma ainda que o caso poderá ser único e específico, bem como poderá compreender uma coleção de casos, identificados por um aspecto ocorrente nos diversos casos individuais.

Inicialmente, foi realizado um levantamento da referência, envolvendo artigos científicos e acervo bibliográfico sobre a temática proposta. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com adeptos do terreiro, sobre a temática. Neste sentido, a perspectiva da etnografia como subtipo de pesquisa serviu de base para pensar as práticas, os fazeres do ponto de vista de como os atores da comunidade fazem e refazem as regras para manutenção e sobrevivência.

A etnografia descreve a cultura, usos e costumes de um grupo de pessoas, interessada no ponto de vista dos sujeitos pesquisados. Este estudo é originário e desenvolvido na antropologia, e procura descrever o conjunto de entendimentos e de conhecimento específico compartilhado entre participantes que guiam seu comportamento num contexto específico.

O interesse com esta pesquisa foi analisar se os saberes tradicionais africanos presentes na rotina da comunidade do terreiro do Cobre (os remédios caseiros de ervas e raízes, a confecção do vestuário; dos alimentos; respeito ao ambiente; respeito ao idoso e aos ancestrais; expressão corporal; estudo da língua mãe; sons e ritmos; direitos do ser humano) desempenhavam importante papel na manutenção da vida comunitária, contribuía de forma significativa na qualidade de existência humana e na relação com o saber.

Os aspectos de comunicação citados traduzem as mensagens por intermédio das atividades para a tomada de decisões. Nesse processo, busca-se respeitar e ser respeitado por todos os membros da coletividade e o reconhecimento das faculdades.

Neste sentido, investigou-se o problema sistematizando os estudos em cinco capítulos, distribuídos desta forma: Introdução; E o terreiro do Cobre do Engenho aos templos sagrados; Terreiro do Cobre e a Gestão do Conhecimento; Terreiro do Cobre e Comunicação e Resistência; Conclusão; Referências.

Trata-se de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, que foi ampliada por intermédio de materiais colhidos no transcorrer do desenvolvimento do projeto de pesquisa, e ainda, em outros mananciais de conhecimentos disponíveis, especialmente livros e artigos científicos, tanto de leitura corrente ou livros de referência indicados pela orientação. Permitiu-se, desta forma, o ponto de vista desta pesquisa, em autores como Nonaka e Takeushi (2008), José Beniste (2010), Paulo Freire (2011), Valnizia Oliveira (2011), Vivaldo da Costa Lima (2010), Marco Aurélio Luz (1995), Hannah Arendt (2010) e outros importantes estudiosos renomados da construção do saber.

O estudo insere-se na busca da afirmação dos guardiões nas pertencas africanas presentes no dia a dia, embasando as heranças africanas em construções teóricas, sustentando os saberes e fazeres em referências científicas, trazendo discussões tratadas no senso comum para a esfera da ciência, ancorando a importância e relevância para que essa pesquisa seja levada a termo.

Buscou-se o sentido sociopolítico para o reconhecimento dos saberes tradicionais africanos presentes na rotina da comunidade do terreiro, que desempenham importante papel na manutenção da vida comunitária, e sua contribuição de forma significativa na qualidade de existência humana e na relação com o saber na educação dos indivíduos da comunidade.

Fundamentada principalmente no respeito ao culto dos ancestrais africanos, à pessoa humana e ao direito da livre expressão religiosa em um estado laico, a pesquisa de campo aconteceu em total interação com a comunidade do terreiro do Cobre.

A participação individual teve um caráter espontâneo, sem a utilização de qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Não houve previsão para que os participantes tivessem algum gasto com esta pesquisa, porém, se isso acontecesse, e fossem devidamente comprovados, todos (as) seriam informados (as) do ressarcimento pelo pesquisador.

Os entrevistados e toda comunidade foram comunicados que a participação nesta pesquisa não traria nenhum risco de qualquer natureza. Todos foram informados também que se houvesse algum dano decorrente da participação na pesquisa poderia concorrer a uma compensação pelo prejuízo causado.

Todos foram informados que os usos das informações oferecidas estariam submetidas às questões éticas relacionadas à pesquisa com Seres Humanos, estabelecidas pela Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde (MS).

Os benefícios da pesquisa de campo trouxeram significativos contributos para a ciência, bem como para o reconhecimento dos saberes e fazeres, passados na informalidade; principalmente na importância dos saberes e fazeres herdados de geração para geração em uma comunidade de terreiro, mas que ainda não são vistos como respeitável para educação formal dos indivíduos.

Como benefício necessário para comunidade, foi planejado um documentário em vídeo com abordagem nos aspectos que redefinem e recuperam o saber ancestral elucidado no decorrer desta pesquisa. Este vídeo será entregue à comunidade para documentação dos saberes e fazeres herdados pelos ancestrais, servindo de base para apresentação do terreiro aos membros da própria comunidade e do bairro do Engenho Velho da Federação.

A perspectiva metodológica esteve fundamentada na pesquisa qualitativa, pois o objetivo principal foi o reconhecimento do outro, compreendendo seu modo de vida, seus costumes, sua forma de comunicar, seus modos de passar conhecimento, e a identificação dos significados repassados de geração a geração, capazes de manter a continuidade e resistência da comunidade do terreiro do Cobre.

Pesquisar uma comunidade de terreiro somente é possível a partir da interação direta com os membros na rotina diária, possibilitando, desta forma, uma melhor compreensão dos fazeres e saberes, comportamentos, significados e sentidos das práticas religiosas, contexto inserido na etnografia.

O universo da pesquisa esteve assentado na Gestão do Conhecimento com Nonaka & Takeushi (2008) e Quel (2010). Assim como, Juana Elbein (1995), Vivaldo da Costa Lima (2003) e Marco Aurélio Luz (2011) que trazem a palavra como instrumento a serviço da estrutura dinâmica Nagô.

Buscando resultados mais eficazes, a presente pesquisa ocorreu na comunidade do terreiro do Cobre, situado no Engenho Velho da Federação – Salvador/BA, obedecendo às permissões da Sacerdotisa.

Todas as pessoas que contribuíram para esta pesquisa pertencem à comunidade do terreiro, na faixa etária de adultos, não sendo segmentados por gênero, e com níveis de escolaridade diversos.

Foi utilizada a técnica de amostragem probabilística, subtipo amostragem intencional. Em combinação com o critério de abordagem acordado com a Yalorixá, foi escolhido intencionalmente um grupo de indivíduos que compôs a amostra. O pesquisador se dirigiu intencionalmente a grupos de indivíduos dos quais desejava saber

a opinião sobre a transmissão de conhecimento, considerando os aspectos da comunicação e da gestão do conhecimento na comunidade do terreiro do Cobre.

Os instrumentos de coleta de dados do presente trabalho foram todos eles catalogados com os objetivos aspirados nesta pesquisa, bem como o universo investigado. Assim, a pesquisa bibliográfica, a observação participante, a história oral e entrevistas semiestruturadas foram as técnicas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa.

A entrevista semiestruturada foi de extrema importância na presente pesquisa, tendo em vista que possibilitou um diálogo contínuo entre os participantes e o pesquisador. Uma das características da entrevista semi é a utilização de um roteiro elaborado previamente. O roteiro de assuntos que serviram como base para a formulação das entrevistas foi construído com embasamento no elenco de assuntos para responder aos objetivos específicos da pesquisa. Dentre esses assuntos, destacamos a passagem do conhecimento, a manutenção do conhecimento tradicional, a comunicação entre os sujeitos, entre outros. O registro das respostas foi realizado durante as entrevistas, utilizando um gravador, quando permitido pelo entrevistado e o qual a permissão de uso está no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

A observação participante permitiu a participação real do conhecimento na vida da comunidade ou grupo em uma situação específica, onde a atuação do pesquisador como participante concedeu acesso ao local e às pessoas; e a observação ficou concentrada especificamente nos aspectos essenciais e nas questões referentes ao estudo.

Nas observações, buscou-se dar sentido para as diferentes ações ocorrentes nas práticas e nas relações sociais. Os instrumentos utilizados, a forma como os atores interagem uns com os outros. Por intermédio da interação dos atores foi possível observar também a repetição de ações ou de determinados padrões. A participação favoreceu a obtenção dos dados, na medida em que o pesquisador se identificou com os membros da comunidade do Cobre e se esforçou por sentir, compreender e agir como eles, na situação observada.

Os registros das observações foram realizados utilizando uma máquina fotográfica e gravador de áudio, conforme permissão de uso, previamente, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A história de vida teve como finalidade principal retratar experiências vivenciadas por pessoas individualmente. Chizzotti (2006) firma ainda que a história de

vida possibilita a coleta de informações orais de um ou mais indivíduos sobre determinado fato, contexto, bem como suas razões e consequências. A utilização da história de vida oral na pesquisa de campo teve como objetivo principal, com os atores, transmitir suas experiências com o conhecimento tradicional da religião de matriz africana. Os registros das histórias foram realizados utilizando o gravador e câmera de vídeo conforme a permissão explicitada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No tocante à interpretação dos dados, dentro desta perspectiva, utilizou-se análise documental, bem como a análise de discurso como métodos empregados na presente pesquisa. A análise de discurso, segundo abordagem de Chizzotti (2006), é identificada como um tipo de diagnóstico que supera os aspectos considerados formais da linguística de forma a destacar o papel da língua no contexto interativo e social em que é anunciada, considerando a linguagem, em última apreciação, como exercício social.

A análise dos dados obtidos nas entrevistas, na história de vida, foi realizada basicamente em duas etapas: análise temática, onde foram identificados os assuntos gerais abordados no transcorrer da aplicação dos instrumentos da coleta de dados a análise fragmentada, que foi uma nova apreciação dos dados obtidos, a partir dos temas selecionados anteriormente. Nesse novo diagnóstico, foi possível a identificação dos assuntos que se repetiram nos diferentes instrumentos de coleta utilizados e como esses assuntos auxiliam no entendimento acerca dos elementos constituintes das relações e das práticas cotidianas dos indivíduos na comunidade do terreiro do Cobre. Identificou-se também a maneira como esses elementos são refletidos na identidade cultural dos sujeitos, considerando a comunicação, a passagem do conhecimento e a resistência da comunidade.

2 E O TERREIRO DO COBRE DO ENGENHO AOS TEMPLOS SAGRADOS

O Engenho Velho da Federação é um bairro remanescente de Quilombo, com várias etnias distintas e egressas da Revolta dos Malês, acontecida de 25 a 27 de janeiro de 1835, conforme dados da prefeitura de Salvador em estudo do levantamento dos terreiros do bairro. Os fundamentais personagens desta revolta foram os negros islâmicos que exerciam atividades livres, conhecidos como negros de ganho (alfaiates, pequenos comerciantes, artesãos e carpinteiros). Não obstante livres, sofriam muita discriminação por serem negros e seguidores do islamismo. Em função destas condições, encontravam muitas dificuldades para ascender socialmente.

A localidade do Engenho Velho apresentava uma topografia de imensas matas, tornando-se um local propício para que os escravos pudessem se esconder. O ponto principal de acolhida foi o fim de linha onde se localiza o Terreiro do Bogum.

Contam os mais antigos ter existido uma fazenda de grandes proporções nas proximidades com um grande número de escravos, tendia-se a estes escravos serem donos de pequenas palhoças onde residiam ali nos arredores. O nome Engenho vem pela existência de duas categorias: senhores e escravos.

Para Marx (1982), o escravo servia exclusivamente ao seu senhor, produzia para ele e o seu viver era em função dele.

O senhor de engenho era o proprietário dos escravos, e a eles também pertencia as suas vidas e de suas famílias. As categorias se instalavam de forma bem explícita: senhor na casa grande e escravos na senzala. Este regime não permitia nenhuma forma de mudança de classe, pois uma vez escravo sempre escravo, restando a alternativa da fuga e do esconderijo em locais com dificuldade para captura.

Os primeiros moradores foram os negros fugitivos de fazendas da província de Salvador, atraídos por um local de difícil acesso e com uma vegetação densa e cheia de armadilhas. Os fugitivos começaram a se organizar estrategicamente para não serem capturados e em ritos religiosos. Os negros e mestiços assim remontavam suas famílias, separadas somente por fatores linguísticos nesta disposição: Gege, Ketu e Bantos.

GÊGE – O mesmo que Jêje ou Jeje, tribo com dialeto próprio oriundo do antigo Dahomey. Mesma tribo que implantou o culto aos voduns no Brasil.

KETÚ – Tribo Yorubá oriunda da Nigéria, que manteve sua cultura intacta, arraigada entre os brasileiros. Conservou as tradições aos rituais e às cantigas, inclusive

com o idioma de amplo vocabulário que permite comunicação perfeita entre os que se dedicam ao seu aprendizado.

Foram os Ketu que implantaram com maior intensidade sua cultura na Bahia, reconstituindo suas instituições e adaptando-as ao novo meio, com tão grande fidelidade aos valores mais específicos de sua cultura de origem, que ainda hoje elas constituem o baluarte dinâmico dos valores afro-brasileiros. (SANTOS,1986)

BANTOS - Constitui um grupo ¹etnolinguístico localizado principalmente na África subsaariana, que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes. A unidade deste grupo, contudo, aparece de maneira mais clara no âmbito linguístico, uma vez que essas centenas de subgrupos têm como língua materna uma língua da família banta.

Estas famílias com aspectos linguísticos diferentes, porém em condições semelhantes de escravidão, organizam-se em seus ritos, mas se relacionam política e socialmente para transformar o Engenho Velho da Federação como hoje é conhecido.

Os segundos moradores do bairro são oriundos de outros locais da cidade e do interior do estado. O local mais uma vez acolhedor, é um ponto de encontro para todos que estão envolvidos no êxodo rural, em busca de melhores oportunidades na capital da Bahia.

A terceira leva de moradores foram os descendentes diretos dos primeiros habitantes da localidade, com uma característica forte do aprendizado através da oralidade, onde o mais novo aprende com o mais velho. Sendo estes moradores que herdaram as profissões de alfaiates, pequenos comerciantes, artesãos e carpinteiros de seus pais e avós, constituindo a população do bairro.

O Engenho Velho da Federação conquistou uma melhor infraestrutura com a fé e determinação de seus habitantes, pois antes havia poucas casas, não havia energia elétrica e nem água encanada. A população abriu ruas com ferramentas próprias e negociou com o poder público todas as melhorias na infraestrutura existente.

2.1 QUILOMBO URBANO

Conforme dados recentes da Prefeitura do Salvador, o bairro do Engenho Velho da Federação possui, aproximadamente, entre 80 mil a 90 mil habitantes, caracterizados

¹ Etnolinguístico: Estudo da distribuição de línguas e sua relação com o ambiente em que vivem os atores.

na sua grande maioria como afrodescendentes. Este bairro é considerado como “Quilombo Urbano”, segundo o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, assinado pelo presidente Lula e, para tanto, foram levados em conta aspectos como a resistência cultural negra instalada em um determinado espaço.

O fato de o Engenho Velho ter em seu território vários terreiros de candomblé contribuiu para isto. Sem dúvidas, o Terreiro do Bogum, entre outros, em função da sua história de resistência, deve ter cooperado para a caracterização deste bairro como um quilombo. O Engenho está localizado num morro às margens da Avenida Vasco da Gama, que o separa do Acupe de Brotas, fazendo fronteira com o Alto do Sobradinho, sendo ainda limitado pela Avenida Cardeal da Silva. Habitado por uma população de baixa renda, o local tem como principal logradouro a Rua Apolinário Santana. É um bairro do século XIX. Possui 19 terreiros de candomblé, entre os quais o último terreiro da nação Gêge e o principal terreiro da Bahia, a Casa Branca. Ele fica voltado para a Avenida Vasco da Gama, mas a entrada é no Engenho Velho.

Na fotografia abaixo, é possível perceber as ruas estreitas do bairro, conservando as características do solo e a forma de ocupação do espaço geográfico pelos primeiros moradores.



1 Rua do bairro do Engenho Velho da Federação.

O bairro, por se localizar no centro da cidade, transformou-se em alvo da especulação imobiliária, tornando o antigo reduto de escravos fugitivos em uma metrópole urbana. Constituído de lojas de produtos e serviços, universidades e um mercado de trabalho que acolhe a população local, o Engenho Velho absorve mão de

obra e cria oportunidades para todos os jovens prontos para manter as características do bairro, a exemplo do comércio, que absorve mão de obra do próprio bairro.

O Engenho Velho da Federação é uma cidade dentro de outra cidade, e não tem mais para onde crescer, mas mesmo assim cresce. O bairro é também um reduto do samba e de manifestações culturais herdadas de seus primeiros habitantes como: a capoeira, o samba, o candomblé e a culinária. A capoeira tem sua expressão maior com a obra do mestre Mala, praticante do estilo Angola, conservando características de resistência e continuidade do legado de seus antepassados.

O samba está enraizado na população como uma manifestação comum a todas as famílias étnicas que formaram as tradições do bairro, falando todas as línguas e presente em todos os corpos. Pode-se relacionar algumas manifestações que passaram as fronteiras do bairro e ganharam a simpatia da cidade, como: Puxada axé; Melo do Banzo; Afoxé Koriefan; Samba Scorpions; Revelasamba e outros. Uma grande expressão do samba no bairro é o mestre Queinho, tradutor de sentimentos da população em versos e prosas, entoadas em canções cantadas por crianças, jovens e idosos, expressando a mais autêntica alegria.

A culinária do bairro tem sua base nas comidas de orixás, oriunda dos mais diversos terreiros existentes ali. O acarajé, o abará, a moqueca de peixe, o vatapá, o caruru, a cocada puxa de puro coco e muitas outras iguarias que compõem o rico cardápio mantido através da oralidade de geração para geração.



2 Cocada típica do bairro.

O acarajé é feito com feijão fradinho, que deve ser quebrado em um moinho, em pedaços grandes, e colocado de molho na água para soltar a casca. Após retirar toda a casca, deve-se passar novamente no moinho, desta vez deverá ficar uma massa bem fina. A essa massa acrescenta-se cebola ralada e um pouco de sal.



3 Acarajé na fritura.

O feijão-fradinho era ralado na pedra, de 50 cm de comprimento por 23 de largura, tendo cerca de 10 cm de altura. A face plana, em vez de lisa, era ligeiramente picada por canteiro, de modo a torná-la porosa ou crespa. Um rolo de forma cilíndrica, impelido para frente e para trás, sobre a pedra. (QUERINO, 2010)



4 Moqueca de peixe.

A moqueca baiana, conhecida em diversas regiões do país, inclui em sua receita tradicional: o leite de coco, azeite de dendê, pimenta e bastante tempero verde.

Abordando os mais diversos terreiros existentes no Engenho Velho da Federação, destacam-se os templos mapeados pela Prefeitura Municipal do Salvador:

- 1- Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca) – Nação: Ketu
- 2- Terreiro Bogum – Nação: Gêge
- 3- Ilê Axé Wuá Negi – Nação: Ketu
- 4- Tenda de Gentil das Matas – Nação: Angola
- 5- Ilê Axé Oyó Bomin – Nação: Ketu
- 6- Terreiro Endeburei - Nação: Angola
- 7- Ilê Axé Oba Tony – Nação: Ketu
- 8- Terreiro do Cobre – Nação: Ketu
- 9- Ilê Axé Ode Mirin – Nação: Angola
- 10- Terreiro Tanury Junçara – Nação: Angola
- 11- Terreiro de Ayrá – Nação: Ketu
- 12- Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá – Nação: Ketu
- 13- Terreiro Tombalajê Junçara – Nação: Angola
- 14- Terreiro D'Oxossi Mutaniamo – Nação: Angola
- 15- Ilê Axé Omier Ojuire – Nação: Ketu
- 16- Ilê Axé Mona Dandalunda Oyó – Nação: Ketu
- 17- Ilê Axé Omin Dewa – Nação: Ketu
- 18- Ilê Axé Opó Oyá Omi (Casa de Iansã) – Nação: Ketu
- 19- Centro do Caboclo Eru – Nação: Angola
- 20- Centro de Giro de Ogum do Cariri – Nação: Angola
- 21- Ilê Axé Oxumarê – Nação: Ketu.

2.2 TERREIRO DO COBRE

Um dos mais antigos terreiros de candomblé de Salvador, contemporâneo da Casa Branca do Engenho Velho e Casa de Oxumaré, sua história começa na Barroquinha por volta de 1889, e assim como o Terreiro do Gantois, a transmissão do cargo de Iyalorixá é somente entre os descendentes consanguíneos, ou seja, hierarquia familiar. O terreiro do Cobre é uma referência para o bairro do Engenho Velho da Federação, pois é um braço forte em busca da paz na comunidade, um guia precursor contra todo tipo de intolerância religiosa, além de orientar jovens em busca de profissionalização e entrada no mercado de trabalho.

O terreiro do Cobre passou por muitas transformações em sua estrutura física ao longo de sua existência, mas não perdeu a sua essência de ser um local do saber coletivo. A expansão imobiliária ocupou muita área pertencente ao terreiro, ficando o registro fotográfico como uma das formas de compreender a tradição e importância deste espaço secular.



5 Fachada do terreiro em 1938.

Dona Lindaura de Oiá (*in memoriam*) manifestou, em diálogo informal, seu amor e respeito ao terreiro e toda sua história de existência e resistência para continuidade dos pertencimentos religiosos africanos. Remontando suas lembranças com muita lucidez, revelou que a área onde compreende o terreiro está muito longe de ser toda a sua extensão antes do intervalo sem cerimônias abertas ao público.

Cobre possuía uma área muito grande, compreendendo terreno até a Muriçoca, com vários dendezeiros, outras árvores sagradas e frutíferas que fizeram parte de sua infância. Existia uma fonte consagrada a Oxum, pertencente ao terreiro, hoje sob construções da comunidade da Muriçoca, onde as Yaôs iam buscar água para os ritos sagrados e para banhar-se.

Existia um rio com águas limpas, utilizado para os rituais, cortando a área pertencente ao terreiro, onde era tido como um local sagrado para os homens e orixás. Ali era fornecido alimento para o corpo e água para purificar os ambientes e o espírito. Antigamente, o terreiro tinha todas as suas paredes de zinco e também sua cobertura. Havia toda simplicidade com o que era possível na época, mas o axé sempre foi muito forte e bastante purificado por mãos que trabalhavam para manter suas tradições diante

das dificuldades econômicas e do preconceito aos costumes religiosos de origem africana.

Feijão era pisado no pilão e ralado na pedra para fazer a massa do acarajé, onde era necessário se antecipar bastante nas tarefas, além de contar com a ajuda de todos os filhos da casa para preparação de todas as oferendas aos Orixás e comidas servidas durante as festas. As roupas lavadas no rio, coaradas ao sol e enxaguadas para depois serem passadas no ferro de carvão, tinham que ser engomadas peça por peça em um ritual de muita fé e determinação para vestir os orixás durante as festas.

Toda comida era cozida em fogão de lenha, com restos de árvores secas da imensa área que compreendia o terreiro, ou das redondezas, onde era bastante arborizado e havia em abundância a matéria-prima para o fogo do fogão tradicional dos nossos antepassados. A panela de barro, presente nos costumes do terreiro, já fazia parte do conjunto de tradições existentes, preservadas com as condições impostas na época. O atabaque com alcunhas¹ era aquecido ao sol e ajustado pelas mãos dos Ogãs com pedaços de madeira, onde ajustavam o coro para tirar o melhor som para homenagear os orixás.



6. Ogãs reunidos na frente do Cobre - 1938

O terreiro interrompeu atividades abertas ao público por aproximadamente 50 anos, por não ter uma liderança para assumir o posto maior da casa, somente passado de um membro para o outro da família. Mãe Valnizia de Ayrá, filha da Casa Branca, mas descendente direta dos fundadores do Terreiro do Cobre foi apontada para assumir o

¹ Alcinhas: pedaços de madeira colocados nos atabaques para esticar o couro e produzir melhor som.

cargo de Yalorixá pelo Xangô da casa. Ao chegar ao imóvel totalmente desfigurado em sua estrutura física, com grande parte de sua área ocupada por pequenas casas, enfrentou muitas barreiras para organizar o Templo sagrado e retomar seu ciclo ritualístico. Seria necessário contar com braços fortes, mentes positivas e espíritos elevados em princípios, valores e coragem para remontar toda uma história de resistência e tradição do bairro do Engenho Velho da Federação. Com estas qualidades necessárias para empunhar o Oxé de Xangô, Pai Kutú, um dos Ogãs mais velhos da casa, foi convocado quando ainda estava dormindo para estar presente em uma cerimônia interna, sendo perguntado se aceitaria ser suspenso como ministro de Xangô, proposta aceita de imediato e levada a sério para toda a vida.



1 Oxé de Xangô

O Oxé Xangô é o emblema característico do orixá. Ele tem uma estrutura geométrica de dois triângulos se tocando em um de seus ângulos e se abrindo, um para a direita e outro para esquerda, na forma de um machado duplo. Direita, princípio masculino, e esquerdo, princípio feminino, em equilíbrio e expansão. Assim, o triângulo representa família. Sucessão de triângulos, famílias em expansão, formando linhagens. Manter a harmonia entre as linhagens que compõem o corpo comunitário é a arte, ciência e sabedoria do princípio do político. Com seu poder, o poder do princípio de sociabilidade, ele garante a proteção das famílias, das linhagens, das instituições comunitárias e suas tradições, das cidades e reinos. Xangô representa essencialmente o poder do princípio do político. Ele é o Orixá patrono da cidade de Oyó, a capital política do antigo império nagô-Yorubá.

Assim sendo, conceitos ou noções de linhagem, comunidade, comunalidade, cultura e tradição estão totalmente apoiadas no conceito ou noção de ancestralidade. É desse conceito que deriva os fundamentos do princípio do político, isto é, as regras da tradição herdadas dos ancestrais que garantem a consistência da sociabilidade do grupo sociocomunitário. Nesse sentido, derivando da noção de ancestralidade que também é valorizada, existe a antiguidade de exercício, de posto ou de título, garantindo o poder da responsabilidade de quem por mais tempo exerceu a prática de continuidade, de preservação e expansão da linguagem e de valores da tradição, assegurando a circulação de axé necessário ao bem viver nesse mundo. A noção de ancestralidade é das mais importantes na constituição da visão de mundo e dos valores da tradição nagô e negroafricana em geral. A continuidade da tradição cultural e religiosa se sustenta no legado de seus ancestrais por sucessões de gerações ao longo infinito dos tempos.

O orixá Xangô é o princípio do fogo, constituindo seus variados aspectos, as chamadas qualidades do orixá. O princípio do fogo é um aspecto fundamental da sociabilidade humana. É em torno da fogueira, reunidos, pensando e elaborando os mistérios da existência, provocando o religare, a religação, a religião, compartilhando sentimentos e emoções que se encontra a espécie humana. É aí que também se celebra o distanciamento entre natureza e sociedade, o cru e o cozido, a transformação dos alimentos pela arte do uso do fogo, a domesticação do fogo e da água distinguindo a espécie.

Assim, o orixá Xangô é o grande patrono do terreiro do Cobre, onde se estabelece a ligação solidária entre os ancestrais e seus descendentes.

Em depoimento à mídia eletrônica Motumbá, a Yalorixá Valnizia de Ayrá falou sobre o seu sacerdócio: "Eu nem imaginava, não sabia, nunca ninguém tinha me dito nada que me deixasse perceber". Na verdade, o Ilê Obá do Cobre, terreiro fundado no Engenho Velho da Federação por sua bisavó, Sinhá Flaviana, já nem funcionava plenamente e Mãe Val tinha sido iniciada na Casa Branca, aos 16 anos: "Esse terreiro veio da Barroquinha há mais de um século, aqui pro Engenho Velho, segundo minha tia Edite, neta de Sinhá Flaviana", conta ela, revelando que o Cobre, assim como o Afonjá e o Gantois, é também descendente direto do primeiro terreiro baiano. Depois de Sinhá Flaviana, quem ficou à frente do Cobre foi Maria Eugênia, avó de Mãe Val, que era iniciada, mas não "feita de santo": "Ela continuou tomando conta dos orixás e preservou a casa".

Com a morte de Maria Eugênia, o terreiro ficou cada vez mais abandonado. "Quando cheguei aqui, encontrei a casa no chão", relembra Mãe Val. Ela explica que não se arrepende de ter seguido este caminho, apesar de não ter sido uma escolha, "mas existia uma força maior, a do orixá abandonado, esperando alguém da família pra levantar o axé". Esta cobrança, Valnázia e sua família estavam sentindo na pele:

Minha mãe foi desenganada pelos médicos, a família toda estava com problemas, muito desemprego. Cada dia que passava as coisas piorando. Aí eu vinha aqui, sozinha, afastava as teias de aranha, acendia uma vela e pedia a Xangô pra ter paciência. Eu só tinha vinte e poucos anos, não podia assumir. Mas um dia eu fiz uma promessa, que se minha mãe ficasse boa, eu vinha tomar conta dele. Não disse que ia ser mãe de santo, disse que ia zelar por ele. Só que em uma semana minha mãe ficou boa e viveu muitos anos. Então reunimos a família toda pra dar comida a Xangô. Foi muito difícil, mas todos ajudaram, muitas pessoas da Casa Branca, Dona Tatá. Depois desse amalá, tudo melhorou, as coisas começaram a caminhar. Isso a uns 15 anos atrás. A necessidade de cercar o local, que estava servindo como passagem para marginais, e a precisão de ocupá-lo, fizeram o resto e o Ilê Obá do Cobre cresce a cada dia. (MÃE VAL, 2007)

Além do trabalho religioso, que tem tornado Mãe Val cada vez mais conhecida, outra marca do seu trabalho é a atuação social. No começo, eram sessões educativas, apresentações de filmes, discussões sobre AIDS. De quatro anos para cá, com as parcerias com a Fundação Palmares e a Capacitação Solidária, o trabalho se intensificou. Como o espaço é pequeno, qualquer lugar serve para as aulas dos cursos profissionalizantes para adolescentes, informática, tele sala, alfabetização de crianças e de adultos, percussão, teatro: na sala, no barracão, ao ar livre, em frente à casa dos orixás. O terreiro do Cobre não se fecha em quatro paredes, ele interage com a comunidade do bairro, tendo uma grande importância para população negra, porque terreiro orienta principalmente os jovens negros da comunidade, não só do terreiro como do bairro, pois desde sua instalação no bairro já fazia um programa social, colocando os jovens para estudar, para fazer cursinho de arte culinária. O terreiro de candomblé ensina muito aos indivíduos, inclusive a percussão, onde os melhores percussionistas que viajam pelo mundo inteiro aprenderam dentro do terreiro de candomblé.

O terreiro do Cobre continua tendo o mesmo papel, só que agora com um pouco mais de responsabilidade. Perderam-se algumas coisas, mas outras se ganharam, resgataram-se também outras, então foram algumas perdas e alguns ganhos. Segundo

Mãe Val de Ayrá, perdeu-se a essência no candomblé, perdeu-se espaço físico, perdeu-se muito espaço mesmo. Inclusive, tem muita gente no Engenho Velho que mora no terreno do Cobre. Alguns invadidos e outros que foram doados pra afilhado que ia casar, para gente pobre, pois uma boa parte do bairro pertencia quase todo ao Cobre. Então, muita gente hoje tem casa comercial, inclusive pessoas que vieram de fora causando tristeza aos mais velhos, pessoas que vieram de fora hoje são os maiores comerciantes no bairro. As propriedades comerciais pertencem a estas pessoas que não são de Salvador. Então, sempre o terreiro do Cobre, ao longo destes mais de cem anos, somou na comunidade do bairro do Engenho Velho e todas as formas, não só espiritualmente como também materialmente e socialmente.

2.2.1 Caminhada contra intolerância religiosa

Em 2004, começou a caminhada contra a intolerância religiosa e foi apresentada como proposta a partir de dois movimentos muito significativos, um interno ao terreiro e outro externo ao terreiro.

A referência externa ao terreiro foi que no ano de 2004 já se tinha uma considerável experiência aqui na cidade de Salvador de um movimento contra intolerância religiosa a partir do ano 2000. Então, desde o ano 2000, vários filhos e filhas do terreiro do Cobre já vinham participando deste movimento contra intolerância religiosa, que surgiu justamente como uma resposta às ações das igrejas evangélicas neopentecostais, e, sobretudo a igreja Universal do Reino de Deus, que estavam cometendo uma série de arbitrariedades e de violência contra os terreiros de candomblé. Essa foi uma referência importante para organização da primeira caminhada contra intolerância religiosa no bairro do Engenho Velho da Federação.

A segunda motivação para realização da caminhada contra intolerância religiosa foi quando a igreja Universal do Reino de Deus, em frente ao terreiro do Cobre, provocou, ou tentou provocar, a Yalorixá do terreiro do Cobre de forma desrespeitosa. Essa provocação recebeu uma reação e uma resposta bastante forte, não só da Yalorixá no momento das agressões, como também de várias pessoas do terreiro que se encontravam no momento desse acontecimento. Este acontecimento também ensejou a iniciativa do terreiro do Cobre em nome de mãe Val e outras pessoas do terreiro Tanuri Junçara, de articular e denunciar este fato ocorrido, como também em organizar uma caminhada contra a intolerância religiosa no bairro do Engenho Velho da Federação. Os

dois fatos contribuíram para o surgimento da caminhada contra intolerância religiosa no bairro do Engenho Velho da Federação.

No início, era uma caminhada contra a intolerância religiosa, e ao longo do tempo, a partir da quarta caminhada, ela passou a ser contra violência e pela paz. Isso, a partir do momento em que o bairro do Engenho Velho da Federação passou a ser o espaço de grandes dificuldades, em decorrência, sobretudo, da existência de traficantes de drogas e de ações policiais que muitas vezes, ao invés de trazer tranquilidade para os moradores do bairro, traziam uma sensação de insegurança e violência contra essa população. Então, a caminhada que era só contra a intolerância religiosa passou a ser também contra a violência e pela paz.

Não existe nenhuma proibição religiosa de natureza sagrada durante a realização da caminhada, o que existe é uma espécie de código de ética do que se deve fazer durante a realização da atividade. Por exemplo, a organização da caminhada instituiu que não se faça uso de bebida alcoólica durante o percurso da mesma. É recomendado, também, que os cânticos sejam religiosos das diferentes nações de candomblé. É interdito o uso da caminhada para se fazer qualquer tipo de propaganda política, seja em forma de discurso ou de qualquer outra natureza. Não é permitida propaganda política nas camisas, faixas, carro de som, mesmo que haja contribuições de parlamentares que são obviamente filiados a partidos políticos.

A caminhada tem proporcionado a integração dos terreiros do Engenho Velho da Federação, a aproximação das lideranças religiosas e dos filhos e filhas de santo desses terreiros entre si, e a convivência entre os terreiros do bairro e de outros terreiros de Salvador. Porque da caminhada participam religiosos de várias procedências da cidade do Salvador, e esse encontro, essa aproximação em torno da caminhada foi um marco do terreiro do Cobre. Há uma coisa muito importante ao longo dos tempos, que tem sido o crescente número de participantes, sobretudo, do próprio bairro, que tem crescido de uma forma bastante sustentável. A caminhada começou com cerca de 200 pessoas, e a cada ano este número vem crescendo ao ponto de já ter ultrapassado o número de mil pessoas.

A caminhada tem seu início de percurso no final de linha do Engenho Velho da Federação, onde fica localizado um marco simbólico, justamente onde se situa a estátua de mãe Runhò, uma líder espiritual importante na história dos terreiros de candomblé da Bahia e do terreiro do Bogun. Foi convencionado que deveria partir deste local, que tem já uma simbologia assegurada, que é esse busto de mãe Runhò. E se convencionou

também, no início, que seria o ponto de partida e ponto de chegada. Houve essa convenção desde a primeira caminhada, e mantém-se como a tradição ter um ponto de partida e ter um ponto de chegada também.

Somente pela fé que é uma energia que os ancestrais dão mesmo pra o povo negro, mesmo desde o tempo da senzala conseguiram sobreviver a todo tipo de injustiça e sofrimento, mas hoje pode ir às ruas clamar por paz e protestar contra a intolerância.



7 Mãe Val entoando cânticos sagrados durante a caminhada.

A união e a força do povo negro têm movido e transportado por gerações inteiras a pureza e essência do candomblé. A caminhada promove uma troca de energia, sustentando a saúde do povo de santo. O povo sai pedindo e exigindo direitos e deveres pro cidadão, pois todos têm o direito de ter. Aquele povo todo vestido de branco, o branco da paz, não sai só para reivindicar contra intolerância, sai também pra pedir pra juntar energias, sai pra ver muita gente bonita, e essa troca de energia que também ajuda a curar o ser humano, que sorri que dança e que expressa felicidade.



8 Egbomy Dó de Ogum e Egbomy Telinha de Yemanjá.

A voz do povo de santo se eleva na caminhada e ecoa por todos os cantos que permitem a ancestralidade.



9 Carro de som puxando a caminhada.

2.2.2 Jantar cultural do terreiro do Cobre

A história do jantar cultural remonta aos anos de 1993/94. Depois da chegada de muitos membros do movimento negro ao Cobre, os quais passaram a frequentar como abiã do terreiro. Os participantes foram tomando conhecimento da situação de organização da sociedade civil e das carências infraestruturais do terreiro de Cobre. E foi de alguma forma instável a pensar, que podiam pensar em alternativas e soluções a partir destas observações por mãe Val. Na época, parte de um grupo de trabalho do movimento negro unificado, que tinha uma série de pessoas sensíveis à atividade religiosa, e sabiam do empenho da Yalorixá mãe Valnizia de Ayrá de reconstruir o terreiro e reativar as atividades religiosas que haviam sido suspensas desde quando o terreiro ficou fechado durante muito tempo.

Na época que chegaram ao terreiro do Cobre, em 1993, acabara de acontecer o segundo barco. Pois bem, entre conversas com as pessoas do Movimento Negro Unificado que tinha proximidade, surgiu a ideia de organizar um almoço oferecido basicamente por duas pessoas, que seriam Valdelio Silva e Carlos Alberto Menezes. As pessoas que participassem desse almoço davam uma contribuição, fazendo uma espécie de adesão, e tudo que foi arrecadado no almoço, tanto nas bebidas que tinham sido doadas por todos, como na feijoada, foi revertido para o terreiro do Cobre. Esse almoço foi oferecido na própria residência de Menezes, no bairro da Cidade Nova. Depois de realizado este almoço, muito assim aconchegante, preenchido por pessoas próximas, do movimento negro e amigos presentes, como também pessoas do próprio terreiro do Cobre, várias filhas de santo do terreiro do Cobre se fizeram presentes também nesse almoço. Então, percebeu-se que o clima foi assim bastante aconchegante, e foi exitoso, porque não havia tido nenhum investimento por parte do terreiro, tudo que entrou, tudo que se arrecadou acabou sendo lucro para ser aplicado nas obras de reforma da infraestrutura do terreiro.

Realizada esta atividade, já se encaminhava o processo de criação da Sociedade civil beneficente e religiosa filhos de Flaviana Bianch. Aí se discutiu a possibilidade de fazer alguma coisa baseada nesta experiência, e conclui-se que o melhor seria um jantar. Realizou-se à noite por ter um tempo maior, seria realizada no próprio espaço do terreiro do Cobre, se convidaria amigos, enfim se chegou à conclusão de que deveria ser no terreiro e não em local privado, priorizando pessoas do próprio terreiro e pessoas próximas ao terreiro. Na época, o que todos chamavam de amigos. E aí, desse trabalho

ou dessa comissão que foi organizadora do primeiro jantar, saiu também a ideia de ser um jantar puro e simplesmente que fosse um jantar que estivesse de alguma forma entremeadado de atividades culturais. Ou seja, se alguém quisesse cantar, se alguém quisesse declamar uma poesia, se alguém quisesse mostrar alguma forma de trabalho artístico. Foi dessa forma que começou o jantar cultural, se pensando que esses amigos convidados para o jantar, entre eles pudessem ter pessoas ligadas ao mundo cultural, e que dessem ao jantar uma característica que fosse assim mais lúdica, mais cultural, mais associativa nesse caso, das pessoas que estavam próximas do terreiro.

Então, basicamente esta é a origem do que se conhece hoje como jantar cultural do terreiro do Cobre. Tornou-se uma tradição, hoje é realizado anualmente, tem uma grande influência, as pessoas são bastante fiéis ao convite do jantar, e é curioso que, além de muitas pessoas serem fiéis ao jantar, tem uma espécie de cadeira cativa nele. A cada ano chegam mais pessoas novas, sobretudo as pessoas que sabem da existência do jantar e solicitam para serem convidadas, por causa do número muito limitado de convite devido ao tamanho do espaço.

O jantar cultural é bom em todos os aspectos, as pessoas dançam, cantam e expressam seus sentimentos, onde sorriem, e tudo isso ajuda a curar o corpo e a alma.



10 Roda de conversa no jantar cultural 2011.

O jantar cultural já faz parte do calendário, não religioso, mas de festas do Cobre, e do religioso também.



11 Apresentação musical no jantar cultural.

O bairro do Engenho Velho sempre foi um bairro muito bonito, um bairro muito cultural, um bairro que possui muitas atividades, e apesar de ser um bairro de pessoas simples, um bairro periférico, de pessoas pobres, as pessoas são felizes e sabem aproveitar a vida.



12 Pronunciamento de Mãe Val no jantar cultural.

O espaço do terreiro que é utilizado pelo jantar é o barracão. Não é aproveitado nenhum espaço interdito às pessoas que não são iniciadas e que não são filhos do

terreiro do Cobre, espaços onde ficam os Orixás e espaços onde são realizadas celebrações internas.

Neste caso do barracão, que a rigor é um espaço sagrado, ele, também, no momento do jantar se transforma em espaço de festa, em espaço de atividade cultural. Isso certamente é feito a partir de uma solicitação expressa por parte da Yalorixá, um pedido de licença àqueles que são os detentores ou são os patronos destes espaços ou deste espaço em particular que é o barracão. Ou seja, durante a realização do jantar, o espaço do barracão, que é igualmente sagrado se transforma em espaço festivo mediante a permissão que é concedida pelos Orixás, pela causa que é feita o próprio jantar.

O jantar tem finalidade política na medida em que é uma reunião de filhos e amigos do terreiro do Cobre, e durante a sua realização, não só há uma troca de saberes, como também uma troca de comunicação entre pessoas do terreiro e pessoas que são amigas e amigos do terreiro, pertencentes a diferentes áreas de atividades profissionais. É muito comum que entre os amigos do terreiro do Cobre incluam-se pessoas da área política, parlamentares, por exemplo, que frequentam, desde o início, o jantar cultural. Então, a presença destas pessoas termina sendo ensejadora de conversas, de trocas, de discussões de natureza, sobretudo, não religiosas e de interesse do terreiro do Cobre, de interesse da comunidade do Engenho Velho da Federação, do interesse da cidade do Salvador, do interesse do estado da Bahia e do interesse do Brasil. Então, nessa medida, esse espaço do jantar é também um espaço político compreendido por este sentido, por esta perspectiva que anteriormente colocamos. Então, o jantar não está alheio ao que acontece na sociedade baiana e o que acontece no Brasil. Não é por outra razão que ele termina fazendo parte do calendário da consciência negra. O jantar é invariavelmente incorporado a todo imaginário da consciência negra. O terreiro do Cobre e os filhos do terreiro do Cobre têm essa sensibilidade e também essa compreensão da consciência e da necessidade do jantar fazer parte de um processo onde a questão do racismo, do negro, da consciência, a questão da identidade negra está presente, concretamente atuante em torno daquilo que acontece no jantar, e daquilo que é motivação para sua organização. Ou seja, o jantar cultural do terreiro do Cobre tem uma identidade política muito definida. Atua em favor das causas da população negra da Bahia, atua em favor da luta contra intolerância religiosa, atua em favor das religiões de matriz africana, atua em favor do discurso que nos coloca como cidadãos e cidadãs políticas na Bahia.

O jantar cultural tem a finalidade de congregar e aproximar os amigos do terreiro do Cobre, ter um momento extrarreligioso, ou seja, não religioso, que as pessoas

possam conversar de uma forma amena e no espaço do próprio terreiro. Ou seja, é uma atividade não religiosa, é uma atividade civil, de natureza cultural, que serve em primeiro lugar para aproximar os amigos e amigas do terreiro do Cobre.

O jantar também tem uma finalidade instrumental, que é de arrecadar recursos para uma instituição religiosa tradicional, importante na história do candomblé na Bahia, mas que não tem subsídios públicos e nem privados para desenvolver as suas atividades internas e externas, as suas atividades associativas, que é uma das vocações históricas do terreiro do Cobre. Então, o jantar tem a finalidade instrumental de arrecadar algum recurso que seja utilizado para essas atividades do terreiro.

A terceira finalidade é de prestigiar pessoas que tenham potencialidades criativas nas diferentes áreas da cultura. Sejam elas na música, na dança, que seja na poesia, que seja no teatro, ou em outra área cultural, para que essas pessoas possam apresentar as suas criações, as suas propostas, os seus projetos nesse jantar, ele também tem servido a essa finalidade.

O jantar já é uma tradição cultural do terreiro do Cobre. Ele foi incorporado ao calendário oficial, tem um período que se tornou fiel a sua realização ao longo desses anos. O jantar cultural do terreiro do Cobre termina despertando todas as energias dos filhos e filhas de santo do terreiro, e faz com que haja uma prioridade em sua realização. Há uma expectativa fora do terreiro do Cobre em torno das pessoas que são fiéis desde o início da sua realização, ao ponto de as pessoas cobrarem ou lembrarem com frequência quando está próxima a sua realização. E neste sentido, pode-se dizer que ele terminou extrapolando ao próprio Cobre, ele hoje é uma atividade com significação bastante fora do próprio terreiro. Então, ele é um momento esperado tanto para os filhos e filhas de santo do terreiro, como também para as pessoas que já participam há muito tempo, e para as pessoas que já ouviram falar e desejam participar pela primeira vez. O jantar do terreiro do Cobre faz parte de sua identidade cultural. Ele virou um símbolo importante da identidade cultural do terreiro.

O jantar cultural tem um sentido político importante, que é facilitar a comunicação dos filhos de santo do terreiro do Cobre com os amigos e as amigas do terreiro. É um momento onde os filhos do terreiro, que não circulam em certos ambientes culturais da cidade, têm a oportunidade de conhecer um poeta, conhecer um escritor, conhecer um artista, ou conhecer um (a) amigo (a) do terreiro do Cobre, que às vezes não frequenta com regularidade as suas atividades religiosas.

É possível perceber os processos da gestão do conhecimento na comunidade do terreiro do Cobre, quando os indivíduos socializam entre si suas experiências, externalizam usando palavras e códigos, combinam criando conhecimento explícito novo e internalizam quando torna o conhecimento novamente tácito, obedecendo à hierarquia do mais velho pra o mais novo.

O Terreiro do Cobre não é feito somente pela Yalorixá. Todos precisam de todos. Esse é um ensinamento vindo da própria Yalorixá Valnizia de Ayrá.

Mãe Val, seguindo os mais velhos dela, ensina que “candomblé são farinhas trocadas”, um ensinamento de colaboração e cooperação. As pessoas estão sempre precisando umas das outras, desde a iniciação, quando o iniciado (Yao) necessita das outras pessoas, pois ali é um momento de nascimento, passando por sua relação no cotidiano, onde dormem em coletivo, comem juntos, colaborando e cooperando nas/para oferendas, preparando as comidas juntos, oferecendo as oferendas juntos, rezando juntos, e quando um dos membros faz seu ritual de passagem para o orun, os que ficam e têm idade para tanto preparam e/ou participam do axexé.

O conhecimento sobre o culto aos orixás está concedido à mãe Val, mas não apenas com ela. O poder de ela disseminar esse conhecimento partilhando com as egbomis, equedes e ogans é um desafio a ser enfrentado todos os dias, entretanto é aí que se concentra o maior capital humano, na gestão do conhecimento do terreiro do Cobre.

Então, o fazer coletivo na comunidade do terreiro do Cobre é essencial para a manutenção, redefinição e recuperação do conhecimento ancestral.

2.2.3 Um momento de comunicação direta com Ayrá

Com a cor branca predominando em todo barracão, todas as coisas contribuindo para uma noite inesquecível para família do terreiro do Cobre. Abiãs, Yaôs, Ogãs, Egbomi e autoridades da religião presentes na noite de Ayrá se embelezaram somente de sorrisos.

Momento de extrema beleza, todo encanto emanado de cada sopro do templo. Com um leve sopro do vento, a brisa acendeu o brilho em cada rosto.

Começaram os tambores a soar nas mãos dos ministros da percussão, pois já não havia mais espaço para tanta emoção, e a expectativa da chegada do rei não calava os corações. A cada toque da percussão, uma batida forte no coração, uma onda forte de

calor invadindo as entranhas da alma, que convidava os ancestrais para dança da natureza viva.

A cada momento, os olhares se voltavam para cortina que separa o corredor do barracão, causando ansiedade, felicidade pela chegada da Yalorixá, a sacerdotisa do terreiro do Cobre – Valnizia de Ayrá – Mãe Val. Por um determinado instante, os atabaques começaram a soar um toque para anunciar a chegada da família nobre Yorubá, pois passava pela cortina aquela que iria emprestar seu corpo para o Alafin de Oió – o grande rei Ayrá.

A alegria tomou posse de todas as pessoas que iriam testemunhar a nobre presença do rei, querido por todos os seus súditos. Tocaram as trombetas e os Ogãs acompanharam toda realeza pelo caminho sagrado do templo real no palácio de Ayrá. Com toda sua comitiva em meio ao chamado de seu povo, ele gritou o seu ¹ké e assumiu toda alegria de seus filhos. Toda a alegria por sua chegada recebeu a reciprocidade da satisfação do rei e a aprovação de toda homenagem rendida especialmente pra ele.

A luz do rei irradiava o barracão e toda terra que um dia pertenceu ao terreiro do Cobre, pois somente ele sabe até onde vão os seus domínios e toda a extensão de sua coroa. Saudou a todos em agradecimento ao carinho e respeito a ele demonstrados, e marchou firme ao som rápido e compassado dos atabaques. Percebeu-se a perplexidade pela sua realeza e beleza no rosto e gesto de cada pessoa, demonstrada em sorriso misturado à lágrima de tanta emoção. O rei foi passando e convidando mais gente para o seu banquete da natureza. Vieram caçadores de terras distantes, chegou a dona das águas doces, se fez presente a nação Gêge e tantos povos que não se manifestaram para agradecer ao Alafin.

O grande rei foi cobrir seu corpo com suas vestes, apanhou suas armas, colocou seu escudo e vestiu sua coroa como sinal de sua nobreza. Retomou o barracão em momentos repletos de surpresas e euforia por sua presença tão marcante e significativa em um dia mais que especial.

O chão tremeu das vibrações com seus passos, fazendo cada pedaço de terra aquecer com seus abraços e ar de felicidade. O rei a todos felicitou, a todos abraçou e preencheu de axé com gestos de amor por seu povo.

¹ Grito ou som particular que caracteriza cada orixá

Quando toda comitiva já estava posicionada para se retirar para os aposentos, o rei retornou ao braço de seu povo e mais uma vez emocionou crianças, jovens e idosos com sua majestosa alegria, conduzida pela sabedoria do poder ancestral do povo Yorubano.

Kawó-Kabiesilé!

Ayrá - força e sabedoria do terreiro do Cobre

3 TERREIRO DO COBRE E GESTÃO DO CONHECIMENTO

A Gestão do conhecimento foca no aprendizado, processos de transferência, criação, compartilhamento, colaboração, consulta, disseminação, reutilização efetiva do conhecimento; considerando não só os aspectos físicos, mas também os valores culturais e sociais entre comunidades de pessoas e organizações com necessidades idênticas. A gestão do conhecimento é composta de: infraestrutura, pessoas e tecnologia. A infraestrutura pode, ao mesmo tempo, estar dentro ou fora dos indivíduos, e estes se utilizam das tecnologias na relação com o ambiente e com os outros indivíduos.

Os pilares da gestão do conhecimento mais importantes encontrados na comunidade do terreiro do Cobre são: colaborar (trabalhar juntos), cooperar (operar juntos com o mesmo objetivo) e consultar (haverá sempre um mais velho para fornecer as informações disponíveis para execução das tarefas em favor do coletivo).

A gestão do conhecimento em uma comunidade de terreiro acontece de forma equilibrada e inteligente¹, pois a tradição milenar do culto aos elementos da natureza não se encerra em apenas um elemento da comunidade, mas se constitui em vários núcleos, e funciona na união dos mais diversos conhecimentos. Os indivíduos estabeleceram regras para preservação da força e magia da religião dos orixás. A comunicação, resistência e continuidade das tradições do terreiro do Cobre só têm sido possíveis com a capacidade de velar os mistérios, de segmentar código com seus adeptos, e de manter os rituais em língua original, ensinada aos mais jovens pelos mais velhos.

A comunicação é um elemento essencial para existência e resistência do candomblé na comunidade do Cobre, pois os fazeres e os saberes são herdados e compreendidos através das relações dos indivíduos. Compreender por meio da investigação “a gestão do conhecimento na comunicação no terreiro de candomblé ou comunidade de terreiro” é uma necessidade elementar para resistência e continuidade da comunidade de terreiro, assim como, o culto aos orixás, permitindo, desta forma, a continuidade da essência e força de uma tradição milenar que resistiu a toda forma de violência e possibilitou a vida comunitária e solidária, que, conforme Sodré (2005), são

¹ Adapta-se e se renova ao que está posto de forma consciente e inconsciente no contexto material e imaterial comandado pelo espírito.

elementos necessários da cultura brasileira, conseqüentemente para a educação do futuro.

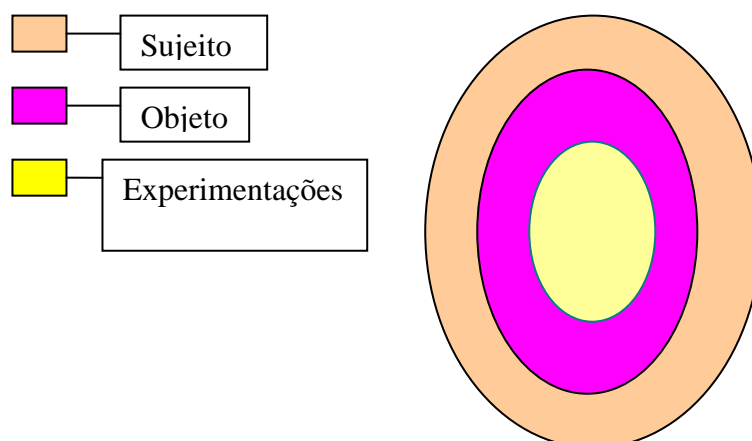
Falamos, comemos, vestimos, bebemos, cantamos, dançamos e celebramos com estes saberes presentes em nosso cotidiano, mas não assumimos a origem deste legado oriundos das comunidades de terreiros de candomblé.

Para Nonaka e Takeuchi (2008), a socialização é o processo tácito a partir de conhecimento tácito através da partilha de experiências. O colabor das tarefas na comunidade de terreiro não expresso em palavras é um exemplo disso.

Conhecimento é um estado provisório de aceitação e percepção da realidade de um objeto ou evento, estado este articulado em uma estrutura cognitiva própria, gerada pela experimentação e interação do indivíduo com o ambiente no qual ele e o objeto/evento estão inseridos. (QUEL, 2006)

Nonaka e Takeuchi (2008) consideram três elementos importantes no conceito de conhecimento: sujeito, objeto e experimentação.

Não pode existir conhecimento sem a interação do homem com a natureza e os fenômenos que o cercam. O conhecimento estará sempre associado à mente humana e seu funcionamento. O objeto é entendido como o fenômeno, realidade ou evento. A experimentação é o resultado da relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.



O conhecimento é um patrimônio individual que somente existe enquanto detido pelo seu criador. A criação designa como sinônimo de aprendizado, com importância fundamental na explicitação do processo de aquisição de conhecimento.

O indivíduo é o único capaz de armazenar conhecimento se este conhecimento é fruto do relacionamento do homem com o ambiente.

No relacionamento do homem com o ambiente, seus fenômenos, realidade e eventos existem uma ferramenta importante que é a palavra. São abordados nesta pesquisa o papel da palavra na manutenção das tradições africanas e sua importância para determinar o terreiro do Cobre como espaço de resistência. Inicialmente, são feitas comparações com as comunidades indígenas, civilização grega e comunidade de terreiro, a partir de estudos da invenção da política de Francis Wolff (2003) e o desentendimento de Jaques Rancière (2007). Abordou-se o terreiro como espaço político e importante lugar para legitimação dos direitos humanos, da emancipação do negro na sociedade, preservando suas tradições de forma consciente dentro de uma perspectiva moderna.

A oralidade tem a sua manifestação garantida e atualizada no espaço de terreiro de candomblé sem abandonar a sua essência na transmissão de conhecimentos milenares, porém exige na contemporaneidade uma postura ativa e afirmativa dos membros de comunidades tradicionais, retomando e ressignificando seus papéis diante da sociedade e do estado. O presente capítulo traz a necessidade de mostrar o indivíduo com a capacidade de transformação coletiva, a importância do espaço territorial e sua relação de poder, determinantes para os indivíduos exercerem gestão sobre seus conhecimentos ancestrais e preservarem suas tradições. No sentido da manutenção das tradições, observou-se neste estudo a importância da palavra como elemento na transmissão de conhecimento.

A fala foi o passo inicial de um itinerário impressionante. Misteriosa quanto a suas origens, que constituímos apenas por meio de conjecturas, ela permitiu a eficiente transmissão de conhecimentos de uma geração para outra, fazendo surgir grupos humanos homogêneos por um acervo cultural comum e assegurando, assim, as raízes iniciais de todas as culturas. (COSTELLA, 2002)

Na invenção da política de Francis Wolff, destaca-se o seguinte parágrafo: “A comunidade indígena entregava a responsabilidade nas mãos de suas divindades e de

sua ancestralidade, enquanto que os gregos assim se definiam: O céu está cheio de deuses, mas eles não decidem nada por nós, somos nós que decidimos”.

Na comunidade de terreiro de candomblé, perceberam-se as duas características na rotina diária, pois há um processo de transição dos dois exemplos acima descritos. Na atualidade, os membros da comunidade de terreiro seguem os rituais para clamar por seus ancestrais, entregando suas batalhas nas mãos daqueles que um dia, em matéria, obtiveram feitos importantes como humanos e ganharam a condição de divindades. Com a emancipação do povo negro e a busca por igualdade, apelando por políticas afirmativas, os discursos por liberdade tomaram os barracões e tornaram-se ferramentas importantes para organizar lutas memoráveis contra a dominação.

O povo não abandonou suas tradições, mas a cada dia vai se organizando em suas peijas seculares, saindo da condição de senzala para arena do pleno exercício de democracia.

Dentro da comunidade, não existem classes sociais, pois todos estão sob a condição de irmãos afiliados à nação étnica que pertence o terreiro. Independente da profissão que qualquer um dos membros exerça fora do contexto da comunidade de terreiro, não obterá privilégios sobre os demais. Não existe juiz fora da lei dos ancestrais, gestor público com regalias, policial que faz justiça com as próprias mãos, professor que não é aluno e, qualquer doutor que não necessite ser alfabetizado dentro dos saberes e fazeres da comunidade. Todos estão sujeitos a passar pelo mesmo processo de iniciação, recolhimento e resguardo necessário ao ritual em que esteja submetido.

As pessoas já percebem que os deuses só podem agir por intermédio de seus braços, pernas, olhos, mentes e os demais sentidos, incorporando as características de cada um nas ações efetivas, nas mobilizações e em afirmações coletivas. O barracão não funciona mais como um local de lamentação e submissão aos ancestrais. Todos buscam a divinização nos engajamentos que se pautem em liberdade e na continuidade das heranças africanas por muitas e muitas gerações.

A fala foi o passo inicial de um itinerário impressionante. Misteriosa quanto a suas origens, que foram constituídas apenas por meio de conjecturas, ela permitiu a eficiente transmissão de conhecimentos de uma geração para outra, fazendo surgir grupos humanos homogêneos por um acervo cultural comum e assegurando, assim, as raízes iniciais de todas as culturas.

Daí, quando se trata da palavra como a primeira instituição do homem e percebe-se a sua importância na comunidade de terreiro, formam-se regras formais e informais, permitindo os arranjos institucionais para uma adaptação à modernidade e continuidade.

No desentendimento de Rancière (2007), o filósofo Aristóteles destaca o homem dos outros animais por possuir a palavra, utilizada para manifestar o útil e o nocivo e, por consequência, o justo e o injusto. Para o homem político, a palavra é uma forma de manifestação.

É possível estabelecer relação da proposta de estudo com o institucionalismo histórico, principalmente quando os autores fazem a seguinte abordagem:

O indivíduo é concebido como uma entidade profundamente envolvida num mundo de instituições composto de símbolos, de cenários e de protocolos que fornecem filtros de interpretação aplicáveis à situação ou a si próprio, a partir das quais se define uma linha de ação. (RANCIÈRE, 2007)

A comunidade de terreiro é constituída de vários cenários e símbolos que, obedecem a rituais e identificam os indivíduos e o coletivo, focados em objetivos que sejam consensuais após o esgotamento do debate. A perspectiva cultural passa pela ação coletiva e mostra que um indivíduo não pode sozinho mudar a si próprio e somente no coletivo, o que não ocorre de um dia para o outro ou pela simples ação individual.

As crenças e os desejos nas comunidades são transportados para a realidade, debatidas em uma perspectiva que desencadeie uma ação afirmativa.

Dentro da teoria racional, supõe-se que crenças, assim como desejos, sejam anteriores à escolha e à ação. Foram considerados um triângulo de crenças, desejos e ações, a única coisa que fica livre para variar é a ação. Quando se refere aos espaços territoriais com a mudança do Brasil rural para um país mais urbanizado, encontra-se uma variável para estudos com a autora Tânia Bacelar (2000), que traz uma grande contribuição para entender a redução das áreas onde se encontravam as comunidades mais afastadas do centro e, atualmente se encontram em meio a uma realidade urbana.

A autora considera herança recente o período que vai dos anos 1930 até a atualidade, período que o país passa por grandes transformações, entre a década de 1920, com um país rural e agrícola, quando 70% da população estava concentrada no

campo, a década de 1950, quando ocorre o inverso, a população brasileira com 70% concentrada nas regiões metropolitanas.

Este contexto muda totalmente a concepção espacial da comunidade de terreiro, quando perde grande parte de suas terras, cedendo para pessoas oriundas da zona rural e para expansão urbana, com a maioria se situando em espaços reduzidos em meio à cidade grande.

O território envolve um processo de interação entre o espaço e a ação humana, que se expressa na forma de uso e nas alterações que o agir dos indivíduos produz sobre a base física e natural em que se encontra.

As políticas públicas não são necessárias para garantir o espaço coletivo, territorial, intelectual e cultural das comunidades de terreiro, possibilitando a liberdade e a continuidade das tradições orais africanas.

Segundo Marco Aurélio Luz (1995), o aspecto de linguagem está presente nas relações com as matérias, substâncias e formas significantes dos preparos de folhas, dos líquidos para banhos e bebidas, da culinária, dos ileke, colar de contas, cores, cantos, vestuário, gestos, música, dança, palavra poética, cabeças e corpos vivos. Constituída por códigos semânticos, a linguagem é caracterizada por expressar e comunicar a mobilização de uma força latente, um eidos, presente no conceito do axé, poder de realização.

Na comunidade de terreiro, a linguagem gestual exerce o grande papel de preservar as tradições e de restringir a comunicabilidade entre membros da comunidade, que têm os mesmos propósitos e estão inseridos em um mesmo contexto humano e divino. A palavra ganha todo o sentido de poder e informação, transmitidos por intermédio da oralidade e da persistência da manutenção de uma cultura, que quase sempre foi devassada pelo poder dos dominadores.

Segundo Michel de Montaigne (2009), a palavra é metade de quem a pronuncia, metade de quem escuta, indicando assim a possibilidade de proximidade, de ligação através do elemento cognitivo.

Na comunidade do terreiro do Cobre, tem-se construído largamente, os espaços para discussão sobre políticas públicas que referendem a manutenção do espaço sagrado. Há debates sobre as questões da intolerância religiosa e das cotas para entrada de descendentes afros na academia, formando arenas dentro do espaço religioso e nas instituições públicas.

A comunidade do terreiro do Cobre caracteriza-se por ser um espaço religioso, mas tem seu caráter político, cultural e um grande celeiro da preservação das tradições ancestrais. Com toda importância para formação de identidade dos indivíduos, tem uma influência fundamental na concepção política e nos ideais de liberdade e resistência.

A política pública voltada para as comunidades de terreiro funciona, em sua maioria, como forma de explorar a cultura voltada para o turismo, levando em consideração a beleza exótica e tribal, não reconhecendo a aplicação dos saberes e fazeres oriundos do terreiro, nas escolas, na culinária, nas manifestações populares e na qualidade de vida das pessoas.

O poder da palavra é fundamental para manutenção das tradições, ao passo que as concepções políticas têm despertado um olhar reflexivo; buscando evitar a acumulação do capital por intermédio da exploração das tradições africanas e conduzindo os membros das comunidades a não aceitarem nenhuma política que leve o povo a esperar promessas de *pão e circo*¹.

Na comunidade do terreiro do Cobre, há gestão do conhecimento sobre os direitos do ser humano, conscientização de seus adeptos quanto à intolerância religiosa, afirmação étnica, direitos do cidadão, políticas públicas, leis de incentivo à cultura e a própria manutenção do ambiente natural; condição essencial para existência do ser humano com qualidade, proporcionando todas as suas manifestações e desenvolvimento.

Na *Invenção do Cotidiano*, Michel de Certeau (2008) destaca que, apesar de as ciências sociais possuírem a capacidade de estudar as tradições, linguagem, símbolos, arte e artigos de troca que compõe uma cultura, lhe faltam formalismos para examinar as maneiras em que as pessoas se reapropriam destas coisas em situações cotidianas.

No cotidiano, os membros das comunidades de terreiro se reapropriam das suas tradições na arena de debate interna e externa ao seu espaço de poder, trazendo à discussão suas pertencas africanas, mostrando ao poder público que são capazes de gerir todo legado herdado por seus ancestrais africanos. As lideranças representantes das pertencas africanas, que emergem legitimamente da comunidade de terreiro, exercem papel importante na sociedade civil e no estado, quando conscientizam a população sobre a importância da preservação de suas heranças, formando importante elo para o

¹ Maneira de contentar a população oferecendo comida e diversão.

fortalecimento do anseio de liberdade da manifestação pública de seus saberes e fazeres, retirando do estado capitalista o controle e a exploração de suas raízes verdadeiras.

Certeau argumenta que a omissão das ciências sociais para examinar a maneira que as pessoas se reapropriam de suas tradições torna-se perigosa, pois na atividade do reuso encontra-se uma abundância de oportunidades para pessoas comuns subverterem os rituais e representações que as instituições buscam impor sobre eles.

Os indivíduos estabeleceram regras para preservação da força e magia da religião dos orixás, onde a palavra exerce um papel importante na manutenção das pertencas herdadas por seus ancestrais. Observa-se no terreiro do Cobre a formação integral – corpo e espírito – para o debate intelectual, conforme o tempo e o espaço. Todo membro da comunidade de terreiro tem sua condição de igualdade, estando na busca de soluções para o presente, ligados ao passado e voltados para o futuro.

O terreiro de candomblé tornou-se uma comunidade política e suas relações sociais superaram até laços biológicos. A política para se instalar precisa de um lugar e de poder, seus elementos essenciais e determinantes da sua existência.

A comunidade de terreiro precisa de um lugar e uma instância de poder, por ser um espaço político. O espaço é base de sobrevivência, fonte de poder e, por via de consequência, alvo de cobiça e desejo de apropriação e controle. O espaço transcende sua qualidade meramente utilitária de suporte material para o existir humano, possibilitando condições para produzir, residir, circular, desejar, lutar, religar, aprender e permanecer em sua essência divina e humana.

O espaço político da comunidade de terreiro de candomblé é a base de sobrevivência das tradições ancestrais africanas, guarda na palavra o poder de resistência e continuidade de suas tradições; garantindo às futuras gerações a manutenção da língua mãe, conhecimento de ervas, confecção do vestuário, confecção de alimentos, respeito ao meio ambiente, respeito ao idoso e à memória de seus ancestrais, preservação da expressão corporal, a preservação dos mais variados sons e ritmos e principalmente o reconhecimento dos direitos do ser humano.

O ser humano tem na palavra a sua primeira instituição, tornando-se importante ferramenta para manifestar suas tradições e exercer seu papel político, sendo vital para o espaço sagrado, pois são carregadas de significados que determinam os ritos e o próprio existir humano.

A gestão do conhecimento na comunidade do terreiro do Cobre tem na palavra a sua principal ferramenta para transferência, criação, armazenamento e reutilização

efetiva das informações. A palavra se constitui em fundamental importância para ação política e religiosa, pois, os alimentos, a dança, as cantigas, as cores, os instrumentos de percussão, os gestos e toques específicos não se separam no dia a dia da comunidade. Daí percebeu-se que vida e religião não se separam.

4 TERREIRO DO COBRE E COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA

Desde a pré-história, o homem vem desenvolvendo a comunicação. Dos primeiros gritos ao código digital foram milhares de anos. Há 150 mil anos, por exemplo, a caça era de fundamental importância para a sobrevivência das espécies, e isso explica muito sobre a forma como a raça humana se desenvolveu. A caça exigia pensamento cuidadoso e planejamento que demandava uma inteligência elevada e habilidade de comunicação.

Os homens desenvolvem os primeiros sons ou falas primitivas a fim de tornar a vida entre eles mais harmônica e social. Com a fala, o indivíduo pode se comunicar com o seu próximo e traçar planos para a caça, pesca, disputa, entre outros planejamentos que exigiam uma cooperação entre os sujeitos.

Para haver comunicação, são necessários alguns componentes: emissor, receptor, canal e mensagem. Esses são os elementos básicos da comunicação. Emissor é aquele que envia a mensagem, receptor é quem recebe a mensagem e o canal é o “veículo” para a transferência da mensagem.

Em uma conversa entre duas pessoas por telefone, uma delas (a que fala) é a emissora e a outra é a receptora (a que escuta). O telefone é o canal utilizado para encaminhar a mensagem. O ambiente também tem a capacidade de interferir na mensagem, visto que ele pode gerar ruídos e distorções na mesma.

O que se conclui é que a comunicação entre o emissor e o receptor precisa de um canal. Antes das cartas, quando um emissor queria passar uma mensagem para um receptor que não estava presente, usava-se um mensageiro. Nesse meio, a mensagem podia ser modificada, mesmo que involuntariamente, como em uma brincadeira de criança conhecida como “telefone-sem-fio”. Mas essa estratégia comunicativa foi usada por muito tempo, principalmente levando-se em consideração que o acesso à leitura e à escrita foi restrito durante séculos, onde os senhores da igreja eram os detentores desse conhecimento e usavam-no inclusive para a produção de manuscritos e “livros”. A carta veio como uma alternativa de canal para levar os recados e mensagens entre as pessoas.

A função dos sacerdotes enquanto guia espiritual é aproximar o homem do ser divino. O candomblé possui suas próprias formas de comunicação, que variam desde a comunicação oral, que se encarrega de transmitir os ensinamentos sobre sua mitologia, ancestralidade, fundamentos, ritos e fatos históricos que serviram, em parte, de base

para este trabalho acadêmico, até a comunicação espiritual que traz, bem como a primeira, as informações relevantes sobre o cerne desse estudo, a transmissão de conhecimentos em uma comunidade de terreiro.

Os indivíduos em sociedade são impelidos a se comunicar para viver. A comunicação é condição imprescindível para a vida em sociedade. Os seres humanos tendem a procurar comunicar-se com a sua espiritualidade, seja de forma solitária, introspectiva, seja de forma coletiva, manifestando publicamente sua fé.

Existem formas de falar com o mundo de Deus que são solitárias e outras coletivas. Coletivamente, o modo mais comum é através da cantoria, onde a prece faz com que se juntem todos os pedidos num só, que deve “subir” aos céus levados pelas harmonias das vozes que o entoam. (MATTA, 2002)

Seja como for, o mundo invisível é idealizado como o verdadeiro mundo do qual o mundo visível somente é um acontecimento ou aspecto. O sistema de relações entre os homens e a esfera do mundo invisível acontece de forma expressa pelos mitos e é vivida pelos rituais. Toda ritualística envolve movimentos e experimentações coletivas ou individuais, onde podemos perceber a comunicação em todo o processo de transformação e incorporação pelos homens. Todo ciclo de transformação busca desenvolver, informar, interagir de forma simbólica ou realista o ciclo de vida do ser humano, divindades, natureza e todas as espécies. Neste contexto, é percebido o papel de agente da comunicação nos aspectos levantados, nas evidências constituídas entre o concreto e o abstrato, unindo através da oralidade, escrita e tantas outras formas de estabelecer comunicação. A comunicação na iniciação dos indivíduos, o diálogo entre todos os seres, fazendo a ligação com os espíritos nas matas e cidades, facilitando a interação através de sonhos, em uma espécie de revelação. A comunicação torna-se adequada, através de libações, oferendas de comidas, sacrifícios e invocações involuntárias, trazendo para o campo energético no qual se pretende atuar.

A crença religiosa é antes de tudo o fato de postular a existência de um meio ambiente invisível, talvez imanente, em pé de igualdade com o visível, mas em todo caso diferente pelo simples fato de sua não-evidência. Conseqüentemente os homens não podem aprender a totalidade do real; algo lhes escapa, talvez até o essencial. O verdadeiro sentido está em outro lugar. O sagrado será assim oposto ao profano. (TOLRA, 1997).

Os sacrifícios estabelecem, com efeito, uma comunicação entre este mundo e o mundo invisível através do animal consagrado e consumido com o fim de servir de mediação.

Por meio da atividade ritual o axé é liberado, canalizado, fixado temporariamente e transmitido a todos os seres e objetos, consagrando-os. Cada indivíduo, por ter sido iniciado pela Yalorixá e através de sua conduta ritual, é um receptor e um impulsor de axé. (SANTOS, 1986)

A libação¹ consiste em derramar no chão algumas gotas de bebida na intenção dos ancestrais, estabelecendo uma comunicação em forma de agradecimento ou mandando embora potenciais perturbadoras, pedindo para comer ou beber em paz.

As oferendas de comidas consistem em disponibilizar, para as divindades, alimentos que fazem parte do círculo energético e estabelecem a comunicação através do cheiro, paladar e composição orgânica da identidade do orixá.

As invocações tendem a se estabelecer através de exposições às frequências energéticas e propícias para atrair contato com o mundo invisível.

Dessas formas de comunicação, destaca-se a dramatização, que se compõe de diversos outros sistemas simbólicos que combinam entre si, tais como um sistema gestual que se exprime nas invocações, nas danças, cumprimentos, etc, num sistema musical polirítmico, composto também nos cânticos, Korin, e dos poemas de louvação, oriki, dos sistemas de cores, vestuário, das jóias, das esculturas, etc. (LUZ, 1995)

Através do cântico, é percebido o teor da mensagem, a admiração, o respeito, a veneração e o envolvimento com as partículas poderosas e vitais para comunicação.

As crianças aprendem com bastante facilidade as cantigas, garantindo, desta forma, o futuro da crença nos Orixás. O terreiro do Cobre com muita sabedoria estabelece, através das cantigas, as relações do passado – presente – futuro, atuando por meio dos mais velhos com todo armazenamento de informações e códigos, preparando os mais novos para continuidade do processo rítmico e melódico que compõem a essência da comunicação.

¹ É o ato de derramar água, vinho, sangue ou outros líquidos com finalidade religiosa ou ritual, em honra a um deus ou divindade.

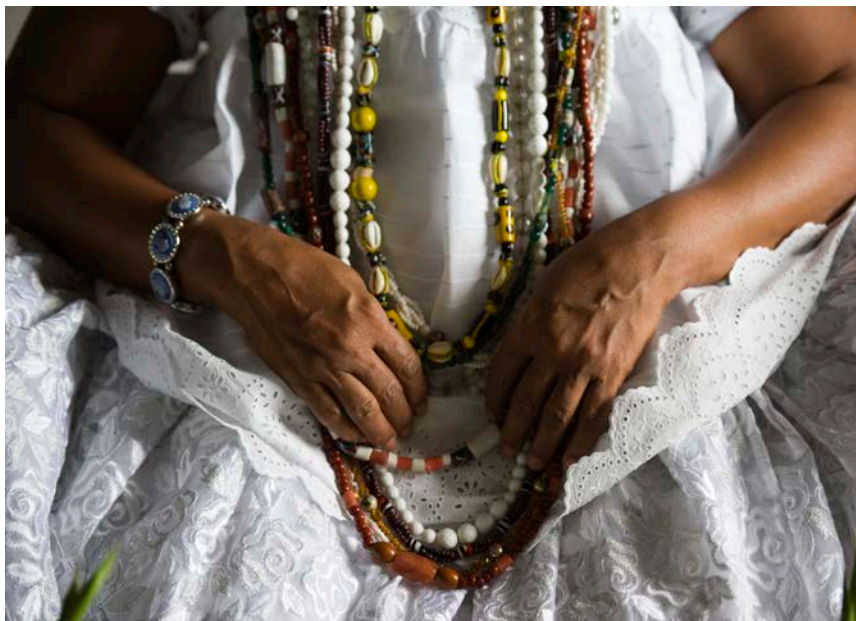
A dança é conduzida pelo poder das palavras, contidas em cada estrofe e cada partícula das cantigas que mobilizam a energia da comunicação entre o Orun e o ayie. A dança transforma e revela segredos adormecidos em cada indivíduo, convocando de forma latente para a dinâmica da comunicação espiritual e afluindo a essência do ser humano.

É possível constatar o quanto é forte a oralidade na construção das relações, determinando toda a formação básica dos indivíduos, independente de sua cultura e das regras estabelecidas pela sociedade à qual pertence.

A comunicação dentro do Cobre se confunde com a própria relação dos indivíduos de tão intrínseca que acontece, por isso todos os elementos são importantes. Destacam-se os atabaques enquanto um canal de comunicação para chamar, reverenciar os orixás. E são apontados, também, os códigos dentro de um contexto mais restrito, a exemplo de algumas palavras da língua yorubá presentes como condição de identidade, de pertencimento para falar de alguns artefatos, funções, comidas que circulam no Terreiro, a exemplo de Orixá, amalá, igbá, yao, adja, egbomi, ekodide, eboori, ewo, ori entre tantas outras. Sem falar das cantigas que mesmo que os indivíduos não saibam traduzir, no conjunto geral entendem para que orixá estão cantando, qual a função do que está se cantando, e quando deve ser cantado.

Para Luz (2011), através da religião, dos seus rituais, são mobilizadas forças sagradas, axé, capazes de atualizar e de interferir na relação do ayie com o orun. A linguagem da liturgia constitui uma dimensão estética que envolve desde beleza às ações sagradas.

A yalorixá é a intermediária da força mística dos orixás com o corpo de seus filhos; ela é quem estabelece essa comunicação, quem consagra e quem interpreta a vontade dos orixás, criando assim, nos momentos críticos da iniciação, uma dependência que resulta num sistema de expectativas mútuas, entre ela e seus filhos de santo. (LIMA, 2003)



13 Acervo pessoal de Mãe Val

O sujeito em uma ação racional compartilha com os outros sujeitos, se transforma em um nascer ancestral e adquire o pertencimento. Não é possível abordar a comunicação sem destacar a importância do silêncio na religião de matriz africana. Pois as interações sem o uso de palavras conectam o sujeito através de objetos e experimentações com os outros sujeitos.

O conhecimento em uma comunidade de terreiro não tem começo meio e nem tão pouco fim. As informações brotam como a erva das savanas africanas, onde são regadas pelas chuvas, lágrimas e sangue dos antepassados, mas também pela alegria e sabedoria, concentradas muitas vezes no silêncio e nos olhares, nem sempre transformado em palavras.

A comunidade reunida, re-ligada, compartilha com as entidades o conhecimento e a emoção proporcionados pela atmosfera sagrada. A alegria desses momentos fortalece a todos. (LUZ, 2011)

O silêncio no terreiro representa o encontro consigo mesmo, a tomada de consciência da dualidade, corpo e alma. Existem momentos que o corpo questiona e tenta se manter inquieto e latente pelos chamados mais profanos, mas a alma silencia os desejos e estabelece o sagrado.

O silêncio é o encontro com o eu divino, uma forma de estabelecer conexão com os antepassados. Na ausência de sons e ruídos, o despertar da meditação individual se estabelece. Meditação que acompanha a iniciação do Yaô, posto que este mesmo Yaô

entre em uma reflexão profunda, calando os impulsos que antes o impeliam a satisfazer sem fronteiras os desejos do corpo. Ao silenciar e disciplinar estes desejos, nasce para uma nova etapa de sua vida, se entrega aos ritos e se abstém dos vícios, estando em uma condição mais transcendente sem deixar sua caracterização de humano.

O silêncio no terreiro é um respeito à IKU (a morte), pois se calam as vozes, calam-se os atabaques, fecham-se os sorrisos, e toda dor da perda terá que obedecer à ordem do tempo.

O silêncio também veste branco, tem palavras e tem sentido. Assim que os indivíduos evocam juntos diversas circunstâncias de que cada um se lembrou (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguem pensar, recordar em comum. Os fatos passados assumem importância maior e todos acreditam revivê-las com maior intensidade porque não estão mais sós ao representá-los.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. (HALBWACHS, 2006)

É de domínio para todos os filhos do Cobre, que as matas e outros ambientes naturais são consagrados, pois ali existem os orixás, as divindades dessa religião. Eles se fazem compreender em seus espaços e elementos sagrados, como rios, mares, matas, trovão e vento. Espírito e meio ambiente estão tão unidos à alma do terreiro do Cobre, que não é possível haver culto sem a presença de elementos naturais, sobretudo, folhas. Sem água, sem folha, não há orixá.

Olorum, o senhor dos céus, Oxossi, orixá das matas; Oxumaré, orixá do arco-íris; Nanã, orixá das águas subterrâneas; Oxum, orixá das águas doces; Yemanjá, orixá das águas do mar. Enfim, todo o panteão de deuses africanos relaciona-se com a natureza.

Usar folhas de mamona ou de bananeira no lugar de pratos de louça, substituir copos e garrafas de plástico ou de vidro por cuias de coco ou bambu, alertar para o perigo de incêndio causado por velas acesas sob as árvores e explicar sobre as áreas de proteção ambiental em que se pode ou não realizar rituais religiosos.

No calendário das homenagens aos orixás, existe uma relação vital com os ambientes naturais sagrados, onde se pode perceber várias mudanças de postura para preservação do meio ambiente. Destaca-se o presente de Oxum, onde a Yalorixá orienta

aos filhos e simpatizantes a não colocar objetos degradáveis no balaio de oferendas que será depositado no mar, em somente colocar objetos biodegradáveis, com objetivo de não poluir com plásticos, vidros e outros materiais que são agressivos à natureza.

Na comunidade do Cobre, aprende-se desde cedo a preservar a natureza e a viver em comunidade.



14 Mãe Val e crianças da comunidade do Bairro.

4.1 OFICINAS DO SABER NO TERREIRO DO COBRE

Na comunidade do terreiro do Cobre, a transmissão do conhecimento nomeia a comunicação do dia a dia na fala, como principal estrutura de construção ideológica, cultural e literária. A cultura africana, por séculos, foi passada através da oralidade, garantindo a manutenção, sobrevivência e resistência do candomblé. Não existe outra forma de transmissão de conhecimentos na liturgia do candomblé, que não seja através da relação direta com a comunidade de terreiro. Todo conhecimento passado oralmente dos mais velhos para os mais novos garante a continuidade de rituais milenares e renova-se a cada geração que sucede as anteriores.

Tradução é também uma maneira de imitar, mas num sentido traiçoeiro e deslocante – o de imitar um original de tal modo que a sua prioridade não é reforçada e sim, pelo próprio fato de ele poder ser simulado, reproduzido, transferido, transformado, tornado um simulacro e assim por diante: nunca o original se conclui ou se completa em si mesmo. O “originário” será sempre aberto à tradução, portanto nunca pode ser dito que tenha um momento antecedente, totalizado de sentido ou de ser – uma essência. (BHABHA,1998)

Portanto, a transferência de conhecimento é reproduzida nas relações entre os membros da comunidade, tendendo este conhecimento a sofrer transformações pela própria necessidade do espaço e tempo, se tornando original por meio do sujeito que se relaciona com o outro sujeito, afirmando a essência presente em si mesmo.

Destacam-se algumas das principais características de transmissão predominante no terreiro do Cobre, entendidas como fontes do saber e da própria continuidade da comunidade, importantes para qualidade de vida de seus membros.

- **Conhecimento das plantas**

O conhecimento das plantas é uma questão de habilidade e atenção do iniciado para obter domínio sobre a folha certa para objetivo proposto no ritual ancestral a ser celebrado. É possível perceber o compartilhamento do conhecimento entre os membros da comunidade, obedecendo a especificidades daqueles que têm domínio e do outro que desperta o interesse pelo aprendizado. Todo aprendizado vem por intermédio da oralidade, estabelecido na relação e prática constante, pois existem segredos e rituais para apanhar a folha correta nos locais sagrados. Exige-se disciplina e atenção, atentando para o silêncio e concentração, onde se deve consultar o orixá através do pensamento, na busca por orientação e sucesso no propósito a que se destina. Para os mais velhos da comunidade e habilidosos na colheita de plantas sagradas, é preciso muito respeito e bastante percepção para captar os sinais da natureza, pois a depender da energia de quem vai fazer a colheita, a folha pode se mostrar ou ficar velada, deixando o sujeito passar diversas vezes por ela e não avistá-la sem encontrar explicação.

As folhas e a água se constituem no fundamento inicial da comunidade do terreiro do Cobre, pois as folhas recebem a emanção direta do poder da terra fertilizada pela chuva. O sangue das folhas é uma das forças mais poderosas, que traz em si o poder do que nasce e do que advém. Todas as folhas possuem poder, mas algumas têm finalidades específicas, por meio das folhas, podem-se realizar curas e milagres, pode-se trazer progresso e riqueza. As folhas são louvadas, cantadas, empregadas com fins a estreitar os laços com as entidades invocadas, para propiciar curas, embasar conselhos. Pode-se dizer mesmo que as plantas integram representações dos adeptos como meio de compreender a natureza das coisas e poder divisar o invisível. As plantas dentro dos terreiros de axé são poderosos veículos de linguagem verbal, transcendendo e transformando seu caráter material.

Colher erva é um aprendizado para poucos, por conta das sutilezas e especificidades existentes. As folhas são emanção direta de força. Uma folha que serve para um banho, uma obrigação de uma pessoa não significa que serve para outra, mesmo que sejam irmãs de barco. Envolve, entre outras coisas, o orixá dessa pessoa.

Cada planta e cada folha conserva sua cor e suas finalidades na comunicação com as divindades do Panteão africano, podendo associar cada uma delas aos deuses da natureza. O sangue não é somente vermelho, pois em cada reino (animal, vegetal e mineral) é identificada uma cor de sangue a qual pode ser utilizada conforme a ocasião e a necessidade dentro da ritualística.

- **Confecção do vestuário**

As vestimentas dos orixás são confeccionadas por membros da comunidade, que emprestam seus dons para detalhar as características individuais dos ancestrais. Estas características são percebidas nas cores, adereços e estilos que determinam seu caráter, tornando perceptível a sua identidade.

Para mãe Val de Ayrá, este processo acontece desta forma:

A gente aprende também na passagem de um para o outro. Minha mãe me ensinou fazer saia. Eu me lembro que a primeira vez que tive na África eu não sabia costurar, trouxe uns tecidos lindos e dei a uma senhora pra costurar, só que ela não entendeu que era pra colocar o pano todo, aí eu fiquei triste e disse a minha mãe: se eu soubesse costurar! E minha mãe falou que eu só não aprendia se não quisesse, é fácil! Então disse que a partir daquele dia eu iria costurar minhas saias. Aí minha mãe me ensinou, eu cortei e costurei na mão porque na época eu não tinha máquina, e aí já ensinei a vários filhos de santo meu, e acho importante produzir dentro do próprio terreiro, porque a roupa do Orixá é uma coisa sagrada. Uma roupa minha que eu vou pra um aniversário levo pra uma costureira, mas a roupa do orixá tem que ser fabricada dentro do espaço do terreiro, pra não ter que estar saindo pela rua com a roupa do santo. Já vi várias filhas do terreiro hoje que já sabem costurar, e aprendeu também aqui dentro. Tudo na vida pra aprender você tem que ter dom e habilidade, pra tudo, meu filho, porque às vezes você faz uma coisa por sobrevivência, mas não tem o dom. Você cria habilidade, mas não tem dom, você faz, mas não sabe o efeito, diferente de quem tem o dom e a habilidade. (MÃE VAL, 2011)

As cores comunicam a natureza da divindade e suas qualidades, permitindo a todos diferenciar a identidade em um contexto homogêneo. Cada entidade carrega em si

sua identidade, sendo as cores uma informação importante para identificá-las. As cores são percebidas desde a entrada de uma comunidade de terreiro, seu e toda ornamentação, o vestuário dos presentes e as vestimentas das divindades.

As cores representam traços fortes de uma cultura, de um povo ou uma nação, demarcando limites do domínio de uma etnia. À comunicação não se reservam as cores que a associa, trafega em todas as outras existentes, alimentando os desejos e as necessidades do ser humano e atendendo aos apelos individuais. As cores comunicam-se e manifestam as emoções do cotidiano, inserindo-se em todo o processo dinâmico da gestão do conhecimento. As cores sem o acompanhamento das palavras carregam em determinados contextos mensagens explícitas, capazes de promover a interação entre os indivíduos e estabelecer a sinergia coletiva. Em uma comunidade de terreiro, as divindades da natureza são sempre levadas em consideração, cabendo ao processo de gestão do conhecimento determinar e traduzir cada significado.

É possível identificar alguns orixás pela veste. A veste sozinha permite que possamos diferenciar um orixá feminino de um orixá masculino. Se esse orixá estiver com as ferramentas, daí é possível identificar todos. Mas uma coisa que é importante na veste é o cuidado com o qual é feito.

- **Confecção de alimentos**

Conforme entrevista com mãe Val de Ayrá:

Vou ensinar você a enrolar o abará pra poder aprender enrolar o acaçá. No candomblé, o que se escreve e que se grava não é igual a aprender fazendo. A mesma coisa é uma comida, se você pega uma receita, escreve e faz, não sai igual a você observar e aprender. O ponto do abará que estou fazendo, percebi o ponto porque estava olhando. Então, aprender vendo e não escrevendo, a pessoa aprende melhor e aprende mais do que você escrevendo ou gravando. Cozinha é uma arte, o aprendizado da cozinha é a mesma coisa dos outros, não é todo mundo que domina a arte da cozinha. E ainda tem mais, a cozinha passa e recebe energia, você acredita nisso? Porque se você não tiver com a energia boa, um ovo que você cozinhar ele não sobe e às vezes até desanda. As pessoas, às vezes, diz que sempre bateu o ovo e ele rendeu, mas hoje bateu e ele desandou, ou seja, é a energia da pessoa. A pessoa faz um bolo e sola. Às vezes, você tempera a comida com uma cebola alegre e feliz e a comida sai boa, porque sua energia contagia o alimento. (MÃE VAL, 2011)

Toda alimentação do terreiro é confeccionada com a participação de homens e mulheres, onde passam desde a preparação do animal para cozimento até a definição específica dos pratos.

Esse é um aprendizado interessante - os cuidados específicos ao tratar um animal para oferenda. Os tipos de comida de cada orixá. Como cozinhar. Depois, como arrumar no prato para a oferenda. Esse é um momento coletivo muito importante.

- **Respeito aos ancestrais e aos mais velhos**

Desde os primeiros passos dentro da comunidade que a figura do ancestral é determinante para permanência na sociedade. O ancestral está ali representado pelos mais velhos, seus verdadeiros guardiões da sabedoria e inteligência, capazes de manter a tradição viva e dinâmica.

Para mãe Val de Ayrá, o respeito ao mais velho é definido desta forma:

No candomblé, a gente aprende a respeitar o idoso, mas agente aprende a respeitar o mais novo também. Porque todo mundo merece ser respeitado, da criança ao mais velho, até a criança se você não respeitar ela também não te respeita. Então, no candomblé a gente aprende a respeitar o mais velho, porque hoje, infelizmente com essa dança, com essa educação, as crianças não respeitam nem os pais, quanto mais. Madrinha eu respeitei, padrinho e vizinhos que ajudaram a me criar, o vizinho olhava pra mim e eu obedecia somente com o olhar, imaginem hoje um vizinho onde as crianças não querem respeitar. No terreiro de candomblé tem isso aí do respeito, a gente não perdeu essa coisa de respeitar o mais velho. Tudo gera em torno do mais velho, pois ele tem a sabedoria, mas independente de qualquer coisa, eu acho que o respeito é bom independente de idade, o melhor que tem é cada um se respeitar e respeitar o próximo. (MÃE VAL, 2011)

O candomblé é um aprendizado de respeito ao outro, em especial, aos mais velhos. É possível ver isso principalmente quando uma criança que tem idade de santo maior que a de um adulto, esse adulto pede a bênção a essa criança. Independente da idade cronológica, o mais velho é sempre respeitado.

A sociedade atual desrespeita o idoso por ser uma pessoa que não é mais tão produtiva. Passa a ser o “descartável”, o que não serve mais. Porém, no Candomblé é diferente, quanto mais idoso se fica mais respeito se adquire. O conhecimento de um idoso, a experiência de vida que ele acumulou é fundamental na manutenção da

religiosidade. Pois, na convivência que se aprende e transmite o conhecimento. Então, este é um dos papéis primordiais de um idoso, merecendo todo respeito dentro da comunidade. No candomblé, muita coisa se aprende observando os mais velhos. As posturas, os gestos, o vocabulário etc. Depois vem a comunicação oral, base para todo processo de comunicação nos terreiros. Também podemos citar a comunicação intuitiva que não está classificada nos moldes da comunicação formal, mas que com certeza é a principal forma de comunicação das religiões de matriz africana.

- **Expressão corporal**

A expressão corporal está contida nas danças sagradas e em movimentos recriados a partir destes, adaptados à capacidade e ou limitação física de cada indivíduo. As danças são incorporadas ao indivíduo pelo processo da imitação aos mais velhos da comunidade.

As danças compõem importante elo de comunicação nestas comunidades de cultura africana, cuja coreografia indica origem de cada divindade e suas características. É quando se percebe a comunicação revestida de movimentos rápidos, lentos, exóticos, mas de difícil execução por aqueles que não estejam “tomados” por seus orixás. A dança condensa o processo de comunicação em um só momento, em um só movimento e em várias frequências. A dança traduz o saber, a guerra, a caça, a paz, a jovialidade, a velhice, a beleza, a sensualidade, a doçura, a maternidade, a morte, o nascimento, a doença, a justiça, a fertilidade, o amor, a cooperação, a força, a cura e o poder. A dança é conduzida pelo poder das palavras, contida em cada estrofe e cada partícula que mobiliza a energia da comunicação, transformando e revelando segredos adormecidos em cada indivíduo, convocando de forma latente para a dinâmica da comunicação espiritual e afluindo a essência do ser humano.

Para mãe Val de Ayrá, a expressão corporal é definida assim:

Às vezes a gente está cansada de um dia todo no barracão, mas no passado eu fui dançarina, mas acho que hoje estou cansada. Mas eu acho que dançar a dança do orixá, sambar como a gente samba também no dia da festa de oxalá que tem o samba, a gente aprende tudo isso no terreiro de candomblé mesmo, porque hoje o pessoal dá aula de folclore, somente que folclore é uma dança folclórica e não tem nada a ver com dança de Orixá, Inquice, Vodun e Caboclo, não tem nada a ver com dança da religião. Agora, tem pessoas com mais desenvoltura que outras, que a gente chama pé de dança, pé de pincel,

pé de valsa que pega o ritmo. Todo mundo sabe que dançar pra Ogum está cortando, que corta com a espada, então ninguém vai dançar pra ogum como se estivesse dançando Ijexá, como você vê Oxum faceira. Então, todos conhecem o ritmo, até que não dance maravilhosamente bem, mas, aprende o ritmo também da dança. (MÃE VAL, 2011)

- **Rituais na língua mãe**

Para autoridade europeia do pensamento autêntico, o que é escrito tem um valor negado na oralidade. Mas na comunidade do terreiro do Cobre, a oralidade é a representação do pensamento autêntico para o aprendizado da língua Yorubá. Os cânticos e rezas durante as cerimônias são todos na língua mãe, onde os mais novos aprendem com os mais velhos pelo processo de repetição. **Os códigos comuns** a cada comunidade podem ser definidos de forma simples, pois, segundo mãe Valnizia de Ayrá (2008): “Ninguém faz melhor que ninguém, em cada lugar as coisas são feitas de forma diferente, e diferente não é errado, diferente é diferente”. Todos os processos de comunicação nos terreiros obedecem às tradições de seus ancestrais, com símbolos próprios e interpretações localizadas. Portanto, é perigoso padronizar a linguagem, os sinais, as formas, os fazeres, os olhares e a ritualística da comunicação dos orixás nos terreiros, mesmo pertencendo à linhagem de uma só nação.

O aspecto cognitivo é marcante na gestão do conhecimento e na comunicação nos terreiros, pois o pensamento envolve e conduz a todos dentro de uma comunidade. Os sonhos e previsões de acontecimentos são comuns entre membros, com relação de objetos a situações que envolvem um dos próximos e os avisos de perigo ou de acontecimentos alegres e satisfatórios. As pessoas podem até se afastar fisicamente, mas permanecem ligadas umas às outras por um magnetismo extrassensorial, onde são captadas suas presenças e suas ações por uma ou mais pessoas de forma explícita ou simbolizada de alguma forma. Uma comunidade pode permanecer toda conectada através de fatos do passado, presente e futuro, atuando na prevenção, cura ou conscientização de doenças ou qualquer outra situação que envolva um ou mais membros da família espiritual.

Toda a codificação da comunicação dos terreiros resistiu a todo tipo de violência, preconceitos e deturpações. Os indivíduos estabeleceram regras para preservação da força e magia da religião dos orixás. A comunicação, resistência e continuidade das tradições da religião africana só têm sido possíveis com a capacidade

de velar os mistérios, de segmentar código com seus adeptos, e de manter os rituais em língua original, ensinada aos mais jovens pelos mais velhos.

A expressão oral renasce constantemente; é produto de uma interação em dois níveis: o nível individual e o nível social. No nível social, porque a palavra é proferida para ser ouvida, ela emana de uma pessoa para atingir uma ou muitas outras; comunica de boca a orelha a experiência de uma geração à outra, transmite o axé concentrado dos antepassados a gerações do presente. (SANTOS, 1986)

A comunicação é um elemento essencial para existência e resistência do candomblé, pois os fazeres e os saberes são herdados e compreendidos através das relações dos indivíduos em comunidades. Compreender através da investigação “a gestão do conhecimento na comunicação nos terreiros de candomblé ou comunidade de terreiro” é uma necessidade elementar para resistência e continuidade das comunidades de terreiro, assim como do culto aos orixás, permitindo, desta forma, a continuidade da essência e força de uma tradição milenar que resistiu a toda forma de violência e possibilita a vida comunitária e solidária, que, conforme Sodré (2005), são elementos necessários da cultura brasileira, conseqüentemente para a educação do futuro.

Para mãe Val de Ayrá, o processo de aprendizado da língua mãe acontece desta forma:

Tem os momentos pra ensinar quando a pessoa vai se iniciar, onde aprende as rezas, rituais e no mais se aprende na convivência mesmo. Um abiã, por exemplo, não tem momento de ir aprender a rezar, mas ele já está frequentando a casa, e de tanto ouvir rezar, quando ele se inicia, já aprendeu a rezar também. As crianças, eles aprendem ouvindo. Um exemplo é aquele menino neto de neném, ele canta quase todas as cantigas de Orixá, de candomblé, vamos dizer assim, e ele não se iniciou, não foi suspenso como ogã, não foi escolhido pelo orixá pra ser ogã ou adoxu, mas ele já canta. Independente de ser filho de santo ou abiã se aprende na convivência com o outro. (MÃE VAL,2011)

- **Sons e ritmos**

Os sons e ritmos são compartilhados na prática diária, onde os mais velhos colaboram com os mais novos, criando oportunidades para mostrar suas habilidades em cerimônias oficiais. O discípulo tem que criar afinidade com o instrumento e com o

mestre que lhe dará os primeiros passos. A habilidade é afluída em muitos membros desde os primeiros anos de vida, onde já despertam para os ritmos e toques necessários e específicos de cada orixá. O discípulo terá sempre um mestre em quem se espelhar, criando uma espécie de linhagem com exímios tocadores na comunidade do Cobre.

Os sons produzidos pelos instrumentos agem sós ou em conjunção com outros elementos rituais. Constituem formidáveis invocadores das entidades sobrenaturais. São eficazes indutores de ação, promovendo comunicação entre a terra e o céu. (SANTOS,1986)

O Ogã na comunidade do Cobre entra em um transe consciente conectado com seus ancestrais, buscando tirar o melhor som dos instrumentos de percussão. O orixá é quem comanda o ritmo com seus movimentos, envolvendo o indivíduo com sua energia cósmica e lhe preenchendo de axé, sendo o suprimento básico para atuações sobre-humanas em completo êxtase individual que se transporta para o coletivo. O orixá se movimenta em todos os cantos do barracão, fazendo soar os atabaques através das mãos dos Ogãs em cada indivíduo nas batidas mais lentas e mais aceleradas do coração, nas mãos, nos pés, na cabeça e, muitas vezes, no universo total do indivíduo, fazendo-o conectar-se diretamente com sua ancestralidade.

O alabê confirmado, nos terreiros tradicionais, deve possuir extenso conhecimento das cantigas e dos momentos litúrgicos em que elas devem cantadas e a ordenação das mesmas. As cantigas de iniciação e de fundamento; as de xirê e as cantigas para os mortos nos ritos fúnebres do axexê, sem esquecer as cantigas de sotaque. (LIMA, 2003)

Em realização de oficinas para membros do terreiro e da comunidade do bairro, o terreiro do Cobre promoveu e promove projeto de percussão para desenvolver ainda mais a habilidade dos jovens, iniciando a carreira de futuros grandes percussionistas populares ou de exímios Ogãs compromissados com a continuidade e resistência da religião. Os jovens enxergam oportunidades de investir na carreira artística, sonhando com um melhor futuro para suas vidas e de seus pais, libertando-se da violência e da marginalidade tão atraente e real em seu convívio diário.

Desde muito cedo, os meninos das famílias de candomblé aprendem a cantar e a tocar e aqueles mais talentosos e que se mostram interessados na aprendizagem das cantigas, sua adequação ritual e suas variáveis são incentivados e orientados para um dia ocuparem um lugar na hierarquia do grupo. (LIMA, 2003)

Os instrumentos de percussão são elementos sagrados para gestão do conhecimento, orientando a comunicação entre os dois mundos, pois dita o ritmo e o frenesi, estabelecendo a conexão com as divindades. Os instrumentos de percussão compõem a orquestra do cerimonial, sendo os geradores das células musicais que compõem a maioria das músicas populares, extraíndo força para mover os mais diversos tipos de coreografias que são experimentadas por todas as classes sociais. A percussão já determinava a comunicação através dos sons, sendo um elo entre tribos que se encontravam geograficamente distantes no velho continente africano. O trabalho sobre o “Orixá da Comunicação” mostrou que a percussão tem seu caráter totêmico em face de sua representação simbólica do sagrado. Os instrumentos em si, na totalidade do silêncio e na inércia de um terreiro, têm uma presença forte e significações que habitam o mistério e compõem o segredo de cada lugar.

O toque específico é parte importante na liturgia da comunicação do divino e humano em um axé. Um toque define etnia, nação, momento e a natureza do objetivo buscado pelo Yalorixá ou Babalorixá ou Sacerdote. Um simples toque e não há necessidade de nenhuma palavra, pois ele já vem preenchido de códigos e significados, que fazem os presentes adotarem posturas, obedecendo a um sincronismo mágico e sobrenatural. A escola parece ter perdido o toque específico na comunicação do sagrado que é o saber.

O toque estabelece as variações dos sons e gestos, comunicando em tempo integral as relações e as necessidades prioritárias entre os indivíduos. Gera-se a expectativa pelo toque, em face de ser remetido a algum momento especial do ritual, causando apreensão, alegria, choro, risos e aplausos de todos os presentes em um barracão. Assim, os gestos compõem parte importante da gestão do conhecimento, pois são as formas mais habilidosas de velar os mistérios e segredos da comunidade. Os gestos podem compor o que é chamado, em análise do discurso de imagético textual dentro da comunicação dos orixás, pois, verifica-se o dito, o não dito, explícitos, implícitos, mensagens subliminares, postos e pressupostos em uma velocidade e variedade que somente com bastante atenção podem ser percebidos. As músicas e

cânticos compõem parte da base sólida da comunicação na gestão do conhecimento dos orixás, acelerando ou diminuindo o ritmo, saudando as folhas e todos os elementos da natureza, saudando humanos e divinos, estabelecendo um processo mágico e dinâmico capaz de gerar força e cura para os presentes. A música carrega significados e emana fluídos que determinam a divindade presente, permitindo que humanos e divinos se relacionem em um clima de êxtase ou em profundas reflexões. Através dos cânticos é percebido o teor da mensagem, da admiração, do respeito, da veneração e do envolvimento com as partículas poderosas e vitais para comunicação.

A música carrega o saber necessário para a dinâmica da comunicação, traduzindo toda uma história dos ancestrais e conservando a língua original. As crianças aprendem com bastante facilidade os cânticos, garantindo, desta forma, o futuro do saber da comunidade de terreiro e da crença na liturgia do candomblé (SODRÉ, 2005). Através da gestão do conhecimento, a sabedoria se estabelece e se apresenta com a música nas relações do passado – presente – futuro, pelos mais velhos que armazenam informações e códigos, e preparam os mais novos para continuidade do processo rítmico e melódico que compõem a essência da comunicação. A música e os cânticos entoados em comunidade de terreiros traduzem sentimentos de um extremo a outro, quando festejam o nascimento de novo ser e até mesmo quando celebram o ritual de morte de um indivíduo da religião.

A percussão com seus sons têm a possibilidade de entranhar na alma de todos que se fazem presentes na cerimônia, estabelecendo uma relação de saber anímico que revolve e traz à superfície a ancestralidade que se permita estabelecer contato com o ambiente visível.

Os sons e ritmos dependem muito da sensibilidade e da audição. A sensibilidade de estar aberto para entender o que está sendo tocado e cantado, visto que as palavras das músicas não são sempre entendidas. É um ouvir interno ou externo. Ouvir externo é aquela audição comum, que outros também ouvem - a audição para aprender uma reza, ou uma cantiga ou um toque dos atabaques, e o ouvir interno é a própria percepção quando algo é cantado ou tocado e o orixá vai incorporar.

- **Cidadania**

Por ter um caráter coletivo e acolhedor, a comunidade abraça adeptos com os mais diversos perfis, cada um trazendo suas experiências que se somam através do

cotidiano e despertam a consciência cidadã. Na comunidade, há o despertar para as pertencas ancestrais e para a cidadania.

Conforme depoimento de mãe Val de Ayrá:

¹A questão da cidadania, eu acho muito importante pra se exercer dentro de um terreiro ou em qualquer lugar, principalmente na religião. Agora, na religião a gente não tem que ver somente os direitos, nós temos que ver direitos e deveres. O cidadão tem todo tempo pra ver direitos e deveres pra ser um bom cidadão, porque se você vê os direitos do outro é capaz de enxergar seus deveres. Se você vê seus direitos e os deveres do outro, então você é conhecedor dos direitos e deveres, pra você ser um cidadão mais correto e menos corrupto, pra não perder muitos valores que hoje o ser humano está perdendo muito, então direitos e deveres dentro de um terreiro de candomblé é fundamental. (MÃE VAL, 2011)

O Cobre tem um trabalho excepcionalmente importante, em relação aos Direitos Humanos, concernente à Intolerância Religiosa. Mãe Val, junto com a Makota Valdina, idealizaram uma caminhada contra a intolerância religiosa, que já tem trinta anos. Essa lição de Direitos Humanos ao culto à religião fez com que outros Terreiros de outros bairros tivessem a mesma ação.

O terreiro do Cobre é onde seus membros buscam força, é onde se nutrem com alimento sagrado para mantê-los vivos e encontrar coragem para enfrentar as lutas do dia a dia. Local onde todos aprendem com todos e com a Yalorixá o significado de ser negro e cultivar Orixás.

4.2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FORMAL COM OS PERTENCIMENTOS AFRICANOS

Tornar os novos ambientes de educação plural com seus diversos saberes, possibilitando o processo ensino-aprendizagem possível para conviver com as diferenças, respeitando as individualidades e afastando-se do caráter homogêneo que a escola tradicional aponta, torna-se necessário pensar a respeito. Nessa perspectiva, não é aceitável pensar que, tratando a todos na mesma disposição, ensinando a todos de um mesmo jeito, o educador estará cumprindo o seu verdadeiro papel. Se for o espaço das diferenças, nossas ações precisam ser igualmente diferenciadas.

¹ Entrevista cedida por Valnizia de Ayrá em novembro de 2011.

Nos ambientes verdadeiros de educação não existem diferenças. Alunos e professores experimentam situações novas, sob a responsabilidade do coletivo, com a capacidade desses mesmos sujeitos em contribuir um com o outro. O educador é, assim, um gestor, não só de circunstâncias favoráveis, mas de conflitos, de impossibilidades e de equívocos que coexistem na arena da produção de conhecimento. A aprendizagem é a consequência desse encontro múltiplo, diferente e renovado.

A Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afrobrasileira em todas as escolas brasileiras, públicas e particulares, do ensino fundamental ao ensino médio. Infelizmente, a lei ainda não está sendo cumprida nas escolas. Existem vários motivos para isso, entre eles a falta de livros didáticos e de investimento na formação dos professores.

O número de cursos e especializações sobre história da África e cultura afro-brasileira é muito pequeno. Não atende ao grande número de professores que necessita de capacitação. O exercício da aprendizagem não deverá acontecer por falácia, e sim no dia a dia em que uns não sejam mais desiguais que os outros. Utilizar a diferente linguagem, possível de aproximar e incluir como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias decodificar e desfrutar das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes alvos em sala de aula e às mais diversas situações de comunicação.

O ato de ensinar e aprender é uma constante troca, onde se torna indispensável que o educador seja, acima de tudo, um sujeito que aceite provocações e possa afrontar as dificuldades, compreendendo que o conhecimento é processado através de valores e saberes que alicerçam e explicam a aprendizagem, incluindo todos os sujeitos que interagem em um mesmo ambiente de aprendizagem.

O desafio de verdadeiramente incluir o ensino dos pertencimentos afrobrasileiros na escola necessita de maior empenho do estado e da sociedade civil organizada. A criação somente de uma lei, sem políticas públicas voltadas para sua execução, com o intuito unicamente de tentar corrigir distorções históricas de negação ao povo de origem africana, não reduz a dívida secular a ser reparada.

O pertencimento africano preservou, principalmente, a magia do ensino-aprendizagem onde todos aprendem com todos e mantêm a relação hierárquica tradicional, respeitando todas as diferenças existentes em um ambiente religioso.

No processo de ensino-aprendizagem no Terreiro do Cobre, não há uma relação cultural didática. Há uma cultura de observação dialética que leva ao saber-fazer. Visto que o

ensino-aprendizado não se dá a partir de nenhuma cartilha, mas sim, observando, fazendo, ouvindo e apropriando-se para aplicação no tempo devido. Nada fora de seu tempo. É ouvindo no cotidiano, ouvindo as mais velhas cantar e rezar que as pessoas vão aprendendo. No terreiro do Cobre as pessoas aprendem que a vida e o cotidiano são tudo aprendido.

Eu por exemplo, não tenho a pretensão de dizer que sei, eu tenho humildade prá dizer que aprendo e ensino, por que no terreiro de candomblé tem muita coisa, e é pretensão de alguém dizer que sabe. Eu sei? Ninguém sabe nada, só aprende, quem sabe tudo é Deus. (MÃE VAL, 2011)

No geral, o processo de ensino-aprendizagem leva os indivíduos a:

- ✓ Preparar oferendas;
- ✓ Reverenciar aos orixás (com danças, cantos, rezas, bênção);
- ✓ Respeitar a todas as pessoas, pois cada uma tem uma vertente de axé que sustenta a casa - desde a sementinha (abian), passando pelos mais velhos (egbomi) chegando aos ancestres (orixás);
- ✓ Receber as pessoas que chegam para as festas.

Todo esse contexto tem uma apropriação que é chamada de educação de axé.

CONCLUSÃO

O terreiro do cobre redefine e recupera o saber ancestral quando se integra à modernidade e suas tecnologias, conservando os fazeres e saberes dentro da comunidade, a exemplo da utilização do fogão de carvão para o cozimento de comidas de axé, permitindo somente o cozimento de outros alimentos para servir no barracão em fogão industrial.

A comunicação na comunidade do terreiro do Cobre acontece de forma leve e sutil, permitindo aos mais experientes gerir seus conhecimentos e orientar a conduta dos mais jovens em situações que carecem de uma maior reflexão. Em uma abordagem com os pilares da educação da UNESCO, foi possível estabelecer um paralelo que trouxe uma avaliação mais aprofundada das relações na comunidade do terreiro do Cobre.

Aprender a ser no terreiro do Cobre, passa por entender as diferenças sem comprometer o propósito coletivo. O indivíduo experimenta a educação na tradição oral, conferindo a sua ancestralidade o axé necessário para relacionar-se com os outros indivíduos. Reconhece suas potencialidades e sua capacidade como cidadão. Recorre a sua cidadania para o reconhecimento dos saberes ancestrais disseminados dentro de sua comunidade, reivindicando em todos os espaços de convivência: o respeito ao direito à crença nos Orixás, atribuindo ser o nosso país um estado laico.

O candomblé é, antes de tudo, um espaço físico que, abastecido do espaço ideológico e das vertentes da tradicionalidade ou da emergência, está mais próximo das camadas historicamente mais resistentes e conscientes. (CARNEIRO, 2008)

Os diferentes entram em comunhão pelo culto aos ancestrais, se despem de seus títulos sociais e acadêmicos para celebrar a vida. Em uma comunidade de resistência, as habilidades são disponibilizadas e distribuídas no seio coletivo dos fazeres e saberes. Todos contribuem com todos, mesmo que o benefício direto da tarefa seja de cunho individualizado. O compartilhamento das experiências é muito importante para colaboração da formação dos mais novos.

Na comunidade do terreiro do Cobre, os sujeitos interagem com os outros sujeitos para o aprendizado das tarefas sem distinção. O processo do aprender a fazer acontece pela repetição, criando assim a habilidade pela convivência, credenciando a

todos a aperfeiçoar o trato com a culinária, decoração, folhas, limpeza, vestuário, costura e, principalmente, laços sociais.

Através da iniciação e de sua experiência no seio da comunidade, os integrantes vivem e absorvem os princípios do sistema. A atividade ritual engendra uma série de outras atividades: música, dança, canto, arte, artesanato, cozinha etc., que integram o sistema de valores do terreiro. (SANTOS, 1986)

Na comunidade do Cobre, os indivíduos, quanto mais aprendem com os outros indivíduos, têm a certeza que estão longe de dominar todos os saberes ancestrais. Aprendem a lidar com os mistérios e naturalizam o sobrenatural.

A Yalorixá Valnizia de Ayrá traz consigo a certeza que aprende ensinando. Relata que, muitos já estão em plena juventude, mas chegaram ao terreiro do Cobre ainda crianças, sendo um grande desafio e responsabilidade educar estes indivíduos, com personalidades diferentes, a conhecer a realidade do candomblé, auxiliar na formação do caráter, liderar percebendo a capacidade de alguns para liderança.

Na gestão do conhecimento, é possível destacar no terreiro do Cobre o pilar colaborar, pois os indivíduos, dentro de ações intuitivas, fazem parte da vida do outro, participam do mesmo trabalho e se alimentam deste mesmo trabalho. Na convivência, o sujeito se transforma, compreende e forma sua conduta e caráter. O espaço do terreiro é um local de conhecimento, ação política de formação, acolhimento e cuidado. O sujeito, em uma ação racional, compartilha com os outros sujeitos, se transforma em um nascer ancestral e adquire o pertencimento.

A liberdade é que insere o indivíduo na comunidade do terreiro do Cobre. No terreiro do Cobre, os indivíduos regidos por Xangô participam do mesmo fogo e alimentam este mesmo fogo. O conhecimento divino é conservado pela memória, que garante que esse sublime conhecimento seja transmitido de geração a geração. Existe uma continuidade entre o humano e o divino, ou seja, não existe uma separação absoluta entre o humano e o sagrado. Os deuses interferem diretamente no mundo humano

O afeto é o grande diferencial da educação dentro da comunidade do terreiro do Cobre. Os indivíduos formam laços sociais e afetivos, sendo este sentimento a principal magia no fenômeno ensino-aprendizagem.

O terreiro do Cobre é uma escola. E nessa escola de paciente aprendizagem, o indivíduo se prepara, aprende as cantigas, aprofunda-se no fundamento dos ritos,

conhece as folhas sagradas, aprende a consultar os oráculos, familiariza-se com a gama de atividades que o capacitarão para ensinar aos mais novos.

Todas as nossas relações são de parentesco, pois se o que liga nossa relação com a família é o ejé, em todas as obrigações que se faz em um terreiro de candomblé também corre ejé. (MÃE VAL, 2012)

Os laços familiares no terreiro do Cobre acontecem por intermédio da iniciação do orixá, com compromissos aceitos dentro de regras estabelecidas pela ancestralidade da comunidade. Os indivíduos estabelecem compromissos de obediência e disciplina; de proteção e assistência; de gratificação e sanções.

Para Bâ (2003), o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas um prolongamento.

A escrita é uma coisa, e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo o que transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

Na comunidade do Cobre os indivíduos estão unidos não somente pela prática religiosa, mas, sobretudo, por uma estrutura sociocultural cujo teor redefine e recupera a herança legada por seus ancestrais africanos.

O conhecimento e a tradição no terreiro do Cobre não são guardados, congelados nas escritas e nos arquivos, mas revividos e realimentados permanentemente.

A retroalimentação amplifica o conhecimento ancestral. Neste estudo ela está referendada simplesmente ao retorno de informações no âmbito da comunicação e da gestão do conhecimento sustentada nas interações humanas da comunidade do terreiro do Cobre.



3 Retroalimentação

O conhecimento é realimentado permanentemente através dos aspectos importantes na comunicação do terreiro, levantados e considerados pelo pesquisador, como: plantas; vestuário; cores; alimentos; respeito aos ancestrais; expressão corporal; rituais na língua Yorubá; sons e ritmos e o reconhecimento da cidadania. Todos estes aspectos levantados são revividos através da colaboração e cooperação entre os indivíduos, onde socializam, combinam, externalizam e internalizam todas as experiências na tradição oral, redefinindo e recuperando o saber ancestral para manutenção da tradição na religião de matriz africana.

Portanto, alcançou-se o objetivo das investigações neste estudo, quando foram discriminados aspectos da comunicação dentro da perspectiva oral com os indivíduos da comunidade do terreiro do Cobre, importantes para gestão do conhecimento. Aspectos capazes de redefinir e recuperar o saber utilizando a memória coletiva: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.” (LE GOFF, 2003)

A resistência da comunidade do terreiro do Cobre fundamenta-se na manutenção dos saberes e fazeres dos ancestrais africanos, pois não são abertas possibilidades para utilização de tecnologias nos momentos de rituais fechados ao público externo e não iniciados na religião. Nas atividades voltadas para o sagrado, não é permitido nenhum registro midiático, com o propósito de reter o conhecimento entre os adeptos da comunidade. A manutenção do saber no terreiro do Cobre também é redefinida com a inserção de novos membros, principalmente crianças da comunidade e familiares dos filhos da casa, que no exercício da convivência e repetição de palavras em Yorubá, criam vínculos e afinidades com toda comunidade. Aprendem a tocar instrumentos de percussão; aprendem a cozinhar; aprendem a cuidar das roupas dos orixás; aprendem a dançar; aprendem a cantar as cantigas sagradas; aprendem a respeitar os mais velhos; aprendem a respeitar o meio ambiente; aprendem a exercer a cidadania.

O fazer coletivamente e o viver coletivamente, colaborando uns com os outros em todas as tarefas, e operando juntos os saberes ancestrais, é fundamental para contribuição do existir da religião de matriz africana.

Tudo que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e viver: uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta Terra. Uma antiga fábula diz que a essência do ser humano reside no cuidado. O cuidado é mais fundamental do que a razão e a vontade. (BOFF, 2003)

O cuidado no Terreiro do Cobre passa pela vigília, solicitude, zelo, atenção e bons tratos para com o outro. O cuidar ajuda a vida na comunidade a se conservar, a se expandir além das paredes do terreiro, a irradiar a proteção e paz entre as pessoas. A solidariedade é o elo que amarra os valores capazes de estabelecer a essência da memória ancestral na comunidade do terreiro. Os indivíduos se solidarizam e colaboram uns com os outros, por intermédio dos aspectos de comunicação levantados neste estudo e pela transferência de conhecimentos, resistem redefinem e recuperam a memória étnica, contribuindo para manutenção da religião do candomblé.



Recomenda-se com esta pesquisa a criação de um centro de documentação para preservação da memória do terreiro. Local onde se concentrarão as informações para pesquisas e preservação da identidade do Cobre, por intermédio de fotografias e jornais, vídeos, livros e qualquer outro material que possa ser consultado e preservado da ação do tempo.

REFERÊNCIAS

- AMPARO, A. S. **O orixá da comunicação**: Estudo de Exu na perspectiva da comunicação social. Lauro de Freitas: UNIME, 2009.
- ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro**: heranças e urgências. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.
- BARROS, José Flavio Pessoa de. **Ewe orisa**: uso litúrgico dos vegetais nas casas de candomblé jeje-nagô. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. **Caroço de dendê**: a sabedoria dos terreiros: como Yalorixás e Babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- BENISTE, José. **Mitos Yorubás**: o outro lado do conhecimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.
- _____. **Orun - Ayie**: o encontro de dois mundos: o sistema nagô-yorubá entre o céu e a terra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b.
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós**: história e cultura afro-brasileira, Livro 1 e 3. Ed. Grafset, 2006. João Pessoa, PB.
- BÂ, Amadou Hampâté. Amkoullel, o menino fula. São Paulo: Palas Athena: Casa das Africas, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. São Paulo: Ed. WMF Martins e Fontes, 2008.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **A língua mina-jeje no Brasil**: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

- CHARLOT, Bernard. **A relação com o saber**. L'Harmatan. Paris.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em Ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- COSTELLA, Antônio. **Comunicação - do grito ao satélite**. 5. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.
- DISCOVERY CHANNEL. **A Origem do Homem**. 2002.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- FIGUEIREDO, Saulo P. **Gestão do Conhecimento: Estratégias Competitivas para a Criação e Mobilização do Conhecimento na Empresa**. São Paulo: QualityMark, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.
- GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?: Entrevista com René Holenstein**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **Lesse Orixá: Nos pés do Santo**. Salvador: Corrupio, 2010.
- _____. **A família de santo nos candomblés jêjes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupo**. Salvador: Corrupio, 2003.
- LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: Secneb, 1995.
- _____. **Cultura negra e ideologia do recalque**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: PALLAS, 2011.

- MARTINS, Adilson. **Lendas de Exu**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.
- MATTA, Roberto da. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- MATTOS, Wilson Roberto de. **Negros contra ordem**: Astúcias resistências e liberdades possíveis. Salvador: Eduneb, Edufba, 2008.
- M'BOKOLO, Elikia. **África negra**: história e civilizações. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.
- MCLAREN, Peter. **Rituais na Escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- MEYHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. Disponível em:
<<http://www.tiosam.net/enciclopedia/?q=Montaigne>>. Acesso em 12 mar. 2009.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- _____. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Campus: Rio de Janeiro, 1997.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **A ancestralidade na encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- OLIVEIRA, Valnizia Pereira de. **Resistência e fé**: fragmentos da vida de Valnizia de Ayrá. São Paulo: All Print Editora, 2009.
- _____. **Aprendo Ensinando**: Experiências em um espaço religioso. Salvador: Eduneb, 2011.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- QUEL, Luiz Felipe. **Gestão de conhecimentos e os desafios da complexidade nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil**. Salvador: Eduneb, 2010.
- RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante**: Cinco lições para emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

- RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e comunicação: princípios radicais**. São Paulo: Loyola, 2003.
- SANTOS, Deoscoredes M. dos. **Contos negros da Bahia e contos Nagô**. Salvador: Corrupio, 2003.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nãgô e a morte**. 11. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, José Humberto (Org.). **Orientações Metodológicas: construindo trabalhos acadêmicos e científicos**. Salvador: EDUNEB, 2008.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas sobre Religiões Afro-brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto**. Salvador: Edições Maianga, 2006.
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Intelectualidade negra e pesquisa científica**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- TAKEUCHI, Hirotaka. **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- TOLRA, Philippe Laburthe. **Etnologia - Antropologia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- WOLFF, Francis. A invenção da política. In: NOVAES, Adauto (org.). **A crise do Estado nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA ABERTA COM MÃE VAL

- 1- Mãe Val, gostaria que a senhora falasse um pouco sobre o bairro do Engenho Velho. Antes e hoje.
- 2- E esta concentração de terreiros no bairro, faz diferença pra comunidade negra?
- 3- Qual a importância de um terreiro secular como o Cobre para o bairro do Engenho Velho da Federação?
- 4- Mãe Val, esta expansão imobiliária tem diminuído os espaços sagrados, como a senhora vê o futuro das comunidades de candomblé nos centros urbanos?
- 5- Mãe Val, fale um pouco sobre a sua relação pessoal com o terreiro do Cobre.
- 6- Ao que a senhora atribui a permanência, manutenção e renovação dos saberes e fazeres dos ancestrais no terreiro do Cobre?
- 7- Quais elementos mais comuns estabelecem meio de comunicação entre os indivíduos da comunidade do Cobre?
- 8- Mãe Val, aprender e ensinar são um ciclo comum no terreiro do Cobre?
- 9- A habilidade de cada membro da comunidade é priorizada, ou todos passam pelo conhecimento global?
- 10- Mãe Val, a preservação da natureza tem sido trabalhada com os membros da comunidade?
- 11- Ser um espaço sagrado, de convivência e político, é possível para o terreiro do Cobre?
- 12- Como a senhora define o jantar cultural para o terreiro do Cobre?
- 13- Como a senhora define a importância da caminhada pela intolerância religiosa para o Terreiro do Cobre?
- 14- Mãe Val, gostaria que a senhora falasse sobre a passagem do conhecimento em algumas áreas específicas, como:
 - Conhecimento das ervas;
 - Confecção do vestuário;
 - Confecção de alimentos;
 - Respeito ao meio ambiente;
 - Respeito ao idoso e aos ancestrais;
 - Expressão corporal;
 - Estudo da língua mãe;
 - Sons e ritmos;
 - Direitos do ser humano.
- 15- Que tipo de retorno positivo as universidades têm trazido para comunidade de terreiro?

APÊNDICE – B

ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA COM PROFESSOR VALDÉLIO

JANTAR CULTURAL

- 1- Como e em que ano surgiu a ideia de organizar o jantar cultural?
- 2- Qual o principal objetivo do jantar?
- 3- Quais as principais modalidades artísticas que preenchem o jantar?
- 4- Existe um público-alvo específico para compor o jantar?
- 5- O espaço sagrado, de convivência e político, cabe no jantar?
- 6- Qual é a culinária predominante do jantar?
- 7- Como você define o jantar cultural do Terreiro do Cobre?

CAMINHADA CONTRA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

- 1- A caminhada surgiu de algum evento em especial para o terreiro? E em que ano iniciou?
- 2- A participação de outros terreiros na caminhada tem fortalecido os laços políticos do candomblé?
- 3- Existe apoio do governo municipal e do governo do estado ao evento?
- 4- Existem discussões anteriores à caminhada para definir seu estruturamento?
- 5- Existem proibições sacras/comportamental/político-partidárias durante a caminhada?
- 6- O que mais evoluiu durante as edições da caminhada?
- 7- Qual o local escolhido para dispersão da caminhada? Qual foi o critério para escolha?
- 8- Ao final de cada evento, existem debates para tratar fatos novos denunciados durante o percurso? E estes fatos são encaminhados para uma pauta com órgãos do município ou do estado?
- 9- Qual a grande liderança atualmente da caminhada pela intolerância?
- 10- Como você define a importância da caminhada pela intolerância religiosa para o Terreiro do Cobre?

APÊNDICE – C

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COMUNIDADE INTERNA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH), CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO
DO CONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL (PGDR)**

Terreiro do Cobre: gestão do conhecimento, comunicação e resistência

Nome:			
Idade:	Sexo:	Cor:	Apelido:

Questionário para membros da comunidade do terreiro do Cobre

- 1- Como você descreve o processo de ensino-aprendizagem no terreiro do Cobre?
- 2- Como você tem percebido a utilização de novas tecnologias nos fazeres tradicionais do terreiro do Cobre?
- 3- A introdução das novas tecnologias tem interferido no processo de manutenção da memória étnica do terreiro do Cobre?
- 4- Quais os pontos fortes da resistência de um terreiro secular com o Cobre?
- 5- Quais elementos da comunicação você destacaria como muito importantes no processo de aprendizagem?
- 6- Qual a importância do fazer coletivo na comunidade do terreiro do Cobre, levando em conta a colaboração e a cooperação entre os indivíduos?
- 7- Quais destas etapas de aprendizagem você gostaria e poderia comentar?
 - Conhecimento das ervas;
 - Confecção do vestuário;
 - Confecção de alimentos;
 - Respeito ao meio ambiente;
 - Respeito ao idoso e aos ancestrais;
 - Expressão corporal;
 - Estudo da língua mãe;
 - Sons e ritmos;
 - Direitos do ser humano.
- 8- O que representa o terreiro do Cobre pra você?
- 9- Tem algo que não foi perguntado que você gostaria de falar?

APÊNDICE – D



TERMO DE CONCORDÂNCIA LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH), CAMPUS I
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO
 DO CONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL (PGDR)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro, através do presente deste termo, que estou de acordo em participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada “TERREIRO DO COBRE: Gestão do Conhecimento, Comunicação e Resistência”. Fui informado quanto ao objetivo da pesquisa, que concentra-se em investigar quais os aspectos na comunidade do Cobre que redefine e recupera a memória de seus antepassados para preservar a tradição do candomblé, procurando compreender como os fazeres e os saberes são herdados e transferidos através das relações entre os indivíduos de forma a identificar os fatores da comunicação e da gestão do conhecimento presentes na comunidade do terreiro do Cobre, destacando os fatores que podem ser incluídos na relação do saber através da comunicação. A justificativa para realização da presente pesquisa concentra-se principalmente no reconhecimento dos saberes e fazeres herdados de geração para geração em uma comunidade de terreiro, mas que ainda não são vistos como importantes para educação formal dos indivíduos. Este estudo também estabelecerá, numa construção relevante, trazendo contributos para o saber científico, além das discussões acerca da Gestão Social do Conhecimento e a tradição oral. Quanto aos procedimentos de coleta de dados, serão utilizados a observação participante, a entrevista aberta e entrevistas semiestruturadas. As informações serão coletadas na comunidade do terreiro do Cobre e em espaços acordados com as lideranças, após aceite dos participantes.

Fui informado(a) também sobre os benefícios da pesquisa para a ciência, bem como para o reconhecimento dos saberes e fazeres passados na informalidade.

Estou ciente que, aceitando participar desta pesquisa, contarei minha história de vida e sua relação com o terreiro do Cobre e estou permitindo que a pesquisador Ademir Santos Amparo visite-me e faça perguntas gerais e vá visitar-me quando eu estiver no campo, para observar e fazer algumas anotações do que acontece na passagem de conhecimento na comunidade do Cobre, abordando principalmente os fatores da comunicação identificados. Nessas visitas, o pesquisador irá utilizar um gravador, máquina fotográfica e/ou filmadora.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Não há previsão que eu tenha algum gasto com esta pesquisa, porém, se isso acontecer, e for devidamente comprovado, fui informado (a) que terei o valor devolvido pelo pesquisador.

Estou ciente também que a participação nesta pesquisa não traz nenhum tipo de risco para mim. Fui informado (a) também que se seu sofrer algum dano decorrente da

minha participação na pesquisa, poderei concorrer a uma compensação pelo dano causado.

Fui informado (a) também que o uso das informações por mim oferecidas está submetido às questões éticas relacionadas à pesquisa com Seres Humanos, estabelecidas pela Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde (MS).

Estou esclarecido (a) de que as filmagens, fotografias pessoais no âmbito do meu cotidiano no terreiro do Cobre, bem como as informações por mim concedidas poderão ser utilizadas, no todo ou em parte, na dissertação de mestrado do pesquisador, e que os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em eventos e publicações científicas, sendo-me garantido que terei, no que couber, minha identidade preservada.

Fui esclarecido de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Fui informado (a) que acesso a qualquer etapa do estudo, bem como aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os responsáveis pela pesquisa são: Leliana Santos de Sousa (Orientadora/Pesquisadora responsável) e Ademir Santos Amparo (aluno mestrando), que poderão ser encontrados na Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional, Prédio de Pós-Graduação, localizado na Rua Silveira Martins, nº 2555 Bairro Cabula, CEP: 41.150-000, Salvador – BA. Ou através do telefone: 71 3117-2432. E-mail: sousaleliana@hotmail.com e demmymugo@gmail.com. Se o Senhor (a) tiver alguma consideração ou dúvida sobre a Ética da Pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade do Estado da Bahia, localizado na Rua Silveira Martins, nº 2555 Bairro Cabula, CEP: 41.150-000, Salvador – BA, Telefone (71) 3117-2445. E-mail: cepuneb@uneb.br

Assino o presente documento em duas vias de igual conteúdo, ficando uma via comigo.

Salvador, Bahia, ____/____/____

Assinatura do Participante _____

Documento:

Assinatura do orientador da Pesquisa

Assinatura do orientando (mestrando)

APÊNDICE – E

ENTREVISTA COM MÃE VALNIZIA DE AYRÁ

1 Mãe Val, gostaria que a senhora falasse um pouco sobre o bairro do Engenho Velho. Antes e hoje.

R- Falar do Engenho Velho, eu fico até um pouco triste, sabe, porque quando eu me lembro da minha infância aqui neste bairro, quando me lembro de tudo que já vivenciei neste bairro, tantas coisas bonitas, tanta gente bonita, tanta tranquilidade, e hoje eu vejo essa mudança toda, mudança no geral né?

Mudança na cultura do bairro, mudança na violência do bairro, na educação, então falar do Engenho Velho hoje... Eu sou uma mulher de 52 anos, nasci e me criei aqui neste bairro, tem uma coisa que também está me deixando muito angustiada e muito triste, é que me lembro quando eu era criança aqui no Engenho Velho, eu não lembro e faço uma retrospectiva quase todos os dias pra ver se eu me lembro de alguma igreja evangélica aqui no bairro do Engenho Velho, acredite em Deus, eu não me lembro de nenhuma igreja, só tinha a igreja católica, mas igreja evangélica principalmente essa neopentecostal, nunca teve nenhuma, então hoje eu fico vendo o bairro do Engenho Velho que está concentrada a maior parte dos terreiros de candomblé de Salvador, hoje em cada esquina tem uma igreja evangélica, então isso é uma coisa que a gente pode falar depois, pois a gente vai falar sobre esta questão da intolerância religiosa, e o bairro do Engenho Velho sempre foi um bairro muito bonito, um bairro muito cultural, um bairro que tinha muitas atividades, apesar de ser um bairro de pessoas simples, um bairro periférico, de pessoas pobres, mas as pessoas eram felizes e sabiam aproveitar a vida, tinha samba no São João, grupos de samba junino, tinha aquela cultura de Reis, eu não posso me esquecer que a gente saía dia 06 de janeiro, que hoje acho que as pessoas nem existem mais isso, os jovens de hoje nem sabem que existe este dia 06 de janeiro, que era dia de Reis. Minha mãe saía de porta em porta, os vizinhos com a bandeira de Reis fazendo samba, e ía um na casa do outro fazendo samba de reis com a bandeira, e as pessoas já ficavam ali esperando com os vizinhos, com um lanche, uma coisa assim muito... Tinha os ternos que iam pra Lapinha, mas aqui no bairro do Engenho Velho eu vivenciei tudo isto. Samba de São João roupa, fazíamos roupa igual e íamos de porta em porta e os vizinhos amanheciam o dia esperando e diziam: “você não veio ontem, eu te esperei”, e a gente respondia: “eu não vim ontem, mas vou hoje”, que era o dia seguinte

de São João, e no ano novo a mesma coisa. Então, não precisava ter muito dinheiro pra ser feliz e pra se distrair, pois tinham os bailes aqui na associação de moradores, tinha baile que se fazia pra jovens, tinha baile que se fazia pra pessoas mais velhas tipo uma seresta né! Eu já dancei muito, naquele tempo... Hoje é preciso ter dinheiro, os jovens iam pros bailes, a gente dançava aqui, a gente namorava aqui, aqui a gente fazia tudo no bairro do Engenho Velho, e hoje eu sinto falta disso tudo. As árvores do vizinho que a gente ia tirar frutos... não precisava comprar, o vizinho tinha, a fruta que o vizinho tinha não precisava comprar. Se um vizinho tinha mamão comia mamão, se o outro tinha maracujá comia maracujá, banana, goiaba e assim sucessivamente.

O bairro que mais tinha samba era o Engenho Velho, e ainda recebia outros grupos de sambas de São João.

2 E esta concentração de terreiros no bairro, faz diferença pra comunidade negra?

R- Eu acredito que sim, porque um terreiro de candomblé, o que eu venho observando antes de me iniciar e depois que me iniciei, e depois que vim ser líder do Cobre mais ainda, o terreiro de candomblé não se fecha em quatro paredes, ele se interage com a comunidade do bairro, eu tiro pelo Cobre, um terreiro de candomblé é importante para população negra, porque o terreiro orienta principalmente aqui que temos um trabalho social com os jovens negros da comunidade não só do terreiro como do bairro, então eu acho que é de grande importância, pois desde o tempo da minha avó eu estava vendo jovens, jovens não como Dodô, que vai fazer 70 anos, e outros que ainda existem aí que vão fazer 70 anos, que era da comunidade do bairro, negros pobres que minha avó já fazia um programação social, colocando pra estudar, madrinha mesmo que não tivesse batizado, mas ela madrinhava botava pra fazer cursinho de arte culinária de corte e costura. Kika mesmo conta que a mãe dela veio aqui costurar com minha vó, e a mãe dela não fazia parte do terreiro, fazia parte da comunidade do bairro, tudo isso é importante, e até hoje a gente vem fazendo, acho que é muito importante e que interagem muito com a população negra, os terreiros de candomblé ensinam muita coisa, inclusive essa coisa de percussão, os melhores percussionistas que viajam pelo mundo inteiro aprenderam dentro do terreiro de candomblé, Carlinhos Brown e outros..

3 Qual a importância de um terreiro secular como o Cobre para o bairro do Engenho Velho da Federação?

R- Antes, ele tinha um papel e hoje continua tendo o mesmo papel, só que agora com um pouco mais de... Se perdeu algumas coisas, mas em outras ganhamos,, perdemos algumas coisas, resgatamos também outras, então foram algumas perdas e alguns ganhos. Nós perdemos essência no candomblé; perdemos espaço físico, perdemos muito espaço mesmo. Inclusive, tem muita gente no Engenho Velho que mora no terreno do Cobre, alguns invadidos e outros que minha avó mesmo dava, pra afilhado que ia casar, pra gente pobre, pois esse bairro pertencia quase todo ao Cobre, então ela, muita gente hoje tem casa comercial, inclusive pessoas que veio de fora, que isso também me entristece muito, pessoas que veio de fora, hoje os maiores comércios que tem no bairro pertence a estas pessoas que não é de Salvador. Que inclusive usa o terreno aqui do terreiro, como esse aqui ao lado, então sempre o terreiro do Cobre ao longo destes mais de cem anos sempre somou aqui na comunidade do bairro do Engenho Velho, de todas as formas, não só espiritualmente como também materialmente e socialmente.

4 Mãe Val, esta expansão imobiliária tem diminuído os espaços sagrados, como a senhora vê o futuro das comunidades de candomblé nos centros urbanos?

R- Eu estou cada dia mais preocupada, começando por nós aqui mesmo, estamos sofrendo, falando com experiência própria, pois está aumentando a expansão, tem pessoas que podem ir comprar terreno em lugar mais distante que tenha área verde maior, que tenha mais tranquilidade, mas tem casos que não podem como aqui o Cobre. Eu não posso simplesmente pegar o Cobre e tirar daqui e levar pra um lugar mais distante daqui, pra uma área mais reservada, que tenha mais árvores, que tenha rios, tudo que um terreiro de candomblé precisa e que nós perdemos ao longo dos anos que tivemos no passado. Porque isto aqui não fui eu que plantei, eu só estou aqui de passagem, eu não posso tirar o Cobre, Xangô não vai querer, isso aqui tem uma história de mais de um século, é centenário, então isso aí é muito difícil e muito complicado, inclusive cada dia que passa fica mais complicado com mais dificuldade, com muitas casas e também essa desigualdade social contribui muito pra isso, pois o pobre tem que construir de alguma forma, é achou um pedacinho ali vai construindo e acaba construindo a casa do filho que casou, do neto e acaba tomando área do terreiro, o que está acontecendo é isso. E outros bairros também, iguais ao Engenho Velho da Federação.

5 Mãe Val, fale um pouco sobre a sua relação pessoal com o terreiro do Cobre.

R- É uma relação de família né, porque eu Valnizia sou tataraneta de Margarida de Xangô, esse Xangô que nós cultuamos até hoje, já passou várias gerações e eu tenho uma relação de neta, de bisneta, de tataraneta, então não é uma relação só de Yalorixá, pois tem muitos casos em terreiro de candomblé que o filho de santo pode ser Yalorixá ou Babalorixá, que não é o caso do Cobre, o Cobre é uma sucessão consanguínea (família), mas minha relação antes de tudo é de família, eu tenho muita gente da família aqui hoje e eu assumo uma liderança, talvez até inconsciente, porque até mesmo as mais velhas de minha família me chama pra aconselhar, por eu ser a líder do terreiro, não sei, só sei que estou o tempo todo interagindo com a família toda, mesmo sem ser iniciado, mesmo sem ser do terreiro. Minha relação com o terreiro do Cobre está além de ser Mãe Val, é de ser Valnizia, mãe, tia, prima, irmã, amiga...

6 Ao que a senhora atribui a permanência, manutenção e renovação dos saberes e fazeres dos ancestrais no terreiro do Cobre?

R- Cem anos é muita resistência, eu lembro que minha mãe me contava, ela morreu com 83 anos, mas tia Edite que era mais velha e que morreu com 96 anos, ela também me contava muito isso de uma resistência muito grande que hoje eu assim, cansada das dificuldades que a gente enfrenta aqui no bairro e no espaço, perdendo nossa terra e tudo, mas aí eu fico e digo Valnizia, você tem que continuar, você pode, você vai, e tenho que lembrar que minha tataravó, lá na Barroquinha, o que ela sofreu, o que ela passou pra hoje o Cobre ter passado pela mão da filha dela, e ter trazido aqui pra o Engenho Velho da Federação, que foi Flaviana Bianchi, através da fé e da resistência que estas mulheres tiveram e continua tendo, porque eu sou a última bisneta e estou aqui continuando também na fé e na resistência, e somente pela fé que é uma energia que nossos ancestrais dá mesmo pra gente, mesmo desde o tempo da senzala que a gente conseguiu sobreviver a toda injustiça que sofremos e a tudo que eles fizeram com a gente.

7 Quais elementos mais comuns estabelecem meio de comunicação entre os indivíduos da comunidade do Cobre?

R- Principalmente no terreiro de candomblé, telefone, internet hoje que existe, mas no tempo da minha avó não tinha, você fazia contato com outra pessoa através de um olhar,, até hoje meus filhos de santo diz que eu converso com os olhos, é uma forma de se comunicar. Eu me lembro de uma obrigação que teve aqui de Samuel, e teve uma pessoa de fora que fez um comentário depois, ficou impressionado com a forma de eu liderar, dizendo que eu ficava ali sentada e conseguia falar tudo, e conseguia pedir tudo

sem sair da cadeira, e eu nem sabia que eu fazia isso, e eu até gostei da observação que ele fez, e depois Samuel me falou, Jaime Sodré me falou que eu olhava e o filho de santo sabia que eu fazia sinal quando era o momento de dividir, e fiz um sinal pra cozinha e as meninas sabiam que era hora de começar a dividir, aí então começaram a dividir, pois é, existem muitas formas de se comunicar no terreiro de candomblé. Inclusive, esta forma de hoje serve pra muita coisa, mas pra religião não, eu respeito, mas eu não gosto muito. É que o povo está aproveitando este meio de comunicação e até falando de coisas de essência que não é pra se falar. Então eu acho que através da conversa mesmo, através do olhar, através do próprio instrumento de percussão que são os atabaques, o Rum, o PI e Lê, que eles falam por si. Só o que o Senhor acabou de dizer neste instante, só em chegar e olhar se sabe que ele está ali pra levar uma mensagem. Tem muita gente que não sabe que tipo de mensagem ele vai levar, mas sabe que é um instrumento que toca. No candomblé, a gente sabe que ele leva mensagem para os Orixás através do som, que uma coisa que passa mensagem com os ogãs através do ritmo e que é um instrumento sagrado também para o candomblé. Então, tem várias formas de se passar. Ouvir é importante, porque hoje o povo grava muitas coisas, mas as mães de santo antigas que sabiam cantar muito eram semianalfabetas, como é que elas iam, não tinham gravadores e nem sabiam escrever, como é que acontecia, era ouvindo no cotidiano, ouvindo as mais velhas cantar e rezar e a pessoa ia aprendendo. São essas formas de comunicar que eu inclusive, acho muito importante e que não deveria perder isso aí no candomblé, pois as pessoas aprendendo ouvindo é muito melhor do que escrevendo ou gravando.

8 Mãe Val, aprender e ensinar são um ciclo comum no terreiro do Cobre?

R- É sim meu filho, é um ciclo comum, porque eu, por exemplo, como falei no livro, todo dia aprendo aqui nesta casa, tem dias que eu peço e que saio assim em dias de festa ou antes de começar algum culto ou uma obrigação, e eu gosto de o que eu vou fazer, ou vou dizer, ou vou ensinar, logo no início da manhã quando a gente começa as obrigações eu me deparo com as crianças, porque no terreiro do Cobre tem muitas crianças, e aí começo me deparo com Hugo, uma criança linda, uma criança que ensina o tempo todo à gente. E aí você vê ele perguntar: minha avó, como a senhora está, e como passou a noite? E aí você está meio cansado que acordou da festa, dormiu tarde, mas o sorriso de Hugo, de Yasmin, de Bela e outras crianças da comunidade a gente chega e relaxa, se tiver um pouco irritado e quiser dizer alguma coisa, você já pega e não e deixa pra depois, e aquela coisa já está te ensinando a ser feliz, te ensinando a

sorrir, pois tem muita gente que sorri pouco. Então eu acho que no candomblé, principalmente aqui no Cobre, a gente aprende que a nossa vida e nosso cotidiano é tudo aprendizado. Eu, por exemplo, não tenho a pretensão de dizer que sei, eu tenho humildade pra dizer que aprendo e ensino, porque no terreiro de candomblé tem muita coisa, e é pretensão de alguém dizer que sabe. Eu sei! Ninguém sabe nada, só aprende, quem sabe tudo é Deus.

9 A habilidade de cada membro da comunidade é priorizada ou todos passam pelo conhecimento global?

R- Boa pergunta! O certo é isso aí mesmo, todo mundo que chegar aprender tudo, o aprendizado de forma global mesmo, agora só que quando chega um Abiã ele tem aprender tudo, pois o aprendizado é para todos. Quando se inicia um Yao, ela tem que aprender ser Yao, porque tem várias etapas, só que cada pessoa tem jeito pra uma coisa, porque tem pessoas que chegam aqui e aprendem as coisas da essência, do axé, do preceito, que não tem nada haver com lavar um prato, uma coisa que todo mundo aprende e que tem de saber. Mas tem gente que tem mais jeito pra cozinha, como acabei de falar de Maia que é uma ótima cozinheira, e que aprendeu aqui no terreiro. Tem gente que tem mais jeito pra decoração, tem gente que tem mais jeito pra lavar roupa, tem outras que tem mais jeito pra engomar, só que todos têm que aprender tudo. Eu acho que a gente precisa aprender a fazer tudo, até as coisas que podemos pagar, mas temos que aprender a fazer, o candomblé ensina e todos aprendem, e depois cada um vai fazer o trabalho que tem mais habilidade, porque aí fica melhor, cada um fazendo o que sabe fazer melhor e todos dão o melhor de si para o coletivo.

10 Mãe Val, a preservação da natureza tem sido trabalhada com os membros da comunidade?

R- Muito, muito, de uns anos pra cá eu tenho me preocupado muito com esta questão da natureza, até mesmo porque o candomblé cultua a natureza, se a gente acabar com ela vai acabar com a nossa religião também, porque nós cultuamos todos os elementos da natureza, nós cultuamos também no terreiro de candomblé, então eu acho que o povo de santo deve se preocupar muito com isso, e eu assim em especial, até assim em ensinar mesmo a algumas pessoas que querem colocar uma oferenda na rua e não pode comprar um prato, eu digo: não precisa prato não minha filha, prato você vai gastar e degradar a natureza, pegue uma folha de mamona e ofereça pra natureza de onde ela vem, aí você não gasta e ao mesmo tempo não adoce a natureza. A gente tem que cuidar das folhas sagradas, a água, tudo e todos os elementos da natureza, principalmente a água que é a

fonte da vida, a água e as folhas. O que mais a gente usa e que primeiro se usa é a água, e depois as folhas. Temos que preservar a natureza mesmo.

11 Ser um espaço sagrado, de convivência e político, é possível para o terreiro do Cobre?

R- É possível sim, mas cada um no seu galho. Eu acho que política partidária não pode se envolver com candomblé. Eu não gosto de política partidária. Eu tenho amigos políticos, o terreiro do Cobre tem amigos políticos, entendeu, mas essa mistura de sagrado e político eu acho que não gosto, acho que podemos viver muito bem fazendo uma política não partidária. E misturar o Orixá, Orixá também não gosta de política. Eu acho que podemos fazer as três coisas, mas não misturando. Respeitando, mas não misturando essa questão de política partidária e Orixá no candomblé.

12 Como a senhora define o jantar cultural para o terreiro do Cobre?

R- Eu já digo que faz parte de nosso calendário. Ainda outro dia eu falava sobre isso, quando fui convidada há um tempo pra falar da cura através da espiritualidade nos Estados Unidos, e eu sempre falava isso pro pessoal, que a gente se cura através de tudo. Esse jantar cultural é uma forma de se curar, pois a gente canta, a gente dança, a gente vê gente bonita, a gente expressa nosso sentimento, a gente sorri, e tudo isso ajuda a curar o corpo e a alma da gente, então o jantar cultural é bom em todos os aspectos. Hoje, em minha cabeça a gente toca o terreiro, que pra mim isso não é mais importante, pra mim mesmo é essa troca de energia, essa troca que a gente faz nesse momento que a gente faz, então pra mim esse jantar já faz parte do calendário não religioso, mas de festas do Cobre, e do religioso também, pois ao longo destes anos já homenageamos todos os Orixás.

13 Como você define a importância da caminhada pela intolerância religiosa para o Terreiro do Cobre?

R- Pro terreiro é muito importante essa caminhada, porque eu luto muito, eu trabalho muito, como agora eu estou fazendo estes abarás pra o nosso seminário porque eu acho muito importante. Agora eu fico também em contrapartida, eu vejo que é importante a luta contra a intolerância, que eu nem gosto desta palavra intolerância, eu acho que não tinha que existir esta palavra intolerância. Acho que todos nós hoje nessa caminhada fazemos uma troca de energia, e que é bom para a saúde do povo de santo. A gente sai pedindo e exigindo direitos e deveres pro cidadão, pois todos têm o direito de ter. Então nossa religião sofre com o desrespeito dessas igrejas, saímos pra pedir respeito pela nossa, pois eles não são obrigados a aceitar, mas ao menos respeitar a dos outros. Então,

hoje eu vejo aquele povo todo vestido de branco, o branco da paz, não sai só para reivindicar contra intolerância, sai também pra pedir pra juntar energias, sai pra ver muita gente bonita, e essa troca de energia que também ajuda a curar o ser humano, que sorri que dança e que expressa felicidade, acho que é bom pra curar, e essa caminhada é tudo isso. E para o terreiro do Cobre, é muito importante pra mim, como também pra toda comunidade que é quem participa na verdade, das crianças as mais velhas.

14 Mãe Val, gostaria que a senhora falasse sobre a passagem do conhecimento em algumas áreas específicas, como:

- Conhecimento das ervas

R- No candomblé, a gente aprende assim, com a passagem de um para o outro, e as folhas é uma das coisas que a gente ensina, e como falei antes dos elementos que utilizamos no candomblé a segunda é a folha. Então a gente usa folha para muita coisa, e aprendemos com nossos mais velhos. Algumas folhas eu sei, aprendi com minha mãe, não só folha espiritual, como também medicinal, a gente aprende no candomblé. Porque um chá pra uma pessoa que está com dor de barriga. Tome aqui um chá de erva-cidreira que é bom. Uma criança que está com muita febre você dá um chá de brilhantina que é bom. Pra uma criança que está com diarreia. As folhas sagradas que a gente aprende também, e cada nação chama de uma forma, cada nação pronuncia de uma forma, mas no fundo no fundo a folha é uma só. Então a gente aprende no cotidiano, eu aprendi com meus mais velhos a conhecer algumas folhas, pois são muitas folhas. Folhas que servem pra curar, folhas que servem pra obrigação, folhas que não servem, folhas que têm serventia espiritual, folhas que só têm serventia medicinal, e no terreiro de candomblé a gente aprende. Essa folha ali pegue que é bom para banho de descarrego, não essa folha não serve, só serve pra um banho de amassi, que é um banho pra quando a pessoa está com a cabeça muito preocupada, uma espécie de relaxante e assim sucessivamente. Não só com as folhas, mas também com todos os elementos que a gente usa no terreiro de candomblé.

- Confecção do vestuário

R- A gente aprende também na passagem de um para o outro. Minha mãe me ensinou fazer saia. Eu me lembro que a primeira vez que tive na África eu não sabia costurar, trouxe uns tecidos lindos e dei a uma senhora pra costurar, só que ela não entendeu que era pra colocar o pano todo, aí eu fiquei triste e disse a minha mãe: se eu soubesse

costurar! E minha mãe falou que eu só não aprendia se não quisesse, é fácil! Então disse que a partir daquele dia eu iria costurar minhas saias. Aí minha mãe me ensinou, eu cotei e costurei na mão porque na época eu não tinha máquina, e aí já ensinei a vários filhos de santo meu, e acho importante produzir dentro do próprio terreiro, porque a roupa do Orixá é uma coisa sagrada. Uma roupa minha que eu vou pra um aniversário, levo pra uma costureira, mas a roupa do Orixá tem que ser fabricada dentro do espaço do terreiro, pra não ter que estar saindo pela rua com a roupa do santo. Já vi várias filhas do terreiro hoje que já sabem costurar, e aprendeu também aqui dentro. Tudo na vida pra aprender você tem que ter dom e habilidade, pra tudo, meu filho, porque às vezes você faz uma coisa por sobrevivência, mas não tem o dom. Você cria habilidade, mas não tem dom, você faz, mas não sabe o efeito, diferente de quem tem o dom e a habilidade.

- Confecção de alimentos

R- Vou ensinar você a enrolar o abará pra poder aprender enrolar o acaçá. No candomblé, o que se escreve e que se grava não é igual a aprender vendo. A mesma coisa é uma comida, se você pega uma receita, escreve e faz, não sai igual a você observar e aprender. O ponto do abará que estou fazendo, percebi o ponto porque estava olhando. Então, aprender vendo, e não escrevendo, a pessoa aprende melhor e aprende mais do que você escrevendo ou gravando. Cozinha é uma arte, o aprendizado da cozinha é a mesma coisa dos outros, não é todo mundo que domina a arte da cozinha. E ainda tem mais, a cozinha passa e recebe energia, você acredita nisso? Porque se você não tiver com a energia boa, um ovo que você cozinhar ele não sobe, e às vezes até desanda. As pessoas, às vezes, diz que sempre bateu o ovo e ele rendeu, mas hoje bateu e ele desandou, ou seja, é a energia da pessoa. A pessoa faz um bolo e sola. Às vezes você tempera a comida com uma cebola, alegre e feliz e a comida sai boa, porque sua energia contagia o alimento.

- Respeito ao meio ambiente
- Respeito ao idoso e aos ancestrais

R- é no candomblé a gente aprende a respeitar o idoso, mas agente aprende a respeitar o mais novo também, porque todo mundo merece ser respeitado, da criança ao mais velho, até a criança se você não respeitar ela também não te respeita. Então, no candomblé a gente aprende a respeitar o mais velho, porque hoje, infelizmente com essa dança, com essa educação, as crianças não respeitam nem os pais quanto mais. Madrinha eu respeitei, padrinho e vizinhos que ajudaram a me criar, o vizinho olhava

pra mim e eu obedecia somente com o olhar, imaginem hoje um vizinho onde as crianças não querem respeitar. No terreiro de candomblé tem isso aí do respeito, a gente não perdeu essa coisa de respeitar o mais velho. Tudo gera em torno do mais velho, pois ele tem a sabedoria, mas independente de qualquer coisa, eu acho que o respeito é bom independente de idade o melhor que tem é cada um se respeitar e respeitar o próximo.

- Expressão corporal;

R- As vezes a gente está cansada de um dia todo no barracão, mas no passado eu fui dançarina, mas acho que hoje estou cansada. Mas, eu acho que dançar a dança do orixá, sambar como a gente samba também no dia da festa de oxalá que tem o samba, a gente aprende tudo isso no terreiro de candomblé mesmo, porque hoje o pessoal da aula de folclore, somente que folclore é uma dança folclórica e não tem nada a ver com dança de Orixá, Inquice, Vodun e Caboclo, não tem nada haver com dança da religião. Agora tem pessoas que mais desenvoltura que outras, que a gente chama pé de dança, pé de pincel, pé de valsa que pega o ritmo. Todo mundo sabe que dançar pra Ogum está cortando, que corta com a espada, então ninguém vai dançar pra Ogum como se estivesse dançando Ijexá, como você vê Oxum faceira, então todos conhecem o ritmo, até que não dance maravilhosamente bem, mas, aprende o ritmo também da dança.

- Estudo da língua mãe

R- Isso tudo a gente aprende no terreiro de candomblé mesmo, pois como eu havia dito anteriormente, tem os momentos pra ensinar quando a pessoa vai se iniciar, onde aprende as rezas, rituais e no mais se aprende na convivência mesmo. Um abiã, por exemplo, não tem momento de ir aprender a rezar, mas ele já está frequentando a casa, e de tanto ouvir rezar, quando ele se inicia já aprendeu a rezar também. As crianças, eles aprendem ouvindo, um exemplo, é aquele menino neto de neném, ele canta quase todas as cantigas de Orixá, de candomblé, vamos dizer assim, e ele não se iniciou, não foi suspenso como ogã, não foi escolhido pelo Orixá pra ser Ogã ou Adoxu, mas ele já canta. Independente de ser filho de santo ou abiã se aprende na convivência com o outro.

- Sons e ritmos

R- O aprendizado é levado em conta o dom e a experiência do mais velho. Tem Ogã que leva um ano e não aprende a tocar um Dan, por isso tem o dom e o tempo de convívio e experiência no terreiro. Agora, cada Ogã também tem sua função, eles não são necessariamente obrigados a tocar, mas ele é obrigado a aprender a tocar, ele aprende o básico, e talvez a missão dele não seja levar esta mensagem de Alabê através do

instrumento de toque, mas tem Ogãs que já vêm desde criança como este menino que eu falei anteriormente. Ainan meu neto, com um ano já tocava os ritmos todos, e ele veio se confirmar agora com dezesseis anos. A avamunha é um dos toques mais difíceis, sabe, eu toco um pouco candomblé, e sei que avamunha é um dos toques mais difíceis que tem. No candomblé, os toques mais difíceis de tocar é aguerè e avamunha. Mesmo mulher não podendo tocar, mas a Yalorixá se precisar ela pode tocar.

- Direitos do ser humano

R- A questão da cidadania, eu acho muito importante pra se exercer dentro de um terreiro ou em qualquer lugar, principalmente na religião. Agora na religião a gente não tem que ver somente os direitos, nós temos que ver direitos e deveres. O cidadão tem todo tempo pra ver direitos e deveres pra ser um bom cidadão, porque se você vê os direitos do outro é capaz de enxergar seus deveres. Se você vê seus direitos e os deveres do outro, então você é conhecedor dos direitos e deveres, prá você ser um cidadão mais correto e menos corrupto, pra não perder muitos valores que hoje o ser humano está perdendo muito, então direitos e deveres dentro de um terreiro de candomblé é fundamental.

15 Qual o retorno positivo as universidades tem trazido para comunidade de terreiro?

R- Aqui pra o Cobre desde que eu iniciei como líder religiosa, nenhum. Inclusive, tenho muitos filhos de santo que fez e que faz faculdade com muita dificuldade, muitos desistem no caminho, mas o terreiro incentiva com ajuda dos irmãos e minha também, mas infelizmente a desigualdade social do nosso país é muito grande, e fazer faculdade hoje requer muito gasto, e o pobre ou trabalha ou estuda. Então, eu acho que o terreiro de candomblé deveria ter uma visão mais social, de políticas públicas, porque você no terreiro de candomblé hoje, no passado, até quando eu me iniciei, no tempo da minha avó, no meu tempo já, eu alcancei isso, o povo do candomblé escondia conta e negava que era do candomblé, rico não era de candomblé, hoje candomblé é matéria de faculdade como o senhor está fazendo sua pesquisa. Hoje, o candomblé é matéria de estudo de escritores, defesa de teses, então eu acho que a universidade deveria ter também um trabalho assim prá se preocupar, de promover intercâmbio com as comunidades de terreiro de candomblé, eu acho que precisa mesmo.

Pesquisar e promover um retorno, como, ter uma porcentagem de bolsas para comunidade do terreiro e para estudantes da comunidade, pois tem muitos que precisam

de bolsas. Incentivar no geral também, porque a pessoa perde o estímulo, a pessoa perde tudo se está difícil, se não tem como pagar, se não tem como pagar uma condução. Temos o exemplo de um filho de santo que terminou de fazer Psicologia, com muita ajuda dos Orixás. Pois, tinha dias que ele estava mesmo fragilizado e cansado, mas aí a gente ali ajudando, incentivando. Eu dizia, toma um banhozinho, põe uma coisinha pra Ogum pra te dar coragem, agrade Exu que é o orixá da comunicação, ele vai dar caminho pra você. Mas, eu acho que as universidades realmente, falando aqui em relação ao terreiro do Cobre, não têm contribuído em nada. Espero que haja no futuro, alguma forma de retorno, não sei, espero.

16 Mãe Val, como a senhora vê a utilização da tecnologia dentro do terreiro do Cobre?

R- Minha bisavó e minha avó não trabalhavam, eram pessoas que faziam em casa as coisas, como: vendiam cocada na porta, vendiam acarajé, vendiam acaçá de leite. Elas não saíam pela manhã, mas as mulheres de hoje saem pela manhã pra ir pra faculdade, pra ir trabalhar, não têm tempo, por isso esta tecnologia está ajudando desta forma. Um alimento que eu iria fazer em uma manhã, eu fiz em uma hora graças à utilização de tecnologia. Lavei o feijão e botei de molho, e no processador eu passei o feijão, passei o camarão, passei a cebola, tudo rápido. Antes, eu teria que catar o feijão, cessar o feijão na peneira e quebrar na pedra. A natureza não está produzindo a pedra que sirva pra você, pois o povo usa e abusa, que a natureza está meio desequilibrada. Antigamente você chegava assim no mar e via aquelas pedras bonitas, e você dizia, esta pedra serve pra ralar feijão. Hoje você pode até levar no polidor pra fazer, mas você não vê mais uma pedra assim que a natureza oferece.

Então, tudo isso é tecnologia que ajuda bastante, como o liquidificador industrial que a gente já não bate tanta coisa na mão, mas pra o orixá não, pois não podemos perder a essência, utilizamos o pilão pro camarão e feijão, e a cebola é ralada no ralo. Com a tecnologia você bate uma saca de cebola em vinte minutos.

Complementação do aprendizado

No dia do lançamento do meu livro, o repórter me perguntou por que eu tive essa ideia de escrever?

R- Surgiu no momento em que um historiador francês, contou passagens de minha ancestralidade. Ele sabia estórias que minha mãe não sabia, e que eu não sabia, mas ele

tinha essas informações por ser pesquisador. Então eu achava que somente pessoas acadêmicas, pessoas com nível superior que podiam escrever, depois eu vi que não, eu posso escrever da forma que eu falo, então eu vou escrever minhas estórias até o dia que Deus permitir. Não tem como falar de essência de candomblé, de assuntos que não são permitidos, mas tem coisas que se pode aprender e ensinar sem revelar coisas da essência, e cada um tem a sua, e não precisa você estar revelando. Pois, cada comunidade de santo tem sua essência, cada religião tem sua essência, cada nação tem a sua essência.

Sua essência é sua, não precisa você revelar.

Tem muita coisa que se pode revelar e não é a sua essência.

APÊNDICE – F

ENTREVISTA COM PROFESSOR VALDÉLIO SILVA

JANTAR CULTURAL DO TERREIRO DO COBRE**1- Como e em que ano surgiu a ideia de organizar o jantar cultural?**

R- Olha, na verdade, a história do jantar cultural, ela remonta ao ano de 1993/94. Depois que cheguei lá no Cobre e passei a frequentar como abiã do terreiro, eu fui tomando conhecimento da situação de organização da sociedade civil e das carências infraestruturais do terreiro de Cobre. E foi de alguma forma instável a pensar, vamos dizer assim, que pudemos pensar em alternativas e soluções a partir destas observações por mãe Val. E aí, na época, eu fazia parte de um grupo de trabalho do movimento negro unificado, que tinha uma série de pessoas sensíveis à atividade religiosa, e sabiam do empenho da Yalorixá mãe Valnizia de Ayrá de reconstruir o terreiro e reativar as atividades religiosas que haviam sido suspensas desde quando o terreiro ficou fechado durante muito tempo. Na época que cheguei ao terreiro do Cobre, em 1993, acabaram de acontecer o segundo barco. Pois bem, aí eu conversando com as pessoas do MNU que eu tinha proximidade, surgiu a ideia de organizar um almoço oferecido basicamente por duas pessoas, que seria eu e Menezes, e as pessoas que participassem deste almoço davam uma contribuição, fazendo uma espécie de adesão a este almoço, e tudo que fosse arrecadado no almoço, tanto nas bebidas que tinham sido doadas por nós, como na feijoada, seria revertido para o terreiro do Cobre. Esse almoço foi oferecido na própria residência de Carlos Alberto Menezes, no bairro da Cidade Nova. Depois de realizado este almoço, muito assim aconchegante, preenchido por pessoas próximas, do movimento negro e amigos presentes, como também pessoas do próprio terreiro do Cobre, várias filhas de santo do terreiro do Cobre se fizeram presentes também nesse almoço. Daí, viram que o clima foi assim bastante aconchegante, e foi exitoso, porque não havia tido nenhum investimento por parte do terreiro, tudo que entrou, tudo que se arrecadou acabou sendo lucro para ser aplicado nessas obras de reforma da infraestrutura do terreiro. Realizada esta atividade, eu já fazia parte do processo de criação da Sociedade civil beneficente e religiosa filhos de Flaviana Bianch, aí se discutiu a possibilidade de se fazer alguma coisa baseada nesta experiência, terminou-se

concluindo que, o melhor seria um jantar. Porque a noite, por ter um tempo maior, seria realizado no próprio espaço do terreiro do Cobre, se convidaria amigos, enfim se chegou à conclusão que deveria ser no terreiro e não em local privado, priorizando pessoas do próprio terreiro e pessoas próximas ao terreiro, na época o que nós chamamos de amigos. E aí, desse trabalho ou dessa comissão que foi organizadora do primeiro jantar, saiu também a ideia de ser um jantar puro e simplesmente que fosse um jantar que estivesse de alguma forma entremeado de atividades culturais. Ou seja, se alguém quisesse cantar, se alguém quisesse declamar uma poesia, se alguém quisesse mostrar alguma forma de trabalho artístico, foi dessa forma que começou o jantar cultural, se pensando que esses amigos convidados para o jantar entre eles pudessem ter pessoas ligadas ao mundo cultural, e que dessem ao jantar uma característica que fosse assim mais lúdica, mais cultural, mais associativa nesse caso, das pessoas que estavam próximas do terreiro. Então, é basicamente essa a origem do que nós conhecemos hoje como jantar cultural do terreiro do Cobre. Tornou-se uma tradição, hoje é realizado anualmente, tem uma grande afluência, as pessoas são bastante fiéis ao convite ao jantar, e é curioso que, além de muitas pessoas serem fiéis ao jantar, tem uma espécie de cadeira cativa nele. Cada ano chegam pessoas novas, sobretudo das pessoas que sabem da existência do jantar e pedem, e solicitam para serem convidados, porque nós temos um número muito limitado de convite devido ao tamanho do espaço.

2 Qual o principal objetivo do jantar?

R- Vejamos os objetivos que este jantar tem e permanece desde a sua formatação inicial:

1- Congregar os amigos do terreiro do Cobre, aproximar os amigos do terreiro do Cobre, ter um momento extrarreligioso, ou seja, não religioso, que as pessoas possam conversar de uma forma amena e no espaço do próprio terreiro. Ou seja, é uma atividade não religiosa, é uma atividade civil, de natureza cultural, que serve em primeiro lugar para aproximar os amigos e amigas do terreiro do Cobre;

2- O jantar também tem uma finalidade instrumental, que é de arrecadar recursos para uma instituição religiosa tradicional, importante na história do candomblé na Bahia, mas que não tem subsídios públicos e nem privados pra desenvolver as suas atividades internas e externas, as suas atividades associativas, que é uma das vocações históricas do terreiro do Cobre. Então, o jantar tem a finalidade instrumental de arrecadar algum recurso que seja utilizado para essas atividades do terreiro.

3- A terceira finalidade é de prestigiar pessoas que tenham potencialidades criativas nas diferentes áreas da cultura, que seja na música, que seja na dança, que seja na poesia, que seja no teatro, ou em outra área cultural, pra que essas pessoas possam apresentar as suas criações, as suas propostas, os seus projetos nesse jantar, ele também tem servido a essa finalidade.

4- O jantar cultural tem um sentido político importante, que é facilitar a comunicação dos filhos de santo do terreiro do Cobre com os amigos e as amigas do terreiro. É um momento onde os filhos do terreiro não circulam em certos ambientes culturais da cidade, tenha a oportunidade de conhecer um poeta, conhecer um escritor, conhecer um artista, ou conhecer um amigo ou amiga do terreiro do Cobre que às vezes não frequenta com regularidade as suas atividades religiosas, tem também essa intenção.

3 Quais as principais modalidades artísticas que preenchem o jantar?

R- A principal das atividades artísticas culturais é a música, o forte sempre é a música, a música sempre atraiu alguns artistas mais famosos, como, Ninha, Lazzo e outros valores como é o seu caso e o de Gil, e outros valores da área musical que não são tão conhecidos assim do grande público e também de algumas pessoas do terreiro do cobre. Eu mesmo convivi com Gil durante muito tempo, somente pra ilustrar, lá dentro do terreiro do Cobre, e não fazia a menor ideia como outras pessoas, que ele tinha uma belíssima voz. Eu fui me dar conta de uma menina que é Ekedí do terreiro do Cobre era cantora, quando convidaram para um aniversário fora do terreiro e Karine estava lá fazendo um show de estreia. O seu próprio caso, eu o via frequentando o terreiro há quanto tempo e me surpreendeu quando você pegou o microfone e começou a cantar, e já era uma pessoa que já tinha uma caminhada. O fato é, que este espaço do jantar cultural, ele termina sendo uma oportunidade também para os talentos novos possam se expressar, os talentos mais conhecidos, mais anônimos possam conquistar público, vamos dizer, ficar melhor conhecidos, e aquele que já são parte do estrelato da música baiana possa ser celebrado no jantar. Agora, afora a música, sempre esteve presente na área de arte a poesia, é muito difícil ter um jantar cultural sem a apresentação de algum poeta. Além destas duas atividades artísticas, outras áreas estiveram presentes ao longo do jantar como algumas performances teatrais também, algumas mostras de fotografia já foram feitas, alguns vídeos criados por pessoas próximas do Cobre ou do próprio Cobre foram exibidos também, enfim vários instrumentos artísticos foram utilizados ao longo do tempo no jantar cultural.

4 Existe um público-alvo específico para compor o jantar?

R- Tem algumas pessoas que participam do jantar desde o início, eu não sei exatamente quantificar, mas eu diria que existem, provavelmente, 30 pessoas por baixo, porque o nosso público varia entre 70 a 100 pessoas. Então, eu diria que 30% a 40% deste público é cativo desde o início do jantar cultural. Existem outras pessoas que são cativas a partir de um determinado jantar e nunca mais deixaram. E há mais ou menos 10% de um público flutuante que aparece todo ano na plateia dos que vão participar do jantar cultural. Isto significa dizer o seguinte: existe um público cativo no jantar cultural.

5 O espaço sagrado, de convivência e político cabe no jantar?

R- O espaço do terreiro que é utilizado pelo jantar é o barracão. Não é utilizado nenhum espaço interditado às pessoas que não são iniciadas e que não são filhos do terreiro do Cobre. Espaços onde ficam os Orixás e espaços onde são realizadas celebrações internas.

Neste caso do barracão, que a rigor é um espaço sagrado, ele também, no momento do jantar, ele se transforma em espaço de festa, em espaço de atividade cultural. Isso certamente é feito a partir de uma solicitação expressa por parte da Yalorixá, um pedido de licença àqueles que são os detentores ou são os patronos destes espaços ou deste espaço em particular que é o barracão. Ou seja, durante a realização do jantar, o espaço do barracão que é igualmente sagrado, ele se transforma em espaço festivo mediante a permissão que é concedida pelos Orixás, pela causa que é feita o próprio jantar.

O jantar tem finalidade política à medida em que é uma reunião de filhos e amigos do terreiro do Cobre, durante a sua realização, vamos dizer assim, não só há uma troca de saberes, como também uma troca de comunicação entre pessoas do terreiro e pessoas que são amigas e amigos do terreiro que são de diferentes áreas de atividades profissionais. É muito comum que entre os amigos do terreiro do Cobre inclua-se inclusive pessoas da área política, parlamentares, por exemplo, que frequentam desde o início o jantar cultural. Então, a presença destas pessoas, ela termina sendo ensejadora de conversas, de trocas, de discussões de natureza sobretudo, vamos dizer assim, não religiosas e de interesse do terreiro do Cobre, de interesse da comunidade do Engenho Velho da Federação, do interesse da cidade do Salvador, do interesse do estado da Bahia e do interesse do Brasil. Então, nessa medida, esse espaço do jantar é também um espaço político compreendido por este sentido, por esta perspectiva que anteriormente

eu tinha colocado. Então, o jantar não está alheio ao que acontece, vamos dizer assim, na sociedade baiana e o que acontece no Brasil. Não é por outra razão que ele termina fazendo parte do calendário da consciência negra. O jantar é invariavelmente incorporado a todo imaginário da consciência negra. O terreiro do Cobre e os filhos do terreiro do Cobre têm essa sensibilidade e também essa compreensão da consciência e da necessidade do jantar fazer parte de um processo onde a questão do racismo, do negro, da consciência, a questão da identidade negra está presente, concretamente atuante em torno daquilo que acontece no jantar, e daquilo que é motivação para sua organização. Ou seja, o jantar cultural do terreiro do Cobre tem uma identidade política muito definida. Atua em favor das causas da população negra da Bahia, atua em favor da luta contra intolerância religiosa, atua em favor das religiões de matriz africana, atua em favor do discurso que nos coloca como cidadãos e cidadãs políticas na Bahia.

6- Qual é a culinária predominante do jantar?

R- Procura-se invariavelmente no jantar dar preferência à cultura afrobaiana. Não só de comidas originárias da dieta da própria religião de matriz africana aqui no Brasil, como também de uma culinária que é derivada dessas origens que eu chamaria de uma culinária afrobaiana. Então, normalmente os pratos que nós servimos no jantar têm alguma fonte com essa experiência culinária.

7- Como você define o jantar cultural do Terreiro do Cobre?

R- Ele já é uma tradição cultural do terreiro do Cobre. Ele foi tão incorporado ao nosso calendário, ele tem um período que se tornou fiel à sua realização ao longo desses anos. Segundo, o jantar cultural do terreiro do Cobre termina despertando todas as energias dos filhos e filhas de santo do terreiro e faz com que haja uma prioridade em sua realização. Terceiro, há uma expectativa fora do terreiro do Cobre em torno das pessoas que são fiéis desde o início da sua realização, ao ponto das pessoas cobrarem ou lembrarem com frequência quando está próxima a sua realização. E neste sentido, a gente pode dizer que ele terminou extrapolando, vamos dizer assim, ao próprio Cobre, ele hoje é uma atividade com significação bastante fora do terreiro do Cobre. Então, ele é um momento esperado tanto para os filhos e filhas de santo do terreiro, como também para as pessoas que já participam há muito tempo, como também para as pessoas que já ouviram falar e desejam participar pela primeira vez. O jantar do terreiro do Cobre faz parte da nossa identidade cultural. Ele virou um símbolo importante da identidade cultural do terreiro.

CAMINHADA CONTRA A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

8 A caminhada surgiu de algum evento em especial para o terreiro? E em que ano iniciou?

R- Começou em 2004, e foi apresentada como proposta a partir de dois movimentos muito significativos, um interno ao terreiro e outro externo ao terreiro.

A referência externa ao terreiro foi que a essa altura do ano de 2004, já se tinha uma considerável experiência aqui na cidade de Salvador de um movimento contra intolerância religiosa a partir do ano 2000, então desde o ano 2000 vários filhos e filhas do terreiro do Cobre já vinham participando deste movimento contra intolerância religiosa, que surgiu justamente como uma resposta às ações das igrejas evangélicas neopentecostais e, sobretudo, a igreja universal do reino de Deus, que estava cometendo uma série de arbitrariedades e de violência contra os terreiros de candomblé. Então, essa foi uma referência importante para organização da primeira caminhada contra intolerância religiosa no bairro do Engenho Velho da Federação.

A segunda motivação para realização da caminhada contra intolerância religiosa foi que a igreja universal do reino de Deus, em frente ao terreiro do Cobre, provocou, ou tentou provocar, a Yalorixá do terreiro do Cobre de forma desrespeitosa, e essa provocação que foi feita recebeu uma reação e uma resposta bastante forte, não só da Yalorixá no momento das agressões, como também de várias pessoas do terreiro que se encontravam no momento desse acontecimento, como também ensejou a iniciativa do terreiro do Cobre em nome de mãe Val e outras pessoas do terreiro Tanuri Junçara, de articular e denunciar este fato ocorrido, como também em organizar uma caminhada contra a intolerância religiosa no bairro do Engenho Velho da Federação. Então, esses dois fatos contribuíram para o surgimento da caminhada contra intolerância religiosa no bairro do Engenho Velho da Federação.

No início era uma caminhada contra a intolerância religiosa, e ao longo do tempo, a partir da quarta caminhada, ela passou a ser contra violência e pela paz. Isso, a partir do momento em que o bairro do Engenho Velho da Federação passou a ser o espaço de grandes dificuldades em decorrência, sobretudo da existência de traficantes de drogas e de ações policiais que muitas vezes ao invés de trazer tranquilidade para os moradores

do bairro, traziam uma sensação de insegurança e de violência contra essa população. Então, a caminhada que era só contra a intolerância religiosa, passou a ser também contra a violência e pela paz.

9 A participação de outros terreiros na caminhada tem fortalecido os laços políticos do candomblé?

R- A gente está realizando neste ano a sétima caminhada, e esta observação que os laços entre os terreiros têm se fortalecido têm sido avaliados no processo de organização dessa sétima caminhada. Tanto que este ano a gente resolveu fazer uma inovação, que é lançar dentro da caminhada um *slogan* que termina sendo uma campanha dentro da campanha. Este *slogan* consiste no seguinte: “Eu sou de candomblé. E você?”

Esta é uma forma justamente de estimular o povo de candomblé do Engenho Velho da Federação a assumir a sua religiosidade. Isso foi pensado a partir de uma pesquisa realizada entre os diferentes religiosos das capitais dos estados. E, em algumas capitais do Brasil se constatou um número bastante insignificante das pessoas de candomblé se declarar nessas pesquisas de opinião pública e censos que são realizados. Então, a gente resolveu este ano desenvolver uma campanha que tem a finalidade de conscientizar o povo de candomblé a se assumir, e inclusive quando for declarar sua religião nas pesquisas de opinião.

Segundo, a gente também nessa VII caminhada chegou à conclusão, de que além de realizar a caminhada propriamente dita, a gente precisa desenvolver com regularidade atividades entre os terreiros de candomblé ao longo do ano. Não seja apenas a organização da caminhada no mês de novembro, no dia 15 de quando a gente realiza a mesma. A gente resolveu que a partir deste ano, fato pensado a dois anos atrás, colocar em prática uma articulação mais permanente dos terreiros de candomblé. A ideia dessa articulação tem recebido uma excelente receptividade dos líderes e das líderes religiosas que fazem parte da organização do processo da caminhada historicamente. Então, a gente considera que os laços entre os terreiros no Engenho Velho da Federação têm se estreitado muito a partir da realização da caminhada.

10 Existe apoio do governo municipal e do governo do estado ao evento?

R- Não, não existe! Eu diria que pontualmente. A Sepromi sempre dá alguma contribuição para realização da caminhada, mas é uma contribuição pontual, localizada, tipo a cessão de um trio etc. A maior parte dos recursos para realização da caminhada são da própria comunidade, dos próprios terreiros que organizam, e de algumas

entidades privadas que contribuem tradicionalmente para sua realização. Existem contribuições de alguns parlamentares que são mais sensíveis a estas questões étnicas e religiosas da comunidade negra, e contribuem de uma forma simbólica para realização da caminhada, mas a maior parte dos recursos é oriunda das próprias contribuições dos membros dos terreiros.

11 Existem discussões anteriores à caminhada para definir seu estruturamento?

R- Existe. Normalmente nós preparamos a caminhada pela intolerância religiosa dois a três meses antes da data da sua realização. São feitas reuniões nos espaços dos terreiros que participam da organização, de forma que haja um revezamento permanente para que a gente se fortaleça. Costumamos também fazer seminários antes da realização da caminhada, às vezes realizamos algumas oficinas. Sempre se realizam atividades dois a três meses antes da caminhada.

12 Existem proibições sacras/comportamental/político-partidárias durante a caminhada?

R- Não existe nenhuma proibição religiosa e natureza sagrada durante a realização da caminhada, o que existe é uma espécie de código de ética do que se deve fazer durante a realização da caminhada. Por exemplo, a organização da caminhada instituiu que não se faça uso de bebida alcoólica durante o percurso da mesma. É recomendado também, que os cânticos sejam religiosos das diferentes nações de candomblé. É interdito também, o uso da caminhada para se fazer qualquer tipo de propaganda política, seja em forma de discurso ou de qualquer outra natureza. Não é permitida propaganda política nas camisas, faixas, carro de som, mesmo que haja contribuições de parlamentares que são obviamente filiados a partidos políticos, não podem fazer propaganda de suas agremiações.

13 O que mais evoluiu durante as edições da caminhada?

R- O que mais evoluiu foi a integração dos terreiros do Engenho Velho da Federação, a aproximação das lideranças religiosas e dos filhos e filhas de santo desses terreiros entre si, e a aproximação entre os terreiros do Engenho Velho da federação e de outros terreiros de Salvador. Porque da caminhada participam religiosos de várias procedências da cidade do Salvador, e esse encontro, essa aproximação em torno da caminhada foi um marco do terreiro do Cobre. Há uma coisa muito importante ao longo dos tempos,

que tem sido o crescente número de participantes, sobretudo, do próprio bairro do Engenho Velho da Federação que tem crescido de uma forma bastante sustentável. A gente começou com cerca de 200 pessoas, e a cada ano este número vem crescendo ao ponto de já ter ultrapassado o número de mil pessoas.

14 Qual local escolhido para dispersão da caminhada? Qual foi o critério para escolha?

R- O que se pensou é que deveria sair do final de linha do Engenho Velho da Federação, onde fica localizado um marco simbólico, onde fica justamente a estátua de mãe Runhò, uma líder espiritual importante na história dos terreiros de candomblé da Bahia e do terreiro do Bogun. Então, quando convencionou que deveria partir deste local, que tem já uma simbologia assegurada, que é esse busto de mãe Runhò. E se convencionou também no início que seria o ponto de partida e ponto de chegada. Houve essa convenção desde a primeira caminhada, e a gente preservou ficando como a tradição da própria caminhada, ter um ponto de partida e ter um ponto de chegada também.

15 Ao final de cada evento existem debates para tratar fatos novos denunciados durante o percurso? E estes fatos são encaminhados para uma pauta com órgãos do município ou estado?

R- Não, a gente não conseguiu ainda até hoje se reunir logo após a realização da caminhada. O que a gente faz após a caminhada é servir um amalá, oferecido aos participantes da caminhada e toda comunidade do Engenho Velho da Federação que se faça presente. Mas, ao mesmo tempo, a gente faz uma confraternização após a caminhada. Este ano, especificamente, vamos iniciar um processo de articulação dos terreiros do Engenho Velho da Federação pra gente dá continuidade ao que é feito durante a caminhada. Aí sim, vamos ter a oportunidade de avaliar aquilo que aconteceu durante a caminhada, coisa que só é feita um ano depois, na caminhada seguinte. A gente se reunindo a partir de janeiro pra gente rearticular as atividades dos terreiros, e a gente já tem previsto isto depois da caminhada, vamos assegurar algumas ideias que já estão sendo pensadas de fazer uma série de eventos durante o ano, alguma festa de confraternização, alguma coisa que aproxime os terreiros, dando possibilidade de integrar mais ainda os terreiros, e a caminhada ser mais um evento de integração.

A gente já realizou seminários onde aquilo que é temática ou de natureza política da caminhada, sejam apresentados aos órgãos públicos. Já realizamos seminários com a

participação de convidados de órgãos públicos municipais e estaduais, a gente já teve a oportunidade de entregar documentos, e assim por diante, essa marca a gente continua tentando.

Neste ano, vamos elaborar um documento narrando a história da própria caminhada, a gente pensa em fazer dentro deste texto que deve sair sob a forma de uma cartilha alguns elementos da história cultural do próprio bairro, e além disso, aquilo que consideramos mais prioritário do ponto de vista do poder público atender necessidades do Engenho Velho da Federação.

16 Qual a grande liderança atualmente da caminhada pela intolerância?

R- A grande liderança são todos os terreiros que participam da caminhada, a gente não considera uma liderança única neste processo. Existe um coletivo que é muito forte e muito unido, e este coletivo fazem parte uns dez a doze terreiros, onde tem uma tradição de participação com frequência de todas as reuniões, participa de diferentes fases do processo, contribuindo de alguma forma com a sua realização, que seja levando bolo, afixando o já nos postes, que seja colando bandeira, que seja elaborando uma faixa, que seja confeccionando milho branco, que seja confeccionando quitutes que serão servidos durante o amalá. Em algum desses momentos, os terreiros que fazem parte deste coletivo têm uma importância assim, fundamental.

17 Como você define a importância da caminhada pela intolerância religiosa para o Terreiro do Cobre?

R- O terreiro do Cobre teve uma participação decisiva na implementação e organização da primeira caminhada, e ela termina sendo uma espécie de obrigação política para o terreiro do Cobre. Então, nós estivemos desde o início de sua organização participando com bastante afinco de sua estruturação. Então, o terreiro do Cobre tem uma identidade com a caminhada, como a caminhada se identifica com as políticas públicas desenvolvidas pelo terreiro do Cobre. Nesse sentido, há uma espécie de simbiose com a caminhada contra intolerância religiosa, contra violência e pela paz, e o terreiro do Cobre, e o terreiro do Cobre e a caminhada.

APÊNDICE – G

ENTREVISTA COM EGBOMI ANA MARIA

- 1- O processo de aprendizagem no TC é construído por hierarquia e na convivência cotidiana no terreiro. O conhecimento é passado dos mais velhos aos mais novos à medida que aquele mais novo tem necessidade de aprender aquela determinada tarefa.
- 2- A incorporação de novas tecnologias é inevitável. Por mais que tenhamos que preservar a essência dos nossos ancestrais, a tecnologia vai sendo incorporada naqueles afazeres cotidianos que não interferem no sentido espiritual da religião. Quando utilizamos máquina de lavar para nossas roupas, estamos utilizando tecnologia a nosso favor, pois sobrarão mais tempo para outros afazeres onde a tecnologia não poderá ser utilizada. O processo de utilização de novas tecnologias também é decorrente da necessidade da vida dita “moderna” onde as pessoas têm que prover seu sustento e já não podem viver exclusivamente para a vida religiosa como antes. Antes, alguns eram autônomos e intercalavam a vida laboral com a vida religiosa. Agora as pessoas têm que cumprir horários ou assumir obrigações que muitas vezes necessitam que estejam mais distantes do dia a dia no terreiro. Então, por vezes teremos que enviar um e-mail, dar algum aviso. Também utilizamos aparelhos eletrodomésticos nos afazeres da cozinha para poupar esforço físico e tempo. Imagine moer na pedra 5,0 quilos de massas de acarajé ou passar na máquina de moer carne o milho. Ainda pode ser feito? Pode, mas vai depender da necessidade e da finalidade para a qual a tecnologia será utilizada.
- 3- Não. A memória sempre existirá, pois no modo de vida é passado via oral e sempre haverá um mais velho para dizer: No meu tempo era assim... ou então lembrar era assim que se fazia na época de fulano ou fulana.
- 4- Hoje, um dos pontos fortes da resistência do terreiro do Cobre é luta contra a intolerância religiosa. A luta pelo livre direito de manifestar nossa religião sempre tão ameaçada pelo racismo. Antes era o racismo institucional manifestado pela repressão policial. Agora é outra forma de racismo manifesto pela perseguição das igrejas neopentecostais.

- 5- Em primeiro lugar a observação. No candomblé muita coisa se aprende se observando os mais velhos. As posturas, os gestos, o vocabulário etc. Depois vem a comunicação oral, base para todo processo de comunicação nos terreiros. Também podemos citar a comunicação intuitiva que não está classificada nos moldes da comunicação formal, mas que com certeza é a principal forma de comunicação das religiões de matriz africana. Esta não dá para descrever.
- 6- No candomblé, não se faz nada sozinho, tudo no, na religião é construído de maneira coletiva e isto está baseado na forma de existir do africano. Da obrigação mais simples até a tarefa de maior responsabilidade é feita coletivamente. Até o líder religioso não faz nada sozinho. Sempre está acompanhado de um mais velho, de alguém que foi designado para auxiliá-lo naquela tarefa. E isto nos ajuda a compreender a respeitar todos na religião desde o abiã até o líder religioso. Além do mais, é sempre um prazer fazer as coisas juntos. A nossa religião é muito alegre, e brincando e nos divertindo vamos executando nossas tarefas. Este tem sido o meu maior aprendizado no candomblé. O viver coletivamente, o fazer coletivo, a noção de que ninguém é mais importante que ninguém, pois tudo é construído coletivamente e todos dependem de todos para que o final seja o esperado.
- 7- Gostaria de comentar várias, mas destaco o respeito ao meio ambiente como algo que tem sido fundamental para a manutenção dos fundamentos da religiosidade africana. Nossa religião é de culto às forças da natureza, representadas pelos Orixás. Por isto tem sido tão afetada pelo ataque que o meio ambiente vem sofrendo. Sem folhas não tem candomblé e hoje está cada vez mais difícil encontrarmos determinadas folhas. Algumas estão em extinção. Os rios, as cachoeiras e nascentes de água pura estão sendo poluídos ou encarcerados pela especulação imobiliária. O mar tão degradado pela poluição e pelo lixo. Onde acharemos a essência pura na natureza para cultuar os orixás? Como ainda tenho um pouco de tempo, comentarei superficialmente o respeito ao idoso e aos ancestrais. É dito que o Orixá é o nosso ancestral mais antigo e toda nossa religião é baseada no culto ancestral passado através das gerações. Isto foi bastante modificado pelo processo da diáspora africana, pois no Brasil não existe o culto como existia no continente africano. Porém continuou sendo um culto baseado na ancestralidade. Assim sendo, como não existir o respeito ao idoso e ao ancestral? A sociedade atual desrespeita o idoso por ser uma pessoa

que não é mais tão produtiva. Passa a ser o “descartável”, o que não serve mais. Porém no Candomblé é diferente, quanto mais idoso se fica, mais respeito se adquire. O conhecimento de um idoso, a experiência de vida que ele acumulou é fundamental na manutenção da religiosidade. Pois se é com a vivência que aprendemos e transmitimos o conhecimento, então este é um dos papéis primordiais de um idoso e por isto eles merecem todo nosso respeito. Não se admite um idoso ser tratado de forma desrespeitosa, por quem quer que seja, no Candomblé, e somente um ser ignorante nos princípios da religião seria capaz de um ato que agride não somente ao idoso ofendido, mas à toda comunidade.

- 8- Pergunta difícil de expressar com palavras. Corro o risco de não conseguir dizer o que realmente significa. O terreiro do Cobre é onde busco minha força, é onde me nutro com alimento sagrado que me mantém viva e me dá coragem para enfrentar as lutas do dia a dia. É onde aprendo com nossa Mãe e meus irmãos o significado de ser uma mulher negra que cultua Orixás.

APÊNDICE – H

ENTREVISTA COM A EKEDE SUSPENSA ANÓRIA DE OXUM

1- Como você descreve o processo de ensino-aprendizagem no terreiro do Cobre?

Imensurável, sob vários aspectos. No aspecto religioso, a vivência com os Orixás e com os erês é sempre muito rica. Aprendo a cuidar, a me cuidar, a me reenergizar, a me fortalecer e a me preparar para os desafios da vida, mais suave e destemida.

Em relação à liderança espiritual e aos irmãos e irmãs, aprendo a aprender: respeitar, conviver com as diferenças, a ser solidária, a ouvir, pouco falar e mais a aprender, a compartilhar, sorrir, chorar, sonhar e a ser, a me relacionar melhor com o universo. É uma outra família, sem sombras de dúvidas.

2- Como você tem percebido a utilização de novas tecnologias nos fazeres tradicionais do terreiro do Cobre?

Utilizamos desde a energia elétrica e os eletrodomésticos ao fogo de carvão. Utilizamos desde pratos às folhas de bananeira para determinados alimentos. É assim, entre os dois pólos, o novo e o velho.

3- A introdução das novas tecnologias têm interferido no processo de manutenção da memória étnica do terreiro do Cobre?

Não me sinto muito à vontade para responder a essa questão, mas acho que não, elas ajudam, não se trata de substituição, mas de utilização do que é necessário para agilizar nossas atividades que, sabemos, são muitas. Um exemplo é o registro da nossa memória através de fotos, filmagens, o diálogo via e-mail (grupo), telefone, Facebook (para quem tem este último), o carro, ônibus quando do presente de Oxum, o carro de som e microfones, quando da caminhada contra a intolerância religiosa, nos meses de novembro etc. O ferro à luz para gomar as roupas, a máquina para costurar nossas roupas e dos Orixás, mas, também, as mãos para trançar nossos

cabelos, as jarras para colocar água e os baldes para enchermos de água nos ossés e, por aí vai.

4- Quais os pontos fortes da resistência de um terreiro secular com o Cobre?

A maior, a meu ver, é preservar nossa ancestralidade, além da vivência comunitária e da luta contra as intolerâncias religiosas. A relação de afetividade e mútua ajuda, a sensação de viver em família e a afirmação identitária negra que nos move.

5- Quais elementos da comunicação você destacaria como muito importantes no processo de aprendizagem?

O diálogo, a escuta, o ato de compartilhar e o viver comunitário.

6- Qual a importância do fazer coletivo na comunidade do terreiro do Cobre, levando em conta a colaboração e a cooperação entre os indivíduos?

Respondido nas questões anteriores.

7- Quais destas etapas de aprendizagem você gostaria e poderia comentar?

- Conhecimento das ervas;
- Confecção do vestuário;
- Confecção de alimentos;
- Respeito ao meio ambiente;
- Respeito ao idoso e aos ancestrais;

O respeito aos mais velhos é algo constante no Terreiro e isso nos remete à tradição africana, em tempos passados.

- Expressão corporal;
- Estudo da língua mãe;
- Sons e ritmos

Estes são maravilhosos, expressam paz.

- Direitos do ser humano.

8- O que representa o terreiro do Cobre pra você?

Paz, proteção, axé, força, renovação, reenergização e irmandade.

9- Tem algo que não foi perguntado que você gostaria de falar?

Não.

APÊNDICE – I

ENTREVISTA COM EGBOMI ELIANE

1 Como você descreve o processo de ensino-aprendizagem no terreiro do Cobre?

O processo de ensino-aprendizagem no Terreiro do Cobre, não há uma relação cultural didática. Há uma cultura de observação dialética que leva ao saber-fazer ... Digo saber-fazer visto que, nosso ensino-aprendizado não se dá a partir de nenhuma ‘cartilha’, mas sim, observando, fazendo, ouvindo e apropriando-se para aplicação no tempo devido. Nada fora de seu tempo.

Em particular, aprendo com mãe Val e minhas egbomis, os rituais de axé que o tempo, e a idade me permitem, e aprendo com todos que possam caber (abian, Yao, minhas filhas pequena, egbomis, ogans e equedes), relações outras que fortalecem o terreiro. No geral, o processo de ensino-aprendizagem me leva a:

- ✓ preparar oferendas;
- ✓ reverenciar os orixás (com danças, cantos, rezas, benção);
- ✓ respeitar a todas as pessoas, pois cada uma tem uma vertente de axé que sustenta a casa - desde a sementinha (abian), passando pelos mais velhos (egbomi) chegando aos ancestris (orixás); bem como:
- ✓ receber as pessoas que chegam para as festas.

Todo esse contexto tem uma apropriação que é chamada de educação de axé.

2 Como você tem percebido a utilização de novas tecnologias nos fazeres tradicionais do terreiro do Cobre?

O autor Hobsbawn, em seu livro a Invenção da Tradição (2002), diz que as tradições são inventadas através de formações discursivas que dão visibilidade a alguns aspectos em detrimento de outros, nesse viés, um Terreiro secular como o Cobre precisa ter um cuidado especial, para não se perder na avalanche da modernidade, mas também não ficar preso num processo que não cabe nessa geração. Parece dicotômico, mas a readaptação é um aprendizado necessário, o

Cobre, em especial, busca permanecer nas tradições no que é possível por meio das tecnologias sociais.

A exemplo de: Hoje o Cobre não tem mais o fogão de lenha, que existia no Terreiro quando foi reaberto, mas também não cozinha as comidas dos orixás no fogão a gás (nova tecnologia), utiliza o fogão de carvão – fogareiro (tecnologia social).

E assim acontece em diversos outros processos, sem quebra de éticas, nem perda de identidades.

3 A introdução das novas tecnologias tem interferido no processo de manutenção da memória étnica do terreiro do Cobre?

Entendo como novas tecnologias as tecnologias de ponta e como tecnologia social as tecnologias que são utilizadas pelas comunidades diversas (terreiros de candomblé, comunidades rurais, comunidades indígenas, entre outras) que substituem as tecnologias de ponta. Portanto, no geral a introdução de novas tecnologias só é feita no Cobre, se não interferir nas relações de identidade do/no terreiro, ou seja, não interferir na manutenção da memória étnica do Terreiro, bem como não poder ser usado uma tecnologia social.

4 Quais os pontos fortes da resistência de um terreiro secular com o Cobre?

Pontos fortes de resistência que aponto é a forma que se cultua os orixás – a feitura, as oferendas, as danças, as vestes.

5 Quais elementos da comunicação você destacaria como muito importantes no processo de aprendizagem?

A comunicação dentro do Cobre se confunde com nossa própria relação de tão intrínseca que acontece, por isso todos os elementos são importantes. Destaco os atabaques, enquanto um canal de comunicação, para chamar, reverenciar os orixás. E aponto também, os códigos dentro de um contexto, a exemplo de algumas palavras da língua iorubá presentes como condição de identidade, de pertencimento para falar de alguns artefatos, funções, comidas que circulam no Terreiro, a exemplo de Orixá, amalá, igbá, yao, adja, egbomi, ekodide, eboori, ewo, ori entre tantas outras. Sem falar das cantigas que mesmo que não

saibamos traduzir, mas no conjunto geral entendemos para que orixá está cantando, qual a função do que está se cantando, e quando deve ser cantado, a exemplo de:

Ogun Ajo é mariwo

Akoro ajo é mariwo

Ogun pa lepa lona

Ogun ajo é mariwo

E matu yeye

Awa sire Ogun O é um jojo

Awa sire Ogun é um jojo é um jeje... que é uma música de Ogun cantada no Xirê.

6 Qual a importância do fazer coletivo na comunidade do terreiro do Cobre, levando em conta a colaboração e a cooperação entre os indivíduos?

O Terreiro não é feito só por mãe Val. Todos precisam de todos. Esse é um aprendizado vindo dela, mãe Val tem a humildade de dizer que aprende também conosco.

Mãe Val, seguindo os mais velhos dela, nos ensina que “candomblé são farinhas trocadas”, um ensinamento de colaboração e cooperação.

As pessoas estão sempre precisando uma da outra, desde a iniciação, quando o iniciado (Yao) necessita das outras pessoas, pois ali é um momento de nascimento, passando por sua relação no cotidiano, onde dormimos em coletivo, comemos juntos, colaboramos e cooperamos nas/para as oferendas, preparamos as comidas juntas, oferecemos as oferendas juntas, rezamos juntas e quando um de nós partirmos para o orun, os que ficam e têm idade para tanto, preparam e/ou participam do axexé.

Então, o fazer coletivo em um terreiro de candomblé é essencial para a manutenção.

7 Quais destas etapas de aprendizagem você gostaria e poderia comentar?

- ✓ **Conhecimento das ervas:** Colher ervas é um aprendizado para poucos, por conta das sutilezas e especificidades existentes. As folhas são emanção direta de força. Uma folha que serve para um banho, uma obrigação de uma pessoa não significa que serve para outra pessoa, mesmo que sejam irmãs de barco. Envolve entre outras coisas o orixá dessa pessoa.
- ✓ **Confecção do vestuário:** É possível identificar alguns orixás pela veste. A veste sozinha permite que possamos identificar um orixá mulher de um orixá homem. Se esse orixá estiver com as ferramentas, daí é possível identificar todos. Mas uma coisa que é importante na veste é o cuidado com o qual é feito.
- ✓ **Confecção de alimentos:** Esse é um aprendizado interessante - os cuidados específicos ao tratar um animal para oferenda. Os tipos de comidas de cada orixá. Como cozinhar... Depois, como arrumar no prato para a oferenda. Esse é um momento coletivo muito importante. Existe uma pessoa especial, que tem o cargo de tomar conta da cozinha que é a yabasse, no Cobre é Silvandira Arcanja.
- ✓ **Respeito ao meio ambiente:** Uma coisa que admiro muito em mãe Val é o cuidado que ela tem ao fazer uma oferenda na praia. A questão dos plásticos, ela tem abolido.
- ✓ **Respeito ao idoso e aos ancestrais:** O candomblé é um aprendizado de respeito ao outro, em especial aos mais velhos. É possível ver isso principalmente quando uma criança que tem idade de santo maior que a de um adulto, esse adulto pede a bênção a essa criança. Independente da idade cronológica, o mais velho é sempre respeitado.
 - Expressão corporal;
 - Estudo da língua mãe;
- ✓ **Sons e ritmos:** Me chama a atenção dessa etapa, pois ela depende muito da sensibilidade e da audição. A sensibilidade de estar aberto para entender o que está sendo tocado e cantado visto que as palavras das músicas não são sempre entendidas. É um ouvir interno ou externo. Ouvir externo é aquela audição comum, que outros também ouvem -

a audição para aprender uma reza, ou uma cantiga ou um toque dos atabaques, e o ouvir interno é a própria aceção quando algo é cantado ou tocado e o orixá vai incorporar.

- ✓ Direitos do ser humano. O Cobre tem um trabalho excepcionalmente importante, em relação aos Direitos Humanos, concernente à Intolerância Religiosa. Mãe Val, junto com a Makota Valdina, idealizaram uma caminhada contra a intolerância religiosa, que já tem XXX anos. Essa lição de Direitos Humanos ao culto, à religião fez com que outros Terreiros de outros bairros tivessem a mesma ação.

8 O que representa o terreiro do Cobre pra você?

O Terreiro do Cobre é o prumo da balança da minha vida. Diria que os orixás (Oxalá em especial), meus irmãos de axé, junto com minha família de ejé formam um cajado para meu sustentáculo.

9 Tem algo que não foi perguntado que você gostaria de falar?

Sim,

- ✓ Gostaria de falar de uma lição que acaba ajudando algumas pessoas na relação em casa: **O elo forte de família**. Uma das coisas que aprendemos no Cobre é essa relação ligada primeira pelo axé, depois pela irmandade de barco. Realmente somos uma família, com todos os ônus e bônus que uma família grande pode proporcionar.
- ✓ Pensando na gestão do conhecimento, gostaria de dizer que o conhecimento sobre o culto aos orixas está com mãe Val, mas não apenas com ela. O poder de ela disseminar esse conhecimento partilhando com as egbomis, equedes e ogans é um desafio que ela tem enfrentado, entretanto considero o maior capital humano, na gestão do conhecimento do terreiro do Cobre.

ANEXO – A

TERREIRO DO COBRE – CARTA AO PROCURADOR DA JUSTIÇA DA BAHIA

Sr. Procurador,

A sociedade Beneficente e religiosa Filhos de Flaviana Bianch, CGC nº 01.724.296-001-56, entidade civil sem fins lucrativos, situada à Rua Apolinário Santana, 156 – Engenho Velho da Federação, Salvador – Bahia, é uma instituição legalmente constituída que representa o Candomblé Terreiro do Cobre. É nesta condição de legítima e legal representante de nossa comunidade religiosa que vimos diante de V. Ex^a expor e esclarecer o seguinte:

1. O terreiro do Cobre é um dos mais antigos e tradicionais Terereiros de Candomblé da Bahia. Sua história remonta ao século XIX quando no final de 1889 se transferiu da Barroquinha para o então Engenho velho de Cima. Segundo os relatos orais dos mais velhos, que são os veículos de comunicação dos descendentes de africanos, o Cobre teria sido fundado por uma filha de africanos da cidade de Kossô.

Instalado no Engenho Velho de Cima, hoje Engenho Velho da Federação, o Cobre passa a ser dirigido, ainda no século XIX, pela Iyalorixá Flaviana Maria da Conceição Bianchi, ela própria filha da fundadora. Por razões da tradição da Casa, somente os descendentes consanguíneos podem dirigir espiritualmente o terreiro.

No período que dirigiu o Cobre, Iyá Flaviana Bianchi o transformou em um dos maiores e mais respeitados Templos Afrobrasileiros da Bahia. Teria sido ela responsável pela iniciação de mais de 300 filhos de Santo (Carneiro: 1948), sendo que muitos fundaram as suas próprias Casas de Culto.

Jorge Amado, o mais famoso escritor da Bahia e um dos maiores do Brasil, no seu famoso livro Bahia de Todos os Santos, relaciona o Terreiro do Cobre, da Mãe Flaviana Bianchi, como “Casa séria”. No mesmo texto, indica o seu endereço que é o mesmo da atualidade, isto é, a Rua Apolinário Santana (Amado: 1991). Edison Carneiro, um dos mais respeitados etnógrafos do Brasil e um dos mais consagrados defensores do Candomblé da Bahia, na primeira metade do atual século, período cruel da repressão policial, cita o terreiro do Cobre em duas oportunidades. A primeira em seu conhecido livro o Candomblés da Bahia nas páginas 86, 124, 129, 130, 174 e 175. Observe-se que a primeira edição deste livro é de 1948, portanto, oito anos após o falecimento de Mãe

Flaviana Bianchi. A segunda citação de Carneiro é em um artigo onde o escritor comenta um livro de José Medeiros, chamado Candomblé (Medeiros:1957), quando afirma ser o Cobre uma das “casas mais significativas da Bahia”, ao lado de terreiros como o Gantois, Casa Branca e Axé Opô Afonjá. No primeiro livro mencionado, Candomblés da Bahia, Edison Carneiro refere-se (p. 86) a uma festa chamada corda de Ibeji como uma originalidade só cultuada no Cobre, tradição que, aliás, é mantida até os dias atuais. Na página 124, o mesmo autor assinala que a numerosa “prole” de iniciados no terreiro do Cobre, assim como em outros Candomblés conhecidos, se deve à importância do mesmo no cenário religioso.

Das reiteradas citações, depreende-se que o Terreiro do Cobre não só era conhecido da Bahia antiga como também respeitado pela sociedade com que sempre cultuou o Candomblé, e não é por outra razão, as elogiosas menções de pessoas tão insuspeitas como Jorge Amado e Edison Carneiro.

2. Após o falecimento da Iyalorixá Flaviana Bianchi, em agosto de 1940, com 90 anos de idade (Carneiro: p.130), a direção do Terreiro ficou sob a responsabilidade de sua filha consanguínea Maria Eugênia de Jesus, Maria de Oxum, segundo Jorge Amado (p. 180), que o dirigiu até 1978. Com o falecimento desta, o Cobre foi zelado por D. Das Dores de Iemanjá, velha liderança do Cobre, que também viria a falecer no final da década de oitenta.

Como já foi mencionado, o Terreiro do Cobre só pode ser dirigido por pessoas da mesma linhagem de parentesco. Por isso, com o falecimento de D. Das dores, o Cobre somente teria nova liderança espiritual no início da década de noventa, quando os orixás escolheram a mãe Valnisia Pereira de Oliveira, bisneta de Flaviana Bianchi, para ser a Iyalorixá do Terreiro do Cobre.

Quando assumiu o cargo de líder espiritual do terreiro do Cobre, Mãe Valnisia de Ayrá, encontrou as instalações físicas da casa em precário estado de conservação. Estava posto para ela, então, como cultuadora de orixá e originária da famosa Casa Branca, terreiro irmão do Cobre, a tarefa de fazer um enorme esforço não só para recolocar o Cobre na sua tradicional condição de um Candomblé de destaque como também a responsabilidade de juntar as antigas pessoas da comunidade para recuperar os danos físicos provocados pelo tempo durante o período em que o Cobre esteve fechado. É dessa época que, em mutirão, os remanescentes da comunidade religiosa centenária tomaram a iniciativa de reconstruir casas de obrigações dentro e fora do barracão principal e construção de muro de proteção em torno dos locais sagrados de obrigação.

Em 1994, a então Prefeita de Salvador, sabedora das tradições do Terreiro do Cobre, colaborou também com as reformas do mesmo. Com esses esforços conjuntos o Cobre pode, hoje, ostentar da orgulhosa condição de uma Casa respeitada por todos os cultuadores e simpatizantes do candomblé, não somente pela beleza das suas festas públicas como também pela seriedade, respeito, harmonia e paz de como pratica a religião. Além disso, confirma o respeito às tradições ancestrais, haja vista a permanência no terreiro de familiares que conheceram ainda em vida a Iyalorixá Flaviana Bianchi e permanecem até os dias atuais praticando os ensinamentos, como D. Aristotelina Fiúza – Telinha de Yemanjá-, 73 anos, D. Moura Miranda Pereira, neta de Iyá Flaviana, Ekede de 76 anos, D. Edite Cardoso Miranda, Ekede de 86 anos e D. Joana de Obaluaê, 68 anos de iniciada e 88 anos de idade. Por esta razão é que o Cobre tem estado hoje voltado precipuamente para o culto do Candomblé, e, ao mesmo tempo, procurando desenvolver atividades sociais para toda a comunidade em sua volta.

4. É nesse sentido que três projetos de natureza educacional estão sendo executados por nossa sociedade civil. O primeiro é o da Tele Sala do 1º grau, em convênio com a fundação Roberto Marinho, que procura alfabetizar pessoas adultas da comunidade que não tiveram oportunidades em estabelecimentos oficiais. O segundo é o Projeto de Profissionalização da Cidadania, em convênio com o CEFET e instituições da sociedade civil, cujo objetivo é capacitar os adolescentes do bairro em profissões que os possibilitem almejar o tão sonhado primeiro emprego. Finalmente, o mais recente Projeto social do Cobre, em convênio com a Fundação Cultural Palmares/ MINC, tem como objetivos alfabetizar, treinar profissionalmente e desenvolver práticas culturais de origem afrobrasileira com crianças e jovens da comunidade. Com esses Projetos, a Sociedade Beneficente e Religiosa Filhos de Flaviana Bianchi, de acordo com as orientações da nossa Iyalorixá Mãe Valnisia de Ayrá, busca dar a sua parcela de contribuição para que as crianças e adolescentes da comunidade do Engenho Velho da Federação tenham um futuro mais promissor na sociedade, o que, para nós, é também uma forma de fortalecer a autoestima religiosa dos nossos filhos e irmãos.

5. Diante das informações históricas, baseadas nas fontes documentais supracitadas, e as iniciativas presentes acima mencionadas, comprova-se que o Terreiro do Cobre é uma instituição antiga e com uma ocupação territorial comprovada e ininterrupta desde o século passado até os dias atuais.

Ademais, procuramos demonstrar também que o nosso Terreiro, ao longo do tempo, tem procurado preservar as qualidades positivas de sua herança religiosa ancestral e,

além disso, buscando ampliar o seu raio de atuação ao incorporar aquelas preocupações mais contemporâneas, como as ações de ordem socioeducacional citadas bem exemplificam.

Para dar mais consistência às referencias mencionadas, procuramos anexar cópias dos materiais consultados e referidos, assim como sugerimos a esta respeitável procuradoria, caso seja necessário, a consulta sobre o que se afirma às instituições insuspeitadas, a exemplo da Federação Baiana de Cultos AfroBrasileiros e o Centro de Estudos Afro-Orientais.

Valnizia Pereira de Oliveira
Yalorixá do Terreiro do Cobre

GLOSSÁRIO

Abará: Iguaria da culinária africana

Abiãs: Pessoa que está se preparando para iniciação no candomblé

Acaçá: alimento feito do milho branco enrolado na folha de bananeira

Acarajé: Alimento preparado com feijão fradinho

Adja: Um instrumento sagrado e sem substituição nos rituais do Candomblé

Alafin: Rei

Aiyé: Mundo

Amalá: Comida feita com quiabo para o orixá Xangô

Axé: Energia, força

Axexê: Ritual ligado à morte dos adeptos do candomblé

Ayrá: Orixá da família de Xangô, ligado ao fogo

Banto: Etnia africana

Bi: Nascer

Eboori: Culto nagô a Olori, “o senhor das cabeças”

Egbomi: Filha de santo com mais de sete anos de feita

Ejé: Sangue

Ejírê: Gêmeos

Ekodide: Pena vermelha, extraída da cauda de um tipo de papagaio africano

Ethos: O termo indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros

Ewo: São regras de conduta exigidos pelos orixás na feitura de santo do que um iniciado não pode comer ou fazer

Gege: Nação do candomblé do povo Nagô

Ibeji: Nascido a dois

Ibi: Nascido

Igbá: é o nome dos assentamentos sagrados dos orixás na cultura nagô

Ileke: Colar

Ketu: Nação de candomblé do povo Yorubano

Meji: Dois

Motumbá: Saudação entre o povo do culto Yorubano

Ogãs: Cargo masculino ligado ao culto dos Orixás

Oió: Cidade da Nigéria origem do reino de Xangô

Ori: cabeça

Oriki: É o canto para chamar a si um orixá iorubano

Orun: É o céu ou mundo espiritual

Oxé: Machado de Xangô

Ta: Iluminem, derramem, espalhem luz

Yalorixá: Sacerdotisa dos orixás

Yaôs: Pessoa iniciada no candomblé

Yorubá: Etnia africana e língua falada da Nigéria

Yku: Morte